



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

HEUTHELMA RIBEIRO BRAGA SANTOS

DIÁSPORA DO SIGNIFICANTE, A ERRÂNCIA DO SUJEITO
EM A HORA DA ESTRELA DE CLARICE LISPECTOR

JOÃO PESSOA/PB

2021

HEUTHELMA RIBEIRO BRAGA SANTOS

**DIÁSPORA DO SIGNIFICANTE, A ERRÂNCIA DO SUJEITO
EM A HORA DA ESTRELA DE CLARICE LISPECTOR**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal da Paraíba (PPGL/UFPB) como requisito para obtenção de grau de mestre na Área de Concentração: Teoria, Literatura e Crítica e Linha de Pesquisa 3: Poéticas da Subjetividade, sob a orientação do Prof. Dr. Hermano de França Rodrigues.

JOÃO PESSOA/PB

2021

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

N799d Santos, Heuthelma Ribeiro Braga.

Diáspora do significante, a errância do sujeito em a
hora da estrela de Clarice Lispector / Heuthelma
Ribeiro Braga Santos. - João Pessoa, 2021.
80 f.

Orientação: Hermano de França Rodrigues.
Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCHLA.

1. Literatura. 2. Psicanálise. 3. Constituição do
sujeito. I. Rodrigues, Hermano de França. II. Título.

UFPB/BC

CDU 82(043)



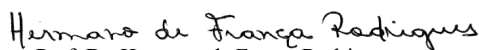
UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO DO(A) ALUNO(A)
HEUTHELMA RIBEIRO BRAGA SANTOS

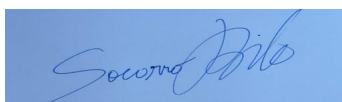
Aos trinta e um dias do mês de agosto do ano de dois mil e vinte e um, às catorze horas, realizou-se, por videoconferência, a sessão pública de defesa de Dissertação intitulada: “DIÁSPORAS DO SIGNIFICANTE, METÁSTASES DA DOR: NASCIMENTO E MORTE DA SUBJETIVIDADE EM A HORA DA ESTRELA, DE CLARICE LISPECTOR”, apresentada pelo(a) aluno(a) Heuthelma Ribeiro Braga Santos, que concluiu os créditos exigidos para obtenção do título de MESTRA EM LETRAS, área de Concentração em Literatura, Teoria e Crítica, segundo encaminhamento da Profª Drª Daniela Maria Segabinazi, Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPB e segundo os registros constantes nos arquivos da Secretaria da Coordenação da Pós-Graduação. O professor Doutor Hermano de França Rodrigues (PPGL/UFPB), na qualidade de orientador, presidiu a Banca Examinadora, da qual fizeram parte os Professores Doutores Eneida Maria Gurgel de Araújo (UEPB) e Maria do Socorro Brito Araújo (UFRJ). Dando início aos trabalhos, o(a) Senhor(a) Presidente Hermano de França Rodrigues convidou os membros da Banca Examinadora para comporem a mesa. Em seguida, foi concedida a palavra à mestranda para apresentar uma síntese de sua dissertação, após o que foi arguida pelos membros da Banca Examinadora. Encerrando os trabalhos de arguição, os examinadores deram o parecer final, ao qual foi atribuído o seguinte conceito: Aprovado. Proclamados os resultados pelo Presidente da Banca Examinadora, foram encerrados os trabalhos e, para constar, eu, Hermano de França Rodrigues (Secretário *ad hoc*), lavrei a presente ata que assino juntamente com os membros da Banca Examinadora.

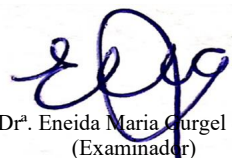
João Pessoa, 31 de agosto de 2021.

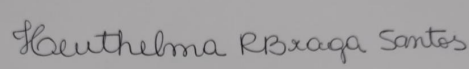
Parecer:

A discente cumpriu, com louvor, as etapas previstas na defesa


Prof. Dr. Hermano de França Rodrigues
(Presidente da Banca)


Profª. Drª Maria do Socorro Brito Araújo
(Examinadora)


Profª. Drª. Eneida Maria Gurgel de Araújo
(Examinador)


Heuthelma Ribeiro Braga Santos
(Mestranda)

Tudo no mundo começou com um sim. Uma molécula disse sim a outra molécula e nasceu a vida. Mas antes da pré-história havia a pré-história da pré-história e havia o nunca e havia o sim. Sempre houve. Não sei o quê, mas sei que o universo jamais começou (LISPECTOR, 1977, p. 11).

RESUMO

Nesta dissertação, visa-se refletir sobre a Constituição do Sujeito, fazendo um percurso pelas ideias psicanalíticas de Sigmund Freud (1856 -1939) e Jacques Lacan (1901-1981) e, mais precisamente, a partir da análise da personagem Macabéa, da obra literária *A Hora da Estrela* (1977), da escritora Clarice Lispector (1920-1977). Teorias psicanalíticas revelam que o ser humano se constitui na relação com o outro e que a forma como o bebê é acolhido no mundo, na sociedade e na família é determinante para que o sujeito possa advir. Levando-se em consideração essa problemática, tem-se a seguinte questão de pesquisa: Quais as implicações da precariedade nas relações de Macabéa com o Outro e como essas lacunas reverberam em sua vida adulta enquanto marcas na constituição do sujeito? Como hipótese, percebe-se que a qualidade na relação da personagem com o Outro foi determinante para a constituição de um sujeito primitivo, por assim dizer, precário, incapaz de ascender-se socialmente, a ponto de não fazer sua voz ecoar com autonomia em relação às demais pessoas que a cercam. Ademais, a realidade vivenciada por essa protagonista, tomando como parâmetro certos casos clínicos, não é algo distante do que de fato ocorre na realidade, sendo esta análise, portanto, relevante para a compreensão da constituição do sujeito, no que diz respeito, particularmente, à sua errância. Com base nesses questionamentos, tem-se como objetivo geral o de fazer um percurso pelas teorias psicanalíticas sobre a Constituição do Sujeito, ancorando-se no campo simbólico da linguagem e fazendo uma ligação com a literatura, mais precisamente por meio da análise da personagem Macabéa. Em relação aos aspectos metodológicos, na presente pesquisa, vale-se da abordagem qualitativa, a fim de aprofundar a reflexão envolvendo questões relativas à constituição do sujeito. Para tanto, o estudo será embasado em fontes bibliográficas e também em casos clínicos, tendo as seguintes categorias de análise em mente: Constituição do Sujeito, Relação com o Outro, Literatura e Psicanálise. O estudo revela que não só as marcas e as lacunas deixadas, mas também como Macabéa recepcionou o modo como a ela se dirigiam, acabaram por influir na constituição de um sujeito primitivo, precário, carente de voz e autonomia.

Palavras-chave: literatura; psicanálise; constituição do sujeito.

ABSTRACT

This dissertation aims to reflect on the Constitution of the Subject, making a journey through the psychoanalytic ideas of Sigmund Freud (1856-1939) and Jacques Lacan (1901-1981) and, more precisely, from the analysis of the character Macabéa, from the literary book *A Hora da Estrela* (1977), by writer Clarice Lispector (1920-1977). Psychoanalytic theories reveal that the human being is constituted in the relationship with the other and that the way the baby is welcomed in the world, in society and in the family is crucial for the subject to come about. Taking this issue into consideration, the following research question arises: What are the implications of precariousness in Macabéa's relationships with the Other and how do these gaps reverberate in her adult life as marks in the constitution of the subject? As a hypothesis, it is noticed that the quality of the character's relationship with the Other was crucial to the constitution of a primitive subject, that is, precarious, incapable of socially ascending, to the point of not making his voice echoing autonomously in relation to the other people around her. Furthermore, the reality experienced by this protagonist, taking as a parameter certain clinical cases, is not far from what actually occurs in reality, and this analysis is therefore relevant to understanding the constitution of the subject, particularly with regard to your wandering. Based on these questions, the general objective is to make a journey through psychoanalytic theories about the Constitution of the Subject, anchoring in the symbolic field of language and making a connection with literature, more precisely through the analysis of the character Macabéa. Regarding the methodological aspects, in this research, the qualitative approach is used, in order to deepen the reflection involving issues related to the constitution of the subject. Therefore, the study will be based on bibliographical sources and also on clinical cases, having the following categories of analysis in mind: Constitution of the Subject, relationship with the Other, Literature and Psychoanalysis. The study reveals that not only the marks and gaps left, but also how Macabéa welcomed the way others addressed her, ended up influencing the constitution of a primitive, precarious subject, lacking in voice and autonomy.

Keywords: literature; psychoanalysis; constitution of the subject.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
2 O SUJEITO E AS DIFERENTES CONCEPÇÕES IMPLICADAS NA SUA CONSTITUIÇÃO.....	10
2.1 O SUJEITO NAS DIFERENTES ÁREAS DO CONHECIMENTO HUMANO	10
2.2 NOÇÕES DE SUJEITO DA PSICANÁLISE.....	16
2.1.1 COMO O SUJEITO SE CONSTITUI.....	17
2.1.2 A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO: UM PERCURSO POR FREUD.....	18
2.1.3 A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO NA CONCEPÇÃO DE LACAN	20
2.2.4 A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO: RELAÇÃO COM O OUTRO.....	27
3 PSICANÁLISE E LITERATURA.....	49
3.1 FREUD E A LITERATURA	49
3.2 A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA NA FUNDAMENTAÇÃO DA TEORIA PSICANALÍTICA.....	51
3.3 CLARICE LISPECTOR: UMA ESCRITORA ALÉM DE SEU TEMPO.....	54
3.4 A OBRA A HORA DA ESTRELA.....	63
4 MACABÉA E O SUJEITO DA REALIDADE: A COMPREENSÃO DA CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO A PARTIR DE UMA ANÁLISE INTERTEXTUAL ENTRE CASOS CLÍNICOS E CASO FICCIONAL.....	69
4.1 COMPREENSÃO DA CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO A PARTIR DA ANÁLISE DA PERSONAGEM MACABÉA E RECORTES DE CASOS CLÍNICOS.....	69
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	76
REFERÊNCIAS.....	77

1 INTRODUÇÃO

Falar a respeito de sujeito, mais precisamente sobre a sua constituição, é muito relevante. Compreender como a constituição do sujeito se dá, ainda que por meio da literatura, e atrelada a recortes de casos clínicos situados na nossa contemporaneidade, poderá ensinar uma atualização da Constituição do Sujeito¹. No que se refere à visita da obra de Clarice Lispector², mais precisamente da personagem Macabéa de *A Hora da Estrela*, a relevância torna-se ainda mais evidente ao se considerar que a autora conseguiu, de modo bastante peculiar, falar sobre as questões e sentimentos humanos, enfim, questões relativas ao ser e que comumente são tratadas pela Psicanálise. Para dar conta dessas questões, será seguido o percurso de Sigmund Freud³ e os ensinamentos de Jacques Lacan⁴ no que diz respeito à Constituição do Sujeito. Por ora, pode-se sinalizar que, para a Psicanálise, o sujeito constitui-se na relação com o Outro, no campo simbólico, por meio da linguagem.

O tema da Constituição do Sujeito despertou o interesse da presente pesquisadora a partir de estudos da teoria psicanalítica e da sua experiência na escuta clínica em consultório e no serviço público, a qual procura entender como acontecem as relações dos bebês com seus cuidadores especialmente com o agente da função materna e como estes bebês se constituem em sujeitos desejantes. O trabalho com crianças, a participação em grupos com mães e bebês, o interesse em saber como cada ser humano se torna quem ele é e o que pode interferir no advir da criança como sujeito instigaram a pesquisadora a realizar o presente estudo.

De um ponto de vista mais amplo, trabalhar a Constituição do Sujeito implica dizer que este se constitui na relação com o Outro. Essa relação se dá pelo olhar, pela voz, pelo desejo dos pais, principalmente da mãe, também pelo nome próprio que lhe é dado. Ao nascer a criança já encontra uma estrutura pré-existente, sua constituição vai depender do lugar que ela venha a ocupar; é necessário ser esperado e antecipado em um lugar simbólico determinado. Numa interface entre Psicanálise e Literatura, ao se analisar a protagonista Macabéa, percebe-se que ocorreram falhas na sua formação, visto que lhe faltou o que supostamente seria necessário, imprescindível para a pessoa se tornar um sujeito desejante, mais determinado, mais consciente

¹ “Sujeito. Ser humano, submetido às leis da linguagem que o constitui, e que se manifesta de forma privilegiada nas formações do inconsciente. O sujeito, em psicanálise, é o sujeito do desejo, que S. Freud descobriu o inconsciente” (CHEMAMA, 1995, p. 208).

² Escritora, nasceu em 1920 e morreu em 1977.

³ Médico neurologista austríaco que desenvolveu a teoria psicanalítica; nasceu em 1856 e morreu em Londres, em 1939.

⁴ Médico e psicanalista francês. Valeu-se das ideias de Freud, porém dando enfoque à linguagem. Nasceu em 1901 e faleceu em 1981.

de si, ou seja, um sujeito assim por dizer menos primitivo, ou precário. Então, valendo-se dessa obra e de certos casos clínicos, decidiu-se investigar e analisar de que modo ocorrem as lacunas nas primeiras relações com o Outro e quais as implicações que essas lacunas tendem a reverberar na vida adulta.

Levando-se em consideração a problemática exposta acima, tem-se então a seguinte questão de pesquisa: Quais as implicações da precariedade nas relações de Macabéa com o Outro e como essas lacunas reverberam em sua vida adulta enquanto marcas na constituição do sujeito?

Como hipótese, percebe-se que a qualidade da relação da personagem com o Outro foi determinante para a constituição de um sujeito primitivo, por assim dizer, precário, incapaz de ascender-se socialmente, a ponto de não fazer sua voz ecoar com autonomia em relação às demais pessoas que a cercam. Além disso, a realidade vivenciada por essa protagonista, tomando como parâmetro certos casos clínicos, não é algo distante do que de fato ocorre na realidade, sendo esta análise, portanto, relevante para a compreensão da constituição do sujeito, no que diz respeito, particularmente, à sua errância. Cabe ressaltar que, para além dessa contribuição, este estudo se alinha ainda à Área de Concentração: Teoria, Literatura e Crítica e, mais precisamente, à Linha de Pesquisa 3: Poéticas da Subjetividade.

Com base nesses questionamentos, tem-se como Objetivo Geral o de fazer um percurso pelas teorias psicanalíticas de Sigmund Freud, Jacques Lacan e certos teóricos pós-freudianos sobre a Constituição do Sujeito, ancorando-se no campo simbólico da linguagem e fazendo-se uma ligação com a literatura, mais precisamente por meio da análise da personagem Macabéa, da obra *A Hora da Estrela* da escritora Clarice Lispector, tendo-se, assim, os seguintes Objetivos Específicos: I. Descrever as situações vivenciadas pela personagem Macabéa, traçando-se um paralelo com recortes de casos clínicos relacionados à sua constituição, respectivamente, enquanto ser ficcional e ser da vida real; II. Investigar os determinantes do surgimento do sujeito, por meio da teoria psicanalítica e tomando como parâmetro os fatos descritos vivenciados pela personagem da obra e a paciente de um clínico; III. Identificar como a relação com o Outro, nas primeiras trocas e cuidados, a partir do campo simbólico da linguagem, pode reverberar no corpo do sujeito em construção; IV. Compreender quais marcas ou lacunas podem interferir na constituição de um sujeito; e V. Estudar os efeitos que o próprio nome tende a conferir a um sujeito, a partir da análise da personagem, de casos clínicos relatados na clínica e de casos descritos em livros [por exemplo, no livro de Françoise Dolto, *Introdução à Psicanálise*].

O sujeito que aqui se trata é o sujeito da Psicanálise, segundo Lacan, sujeito do desejo, do inconsciente. Falar-se-á em sujeito, a partir da análise da personagem Macabéa e suas relações com o Outro, mais precisamente com sua tia e com Olímpico de Jesus, com quem namorou, a conexão da personagem com o mundo e, finalmente, seu encontro, com a cartomante, quando Macabéa é atropelada pela promessa de ser.

Em relação aos aspectos metodológicos, na presente pesquisa, vale-se da abordagem qualitativa, a fim de aprofundar a reflexão envolvendo questões de constituição do sujeito. Para tanto, o estudo será embasado em fontes bibliográficas e também em casos clínicos, tendo as seguintes categorias de análise em mente: Constituição do Sujeito, relação com o Outro, Literatura e Psicanálise.

O presente trabalho encontra-se dividido em três capítulos principais, além deste capítulo introdutório e do capítulo voltado para a apresentação das considerações finais. No segundo capítulo, apresenta-se a definição de sujeito e como se constitui. Tratar-se-á do conceito de sujeito da psicanálise, termo usado por Lacan, distinto do sujeito de outras áreas do conhecimento como a sociologia, biologia, psicologia. Pretende-se definir mais precisamente o Sujeito da Psicanálise, fazendo-se um percurso pela obra de Freud e pela de Lacan.

No terceiro capítulo, por sua vez, tratar-se-á de Psicanálise e Literatura, uma vez que a literatura pode ser compreendida como a arte de criar e recriar textos, sendo, portanto, a linguagem um ponto em comum. A Literatura preexiste à Psicanálise e pode ser tomada como expressão do inconsciente para, mediante as palavras, apreender a experiência humana da realidade. É sobre a constituição do sujeito, mais precisamente relacionada ao contexto literário, que se pretende discutir.

Já no quarto capítulo, procurar-se-á analisar a construção da personagem Macabéa, demonstrando, por meio de casos clínicos, o quão presentes na realidade se encontram os traços relacionados a essa construção, ou seja, analisar-se-á a constituição do sujeito real a partir da compreensão dos traços constitutivos de uma personagem ficcional.

2 O SUJEITO E AS DIFERENTES CONCEPÇÕES IMPLICADAS NA SUA CONSTITUIÇÃO

Neste capítulo, apresenta-se a definição de Sujeito e como este se constitui. Trata-se do conceito de Sujeito da Psicanálise, distinto do sujeito de outras áreas do conhecimento como a Sociologia, a Biologia, a Psicologia. Em seguida, faz-se um percurso pelas obras de Freud e pelas de Lacan.

2.1 O SUJEITO NAS DIFERENTES ÁREAS DO CONHECIMENTO HUMANO

De acordo com Roland Chemama no Dicionário de Psicanálise Larousse, o sujeito da psicanálise é o sujeito do desejo, delineado por Sigmund Freud no inconsciente, marcado e movido pela falta, distinto tanto do ser biológico quanto do sujeito da consciência filosófica. Não é, portanto, o eu freudiano oposto ao Isso e ao Supereu, nem tampouco é o *eu* da gramática. Para Jacques Lacan, o sujeito do desejo se constitui pela inserção do homem numa ordem simbólica que o antecede, atravessado pela linguagem, tomado pelo desejo de um Outro e mediado por um terceiro (CHEMAMA, 1995, p. 208).

É importante destacar que o surgimento da psicanálise se deu no seio da modernidade, momento em que o discurso da ciência substitui o discurso teológico, e a noção de subjetividade passa a ser dominada pela razão, portanto, conduzida pela consciência. O autocentramento do sujeito no eu e na consciência é o marco cartesiano, com a célebre formulação *penso, logo sou*, que atribui ao eu o seu reinado, subjugando o conceito de inconsciente, ficando este reduzido a uma espécie de consciência desconhecida. A filosofia ocidental define o sujeito como sendo “o sujeito do conhecimento, do direito ou da consciência”, e que desde “René Descartes (1596-1650) e Immanuel Kant (1724-1804) até Edmund Husserl (1859-1938), o sujeito é definido como o próprio homem enquanto fundamento de seus próprios pensamentos e atos” (ROUDINESCO, 1998, p. 742). Esse tipo de posicionamento é indicativo de que “a individualidade é a categoria fundamental que define o ideário da modernidade” (BIRMAN, 2006, p. 39);

Neste contexto, surgem os pensadores de Marx, Nietzsche e Freud, introdutores de uma série de quebras de ideias e de mitos a respeito dos valores, da ciência e do sujeito produzidos pela modernidade. A esse respeito, Birman (2006) afirma que esses pensadores promoveram uma ruptura com o eixo central da modernidade e desencadearam questionamentos a respeito do reinado do eu e da razão. Com esse prisma de análise, o autor assinala que, com Marx, o

descentramento do eu se deu em relação à economia e à política, num reconhecimento das forças produtivas como ordenadoras da sociedade. Com Nietzsche, aclamaram-se as relações de força e de poder como centrais e reguladoras do humano, também derrubando a primazia do eu e da consciência, e por sua vez, Freud realizou o abalo do estatuto de soberania do eu, da consciência e da razão com uma nova concepção sobre o inconsciente. Com essa concepção freudiana, na qual o inconsciente passa da condição de apêndice de consciência à estrutura particular e determinante da subjetividade, o sujeito se torna cindido em duas formas de funcionamento, a consciente e a inconsciente.

Um ponto fundamental e inaugural da teoria freudiana é a noção de clivagem da subjetividade, através da formulação do inconsciente enquanto um sistema psíquico regido por leis próprias, instaurando um afastamento e um descentramento de outro sistema, a consciência. Essa divisão em instâncias psíquicas diferenciadas e antagônicas, indicativa de uma subjetividade essencialmente clivada, refere-se a uma cisão de regimes, de dois modos diferentes do funcionamento do psiquismo (GARCIA-ROZA, 2001). A proposta de Freud sobre o inconsciente é caracterizá-lo como uma instância psíquica marcada por uma particular maneira de operar, regulado por leis diferentes daquelas ordenadoras da consciência.

Além de ser caracterizado como um sistema com lógica própria e, via de regra, diversa à da consciência, o inconsciente, para Freud, é o que genuinamente constitui a subjetividade. Nesse caso, o descentramento, do eu e da consciência e a quebra da apregoada unidade da subjetividade promovem um novo ordenamento: subjetividade cindida e primordialmente regida pelo inconsciente.

A concepção de um modo de operar característico do inconsciente leva à ideia de uma inexistência de arbitrariedade nos acontecimentos psíquicos, pois eles são determinados pela lógica do inconsciente. Isso implica dizer que o inconsciente não é o caos, o mistério, o ilógico, e que as formações do inconsciente - sonhos, chistes, lapsos, atos falhos, apontados na teoria freudiana como formas metafóricas de manifestação do inconsciente - indicam, mais uma vez, a existência de um sujeito não unificado. Trata-se do sujeito do inconsciente, da cisão entre sujeito do enunciado e da enunciação, noções desenvolvidas por Lacan a partir da obra freudiana.

A aparição do sujeito no cenário do pensamento se fez através da angústia e da incerteza em relação ao que se dera até então como um mundo mais ou menos compreensível para o entendimento do homem. Não se trata de dizer que não havia crises no pensamento até esse momento, mas de saber discernir a magnitude dessa crise em particular o advento da ciência

moderna e sua separação da filosofia – e fazer a verificação precisa de seu valor de corte maior (ELIA, 2004).

Em Kant o sujeito não aparecerá como um *res*, substância consistente como em Descartes, mas como *Vazio* que, no campo do *Entendimento*, introduz a *Razão*, momento em que o sujeito é transcendental, não individual nem psicológico, sem que para isso seja necessário recorrer à *res* divina. O sujeito transcendental de Kant se aproxima mais do inconsciente freudiano do que qualquer outra noção psicológica de *indivíduo psicofísico*, razão pela qual sua consideração interessa aos psicanalistas e estudiosos da psicanálise (ELIA, 2004).

Birman (1997) em “O sujeito no discurso freudiano”, busca delinear o lugar do sujeito centrado e do descentrado. A primeira concepção é da filosofia do sujeito inaugurada por Descartes, no século XVII, que mostra o indivíduo como coerente e único, identificado com o *eu* do pensamento. A segunda é de um sujeito polivalente, ou seja, que não possui uma única versão, é constituído a partir de sua relação com o outro.

A partir do conceito freudiano de inconsciente aparece uma nova concepção de sujeito, de um sujeito dividido, portador de um desejo do qual não sabe. A psicanálise subverte o cogito de Descartes, *penso, logo sou*, apontado para: *sou onde não penso*. E é desse lugar descentrado que o inconsciente vai se manifestar, onde o *eu da consciência*, cartesiano, não se confunde com o sujeito do desejo. O processo de divisão (*spaltung*) do sujeito apresentado por Freud vai ser generalizado por Lacan, que afirma que essa é a característica fundamental do sujeito do inconsciente, onde qualquer ideal de harmonia e a noção de inteiro é incompatível com o conceito de sujeito.

Lacan fez uma leitura da teoria freudiana contemplando contribuições advindas da tradição filosófica alemã, em especial, de Heidegger e Hegel, da linguística estrutural de Ferdinand de Saussure e do estruturalismo de Lévi-Strauss para fundamentar seu resgate dos fundamentos freudianos, que julgava perdidos ou distorcidos, e para desenvolver suas próprias formulações teóricas, incluindo sua noção de inconsciente e de sujeito. Lacan substitui a herança do crivo freudiano, calcado na Biologia, na Neurologia e na Física, por outro, que denominou de estrutural e é organizado por três registros: Imaginário, Simbólico e Real. Essa concepção de estrutura é indicativa da dependência do sujeito a uma ordem que o ultrapassa e que está na sua origem - o Simbólico, e esse posicionamento e ordenação dos três registros da realidade humana derivam da influência e dos efeitos da teorização da Lévi-Strauss.

Quando Lacan (1964/1988, p. 25) postula que “o inconsciente é estruturado como linguagem”, e, ainda que “o sujeito é efeito do significante”, ele segue os passos de Lévi-Strauss, indicando a existência de um sistema de relações pré-existentes ao sujeito e de uma

ordem significante que o antecede, pois o Outro que lhe precede está já tomado pela linguagem. Ao nascer, o homem é inserido em uma ordem humana que lhe é anterior, uma ordem social na qual ele adentra através da linguagem e da família. Assim, a história do sujeito o antecede por um mito familiar que passa a recobri-lo a partir de seu nascimento e através da linguagem - linguagem que é, em essência, sempre equivocada e passível de múltiplas interpretações, facilitadora da construção de um mito individual em referência ao mito familiar.

A linguística estrutural introduz e ressalta a importância do eixo sincrônico para o estudo da língua, o que significa dizer que a significação das palavras depende do sistema da língua e que a dimensão diacrônica ou histórica não é suficiente para tal estudo.

É pela estrutura da língua que Lacan (1964) propõe relacionar o funcionamento do inconsciente e é pela linguagem, pelo discurso, que o inconsciente pode advir. A partir da noção de estrutura, que segundo a Linguística, organiza-se como estrutura, como sistema operante na língua, que Lacan se apropria, não sem importantes modificações, de dois aspectos: o valor do signo e, por conseguinte, a diferença entre significantes e significado, e os dois cortes do sistema de linguagem, resultando nos eixos paradigmático e sigmático que organizam o discurso⁵.

A partir desses fundamentos estruturalistas, e enfatizando as proposições freudianas, Lacan (1964/1988) formula a tese de que o inconsciente é pré-ônico e pulsátil: não é objetivado, localizável, nem da ordem da realidade é pura potência (representação de coisa) para o dizer (articulação entre representação de coisa e representação de palavra). É também, através de sua particular tomada de elementos da linguística estrutural que Lacan retoma a descontinuidade – pois é, de acordo com Freud, através do disfarce nos sonhos, no tropeço da fala ou na memória, e ainda na formação sintomática, que teremos a emergência do inconsciente – como caráter inaugural na descoberta freudiana e avança para a indicação que é na rachadura, no intervalo, na fenda que o inconsciente se manifesta, não apenas no tropeço, e sim em toda cadeia discursiva, seja entre dois significantes ou na passagem de um significante a outro.

A respeito do sujeito em outras áreas da ciência, pode-se refletir também acerca do sujeito da medicina. Diferentemente desta área, a psicanálise está fundada num campo em que o homem não é seu objeto. O objeto da psicanálise é o inconsciente. O princípio do campo teórico fundado por Freud e revisado por Lacan é de um sujeito em sua divisão constitutiva,

⁵ A relação entre significado (conceito) e significante (imagem acústica) constitui o chamado signo linguístico, ordenado por uma separação entre seus dois elementos. Essa separação é interpretada por Lacan pela via de uma autonomia do significante em relação ao significado, autonomia que leva à consideração de uma supremacia do primeiro em relação ao segundo, numa subversão da proposição inicial de Saussure (DOR, 1989/2003).

dividido entre o saber e a verdade, nele introduzindo uma formalização completamente inovadora. O homem definido pela medicina é aquele que deve ter boa saúde e quando isso não ocorre, é destituído dessa condição para ser *o doente* que, num certo sentido, anônimo e despossuído de sua subjetividade, não é sequer o verdadeiro objeto do discurso médico. É a doença que passa a ser estudada, para ser curada e devolver ao doente sua condição de homem (NAZAR, 2008).

A psicanálise coloca-se numa posição distinta na medida em que seu discurso é exatamente o avesso do discurso médico. Se a medicina vigora na ciência, onde o objeto produzido funda a realidade médica, a psicanálise insiste na *pouca realidade*, para sermos mais exatos, na realidade enquanto inconsciente (NAZAR, 2008).

A psicanálise privilegia o sujeito, este que a princípio não sabe de si e que necessita de alguém que possa ouvir de onde ele fala, dizendo a verdade do seu sintoma. Enquanto a medicina incide sobre o corpo como objeto capaz de ser capturado por um olhar, muitas vezes invasivo, a psicanálise pretende uma clínica do sujeito (do inconsciente) apreendido pela escuta (NAZAR, 2008). Ainda sobre essa relação, pode-se apresentar a seguinte ideia:

Da medicina à psicanálise, o clínico passa do olho para o ouvido, muda-se de sistema sensorial. Enquanto a medicina se baseia na imagem, a psicanálise aposta na fala. Ela se orienta pelo que o sujeito enuncia. A construção dos conhecimentos se faz pela via da interpretação seguindo o fio do sentido, convocando o clínico para uma relação que o implica de maneira muito diferente da distância necessária à observação médica (ANSERMET, 2003, p. 9).

A psicanálise reconhece as descobertas da ciência, mas inclui nela a ciência do inconsciente enquanto prática do real. Este é o estatuto fundamental da clínica, limite ético imposto pela singularidade da história de cada sujeito, suas relações com o inconsciente e seu corpo, tomados a partir deste lugar.

Conforme o que Nazar (2008) esclarece, a Psicanálise considera o campo da fala e da linguagem como sendo o lugar onde aparece o desconhecido do desejo. Aprendeu por meio de sua práxis que a junção do desejo está para além do que aparece no que diz conscientemente. O inconsciente se mostra por meio da fala, ele é a prova de que o desejo não se confunde com as demandas. O inconsciente permite vislumbrar algo que em sua estrutura e seus efeitos ultrapassa as vontades conscientes, incidindo como marca do sujeito. Trata-se da clínica do real na dialética possível entre o psicanalista e o médico. Ao tratar o paciente, não se pode esquecer que o corpo abordado é mais do que o visível. Ele inclui o corpo de linguagem marcado,

simbolicamente, pelos significantes que compõem não apenas a história da doença, mas sobretudo a história do doente, portanto, a história do sujeito.

A constituição do sujeito foge ao funcionamento do organismo, muito embora inclua o real do corpo. A entrada do sujeito no real só é possível pela constituição de uma rede de demandas, em que o sujeito se deixa capturar, para encontrar aí o desejo que o precede. A passagem do ser vivo a sujeito é operada pela linguagem que se adere ao organismo (NAZAR, 32).

Para a Psicolinguística a aquisição da linguagem verbal está relacionada com a constituição do sujeito inconsciente. Entre o nascimento e a idade de quatro anos aproximadamente, o bebê transforma os sons aparentemente desconexos que emitia em linguagem articulada, começando, assim, a fazer uso da linguagem de sua comunidade de fala, ou seja, a língua à qual está exposto. É igualmente surpreendente perceber como os adultos interagem com os bebês, projetando sentimentos, desejos, endereçando perguntas, esperando e dando respostas imaginárias sem nenhuma intenção manifesta de ensinar a linguagem verbal. Nesses diálogos imaginários, algo para além da própria linguagem articulada é transmitido, permitindo a constituição do aparelho psíquico, inserindo esse bebê no mundo da língua materna, ao mesmo tempo em que permite a estruturação do inconsciente.

Um bebê encontra-se simultaneamente exposto a uma língua e investido, a partir dessa língua falada por aqueles que interagem com ele, de subjetividade. Subjetividade aqui compreendida como o que resulta da entrada do bebê no campo da lei do homem enquanto lei da linguagem, permitindo que esse bebê, como ser falante, venha a dizer *eu*. Isso ocorrendo, projeta-se imaginariamente um mito individual, encenando uma história que o posiciona diante do enigma: deparar-se com capítulos que parecem faltar na elaboração da continuidade dessa história. Como diz Jacques Lacan acerca, dessa tão íntima e tão estranha relação do homem com a linguagem.

Eu me identifico na linguagem, mas somente ao me perder nela como objeto. O que se realiza em minha história não é o passado simples daquilo que foi, uma vez que ele já não é, nem tampouco o perfeito composto do que tem sido naquilo que sou, mas o futuro anterior do que terei sido para aquilo em que estou me transformando (LACAN, 1998, p. 301).

Do ponto de vista da psicanálise, a entrada no campo da linguagem opera uma divisão subjetiva no aparelho psíquico, divisão essa que se marca na própria fala enquanto materialização da linguagem: ao falarmos dizemos mais do que supomos dizer, pois na fala se inscreve um saber inconsciente (NAZAR, 2008).

2.2 NOÇÕES DE SUJEITO DA PSICANÁLISE

Ressalta-se que o sujeito da psicanálise é o sujeito do desejo, delineado por Sigmund Freud no inconsciente, marcado e movido pela falta. Para Jacques Lacan, o sujeito do desejo se constitui pela inserção do homem numa ordem simbólica que o antecede, atravessado pela linguagem, tomado pelo desejo de um Outro e mediado por um terceiro.

O sujeito não é o *eu*. O *eu* é uma função que se desdobra na dimensão do imaginário. É a sensação de um corpo unificado, produzida pela assunção, pelo sujeito, de sua imagem no espelho, na época em que ainda não tinha conquistado sua autonomia motora. Por isso, seu poder de fascinação. Disso resulta que o *eu imaginário* em oposição à sua própria imagem (narciso) ou à de um semelhante seu, o pequeno outro⁶ de Lacan. Nessa relação do eu com o seu objeto imaginário faz obstáculo ao reconhecimento, pelo sujeito, de seu desejo. Quanto ao desejo, esse se manifesta nas informações do inconsciente: sonhos, sintomas, enganos, lapsos, atos falhos e chistes (CHEMAMA, 1995, p. 208).

Freud interpreta esses fenômenos, em ruptura com o curso *normal* da realidade, como mensagens cifradas a serem decifradas. Isso pressupõe que tenham uma estrutura homogênea à linguagem humana. Elas provam a existência de um outro lugar de onde o sujeito em expectativa, *em suspenso*. Tudo passa como se o lugar dos significantes, de onde *nos chegam* as palavras que articulamos (o grande Outro⁷ de Lacan) fosse habitado por um sujeito de desejo enigmático (CHEMAMA, 1995, p. 209).

O saber sobre o sujeito não está ao alcance de todos, e não estará ao alcance de quem não queira se dar ao trabalho psicanalítico (ELIA, 2004).

De todas as formas pelas quais a estrutura simbólica, significativa, da linguagem pode se atualizar em um ser falante, *a fala* é a única que permite, por seu modo encadeado, diacrônico, como discurso desdobrado no tempo em uma sequência de palavras, que o plano do significante seja destacável da significação. A fala, por ser uma cadeia de palavras, permite que se opere a separação entre significante e significado, sendo esta necessária para evidenciar a primazia material do “esqueleto” significante sobre o “revestimento muscular” – que são as significações produzidas pelo primeiro (ELIA, 2004).

⁶ Pequeno outro designa o semelhante.

⁷ Grande Outro - expressão usada por Lacan para denominar a pessoa que virá significar manifestações da criança, inscrevendo no seu corpo marcas que entendemos: “A concepção lacaniana do significante implica uma relação estrutural entre o desejo e o ‘grande Outro’. Essa noção de ‘grande Outro’ é concebida como espaço aberto de significantes que o sujeito encontra desde seu ingresso no mundo; trata-se de uma realidade discursiva de que Lacan fala no Seminário 20” (KAUFMANN, 1996, p. 385).

A experiência psicanalítica estrutura seu dispositivo em uma certa modalidade da fala, sendo este, metodologicamente sustentado para que sua fala se constitua como acesso ao inconsciente. Desse modo, este é estruturado “como linguagem”, ou seja, por elementos simbólicos, significantes engendrados do sentido, que não portam em si o sentido constituído, mas que se definem como constituintes do sentido, aqueles que fazem significar (ELIA, 2004, p. 23).

2.1.1 Como o Sujeito se Constitui

Como o sujeito se constitui? Essa questão nos leva a outros questionamentos, a saber: O que determina o surgimento de um sujeito? Como tornar-se sujeito? Como o sujeito advém? Quais as implicações da linguagem no corpo de um ser em constituição?

Para a Psicanálise, o processo de constituição do sujeito está intimamente relacionado com a concepção de que o campo do sujeito é efeito, em especial da linguagem e de uma trama de relações pré-existentes ao nascimento, constituindo o que será o mito fundador da história singular.

Conhecimentos psicanalíticos sobre a constituição do sujeito revelam que o ser humano se constitui na relação com o Outro. Outro que, num primeiro momento, fica caracterizado pelo agente da função materna, inserido no Campo Simbólico, atravessado pela linguagem transmitida pelos significantes.

A forma como o bebê é acolhido na família, na sociedade e no mundo é determinante para sua constituição. Isso se dá através da voz, do olhar, da inscrição do corpo, do lugar que a criança ocupa na família e na relação dos pais, principalmente na subjetividade da mãe, através também do desejo dos pais sobre essa criança, do nome próprio que lhe é dado, da nomeação, quando se diz “tu és meu filho, tu és meu neto”. Assim, para que o sujeito possa advir, é importante que haja uma aposta, que se antecipe e suponha um sujeito.

As palavras têm um valor fundamental para o sujeito em constituição, palavras ditas, palavras não ditas, palavras negativas, palavras mortíferas, por exemplo quando a mãe diz: “Esse menino não vai dar para nada, puxou ao pai, ou quando diz: é um fraco igual ao tio”. Enquanto outras palavras são incentivadoras e edificantes: “Esse menino é muito sabido, é inteligente demais”. “Meu filho vai longe, esse vai ser um doutor”. “Vai ser um artista”. “Vai ser um atleta”.

2.1.2 A Constituição do Sujeito: um percurso por Freud

As teorias psicanalíticas sobre a constituição do sujeito foram iniciadas a partir das concepções de Sigmund Freud, enriquecidas por Jacques Lacan e inúmeros outros autores pós-freudianos. Quando Freud escreveu em 1895 o texto *O Projeto para uma Psicologia Científica* descreveu, de maneira metafórica, utilizando o termo da neurologia, que o sujeito advém exatamente pela entrada do organismo humano na linguagem⁸.

Desde os primórdios da Psicanálise, em seus estudos clínicos com as histéricas, Freud constatou que existia uma realidade muito particular, e que esta, se expressava por meio de sintomas que apareciam no corpo de suas pacientes. A essa realidade, ele denominou de *fantasias*, que instigou o rumo de suas investigações. Após algumas tentativas preliminares, como o uso da hipnose, da pressão da mão na testa do paciente, entre outras, Freud abandonou essas técnicas, porque fracassaram quanto aos seus propósitos e estabeleceu as condições em que a experiência psicanalítica pudesse ocorrer.

Apostou na linguagem como diferencial para a escuta clínica, chegando então à *associação livre*⁹, método que propõe ao analisante dizer tudo o que lhe vier à cabeça, que use a palavra de modo a que esta se torne via de acesso ao inconsciente na qual o sujeito poderá emergir. Através da fala das pacientes, Freud foi descobrindo que as fantasias eram construídas por experiências vividas na infância, que diziam da verdade do sujeito. A escuta dessas verdades que as pacientes relataram sem saber levou o pai da psicanálise a postular a existência do inconsciente e Lacan priorizou a inserção na linguagem como marca da constituição do sujeito, fazendo valer os significantes.

A experiência psicanalítica, uma vez colocada em operação através da instalação do dispositivo freudiano da associação livre, produz as condições de emergência do sujeito do

⁸ No presente trabalho, vale ressaltar que a concepção de linguagem adotada é a linguagem da Psicanálise na visão de Lacan, como se verá mais adiante. Para o psicanalista francês, o inconsciente é estruturado como linguagem.

⁹ “O método de livre associação foi sugerido por S. Freud, em 1892, durante um tratamento, no qual uma de suas pacientes (Emmy von N) lhe pediu expressamente que deixasse de intervir no curso de seus pensamentos, deixando-a falar livremente. De forma progressiva e até 1898, quando foi adotado definitivamente, o método substituiu o antigo método catártico, tendo-se tornado, desde então, a regra fundamental do tratamento psicanalítico: o meio privilegiado de investigação do inconsciente. O paciente deve exprimir todos os pensamentos, ideias, imagens e emoções, tais como se apresentam a ele, sem seleção e restrição, mesmo que tais materiais lhe pareçam incoerentes, impudicos, impertinentes ou desprovidos de interesse. Tais associações podem ser induzidas por uma palavra, um elemento de sonho, ou qualquer outro objeto de pensamento espontâneo. O respeito a essa regra permite o aparecimento das representações inconscientes e atualiza os mecanismos de resistência”. (CHEMAMA, 1995, p. 22).

inconsciente, justamente através da repetição¹⁰ e da transferência¹¹, cria as condições de produção das formulações do inconsciente – atos falhos, lapsos, sonhos, sintomas e chistes – outra modalidade de emergência do sujeito, de caráter metafórico e pontual. O sujeito assim é uma categoria que se impõe à experiência, na exigência de elaboração teórica que esta faz ao psicanalista (ELIA, 2004, p. 16-17).

Freud propõe, assim, que alguém use a palavra de modo a que esta se torne a via de acesso a uma outra cena, do inconsciente, na qual o sujeito poderá emergir. Quanto às qualidades e aos valores das palavras ditas, Freud não cessou de dizer que elas são substitutivas, efeito de identificações profusas, múltiplas, montagens encobridoras dos eixos elementares em que se estrutura a posição do sujeito, redutível à sua posição na fantasia inconsciente, matriz de seus ideais, crenças, valores, e mais precisamente de seus sintomas. Para chegar a esses eixos elementares, só um longo, árduo e penoso trabalho de desmontagem, o trabalho da análise (Elia, 2004, p. 20).

Toda produção do campo do sentido é da ordem simbólica, seja ela falada ou não. Um gesto, uma expressão, a dança, desenho, tanto quanto uma narrativa oral serão produções simbólicas, regidas pelo significante e assim ditas *verbais*, por estarem na dependência do *verbo significante*, e não por serem expressas por via oral. Não existirá, portanto, o *não verbal* no campo simbólico, menos ainda o *pré-verbal*. O domínio do verbal não é uma conquista do desenvolvimento cognitivo ou simbólico, mas uma condição inerente ao falante como tal. Como ser de linguagem, o sujeito humano se constitui do domínio verbal. Trata-se de um domínio no sentido de um *campo*, um território, um universo, que contém o sujeito, mais do que um domínio de uma *função*, isto é, de algo que o sujeito pode dominar ou não. Assim, mesmo que alguém não faça uso da *função da fala*, como de autistas severos ou alguns psicóticos esquizofrênicos graves, ainda assim estará no *campo da linguagem*, na medida em que é ser

¹⁰ Repetição. Nas representações do sujeito, em seu discurso, em suas condutas, em seus atos ou nas situações que ele vive, faz com que algo volte continuamente, na parte das vezes sem que o saiba e, em todo caso, sem que haja, de parte dele, um projeto deliberado. Esse retorno do mesmo e essa insistência logo assumem um aspecto compulsivo, em geral surgindo sob a forma de um automatismo; aliás, é pelos termos "compulsão à repetição" ou "automatismo de repetição, que habitualmente se traduz a formulação freudiana original *Wiederholungszwang*, obrigação de repetição. A compreensão do fenômeno de repetição remete diretamente ao do trauma; sua teorização põe em jogo as noções mais diversas, entre elas de fracasso (neurose de fracasso, neurose de destino) e de culpa, desvendando um princípio de funcionamento psíquico radicalmente diferente do descrito classicamente, dominado pelo princípio de prazer. Aliás, S. Freud também o entendia como estando além do princípio de prazer. Em J. Lacan, a repetição constitui, junto com o inconsciente, a transferência e a pulsão, um dos quatro conceitos fundamentais da psicanálise, justamente porque se tornou uma referência onipresente na clínica porque enlaça os três outros conceitos (CHEMAMA, 1995, p. 190).

¹¹ Transferência. Vínculo Afetivo intenso, que se instaura de forma automática e atual, entre o paciente e o analista, comprovando que a organização subjetiva do paciente é comandada por um objeto, que J. Lacan denominou de objeto a (CHEMAMA, 1995, p. 217).

falante, que se constituiu em um mundo de linguagem diferente dos animais (ELIA, 2004, p. 21-22).

De todas as formas pelas quais a estrutura simbólica, significante, da linguagem pode se atualizar em um ser falante, *a fala* é a única que permite, por seu modo encadeado, diacrônico, como discurso desdobrado no tempo em sequência de palavras, que o plano do significante seja destacável da significação. A fala – pode ser uma cadeia de palavras – permite que se opere a separação entre significante e significado, sendo esta necessária para evidenciar a primazia material do “esqueleto” significante sobre o “revestimento muscular” – que são as significações produzidas pelo primeiro (ELIA, 2004).

A experiência psicanalítica estrutura seu dispositivo em uma certa modalidade da fala, sendo este, metodologicamente sustentado para que sua fala se constitua como acesso ao inconsciente. Desse modo, este é estruturado “como linguagem”, ou seja, por elementos simbólicos, significantes engendrados do sentido, que não portam em si o sentido constituído, mas que se definem como constituintes do sentido, aqueles que fazem significar (ELIA, 2004, p. 23).

Freud abriu caminhos para pensar o corpo além da dimensão física e biológica, introduzindo seu aspecto psicosssexual, em seu texto *Três Ensaio sobre a Sexualidade*, distanciou-se das teorias vigentes na época acerca da sexualidade, cujo conceito privilegiado era o instinto, introduzindo um novo modo de pensar a sexualidade através da noção de pulsão. Apontou que, na sexualidade humana, não se trata de instintos – conduta cujos padrões são fixados hereditariamente – e sim de pulsões uma pressão, ou uma força que tem sua fonte numa excitação corporal (estado de tensão) e que impõe uma exigência de trabalho do *aparelho psíquico*. Na medida em que a psicanálise não toma como ponto de partida o instinto, ela rompe também com o corpo biológico. Não se trata de conceber o corpo como um dado, uma totalidade organizada, composta de partes, com seus limites definidos e comandados pelos instintos. Trata-se de um corpo pulsional que deverá ser construído a partir de um trabalho psíquico exigido pelas pulsões e pela história de satisfações e frustrações delas provenientes. Assim a ordem natural é, no homem, suplantada pela ordem simbólica, no que diz respeito à constituição do corpo.

2.1.3 A Constituição do Sujeito na Concepção de Lacan

A respeito da Constituição do Sujeito, segundo em Lacan ([1957/1958] 1999, p. 195) “Não há sujeito se não houver um significante que o funde”. O sujeito é inconsciente, é uma

função que carece de substância (GODINO CABAS, 2009). Sua definição de sujeito é apresentada de modo que pode parecer enigmático: sujeito é o que é representado por um significante para outro significante. Uma definição que circunscreve o sujeito no campo da linguagem, dependente dessa estrutura, não em um lugar de significação plena, mas em um lugar entre pulsão e inconsciente. Além disso, esse sujeito não está dado, trata-se de uma construção, dependente do que Lacan (1999) nomeou de “processo de construção do sujeito”.

O lugar que a criança vai ocupar em uma estrutura pré-existente e determinante de uma posição são fundamentais. “Não basta nascer em um corpo humano, é necessário ser esperado e antecipado em um lugar simbólico determinado. No interior dessa estrutura, o bebê terá acesso ao sentido, a um sistema de significações compartilhadas que lhe permitirá encontrar uma identidade para si mesma” (BERNARDINO, 2020, p. 27).

Lacan ([1957-1958] 1999) descreve as operações psíquicas que são percorridas por um bebê humano para chegar a ser um sujeito falante e desejante. Essas operações são propostas por ele como estruturais, por mais que elas se cruzem com determinados momentos do desenvolvimento, devem ser tomadas não no sentido evolutivo, mas no estrutural: uma vez que se constituem, são vetores sempre presentes na história do sujeito (BERNARDINO, 2006). Nessa ótica o tempo é lógico e sempre retroativo, como a temporalidade inconsciente: é sempre no depois que se ressignifica o antes. Como na linguagem é preciso chegar ao ponto final da frase para apreender o sentido aí contido (BERNARDINO, 2020).

A Linguística Estrutural e a Antropologia Estrutural serão essenciais para desenvolver a ideia de Lacan de “inconsciente estruturado como linguagem”. Assim, para ele, a linguagem como estrutura é o elemento fundamental na constituição do humano: “a linguagem com essa estrutura preexiste à entrada que nela faz cada sujeito a um dado momento de seu funcionamento mental” (LACAN, [1957] 1998, p. 225).

Ao nascer, o bebê se depara com um mundo humano imerso na linguagem, da qual nada sabe. Ao desamparo biológico soma-se o desamparo simbólico. É nesse contexto que ele vai ser cuidado para sobreviver, não só com cuidados básicos de alimentação e conforto, mas também com palavras básicas que lhe darão indicações de quem ele é, e do que se espera dele.

É nesse sentido que se introduz a dialética da demanda e do desejo, descrita por Lacan ([1956-1957] 1995): o bebê humano distancia-se do objeto de necessidade porque seu choro é tomado pelo outro que dele cuida como um apelo e respondido com um *a-mais* do que a mera ação específica: está envolvida num universo de olhares significativos, de palavras de tonalidade especial, num aconchego de colo e de continência. É na distância entre o objeto da necessidade e o objeto da demanda que se introduz o desejo, pois jamais o que é pedido pode

ser obtido, há sempre uma falta que garante a continuidade do desejar, como Freud já havia apontado. Assim, segundo Lacan, o sujeito se constrói no campo do Outro, a partir de enlace pulsional, tendo o *objeto a* como contornável, objeto não encontrável, faltante, mas causador do desejo.

Para Lacan, a partir do nascimento aquele que cuida da criança, e exerce para ela a função materna, ocupa uma dupla função: é um pequeno outro, semelhante a ela e da mesma espécie, que lhe devolve uma imagem de humano e que troca com ela olhares, toques, sensações mais diversas. É também, um representante do campo simbólico, sendo assim Outro com inicial minúscula na terminologia lacaniana, pois representa o lugar da linguagem, da cultura, da organização social e o lugar de onde provêm palavras da língua. A este que funciona como agente da função materna, quando se dirige ao bebê humano desamparado, Lacan denominou “Outro primordial”, pela sua importância na constituição do sujeito. Sendo assim, “o significante produzindo-se no campo do Outro faz surgir o sujeito de sua significação” (LACAN, [1964] 1979, p. 197 apud BERNARDINO, 2020, p. 29).

Em seguida, Bernardino (2020, p. 29-30) faz o seguinte acréscimo:

Duas operações psíquicas são fundamentais para o surgimento do falante e que Lacan denomina de *alienação* e *separação*. São as operações que, em termos de tempo lógico, ocorrem tendo uma à outra como referência. A criança recebe um banho de linguagem que se dá ao dirigir-se a ela, supondo-a já ser falante e desejante, o que já estabelece, nessa estrutura que é a família, um lugar para ela. Esse lugar, quando funciona bem, já está à espera dela ao nascimento: já se fala dela, já tem um nome, já tem um corpo imaginado. Além de que vem num determinado momento da vida familiar, numa determinada ordem de filhos, com um sexo que se conforma ou se confronta às expectativas dos pais. Enfim, há um lugar em aberto e à espera na família, que se transforma enquanto estrutura com chegada desse novo membro. O bebê, aos poucos, ocupa esse lugar que já está dado, que já recebe indicações específicas.

O desejo dos pais é um fator essencial nessa suposição de sujeito, a partir da atribuição inconsciente de um lugar para o filho, principalmente o desejo do agente da função materna, pois é a partir deste que ele viverá o circuito pulsional que o incidirá na sexualidade infantil. Experiência essencial a partir da qual haverá uma interação corpo/linguagem que o torna falante. Há então uma alienação simbólica aos significantes que o nomeiam e lhe atribuem um lugar na série simbólica familiar.

Há uma alienação imaginária que se relaciona ao filho imaginário sonhado pelos pais e que entra em jogo no Estádio do Espelho, e uma alienação real, pois seu corpo, a partir dos objetos parciais e do circuito pulsional, será oferecido por ele para a satisfação materna num

campo de desejo ao qual ele se alienara com seu desejo como desejo do Outro. Acerca dessa alienação, tem-se ainda o seguinte esclarecimento:

Operação necessária, mas não suficiente, se essa *alienação* não estiver, desde o início referida à operação psíquica de *separação*, ela não permitirá o surgimento de um sujeito singular, desejante e falante em nome próprio. Na operação de *separação* o bebê passará pela experiência de uma dupla falta, pois, nos movimentos alternados de presença e ausência de seu cuidador, acaba se dando conta do Outro como faltante, sendo que essa falta também é produzida por sua própria perda, como objeto. É quando ele se confronta com a ideia de desejo: algo pode faltar ao Outro. Como diz Lacan: “é no que seu desejo é desconhecido, nesse ponto de falta que se constitui o sujeito” (LACAN, [1964] 1979, p. 207 apud BERNARDINO, 2020, p. 30).

A falta apontada e vivenciada confere operacionalidade à alienação/separação e permite que o pequeno sujeito desponte como falante. Podemos então observá-lo em brincadeiras ao estilo do fort-da aquela observada por Freud ([1920] 2000) em que seu neto brincava de jogar longe e puxar para perto um carretel, e que Freud explicou como sendo uma forma de a criança elaborar a experiência da ausência materna. Nessa encenação da presença/ausência, o netinho mostrava já sua capacidade simbólica: substitui metonimicamente a presença da mãe pelo carretel, que imaginariamente representa a mãe, e substitui metaforicamente essa falta ao dizer os fonemas “ó” (fort: longe em alemão) e “á” (dá: aqui, em alemão). Nessa brincadeira, encenava tanto as ausências e presenças da mãe quanto a possibilidade da mãe de perdê-lo como objeto, como esse carretel que se vai para longe. Segundo Lacan, essa brincadeira ilustra alegoricamente a entrada da criança na linguagem: ela poderá então começar a falar e ter próprias palavras, a partir das palavras que recebeu do Outro (BERNARDINO, 2020).

A partir das considerações feitas sobre o sujeito ser efeito da relação com um Outro, está evidenciado que, na leitura psicanalítica sobre a organização subjetiva, é fundamental o lugar em que se é tomado pelo desejo parental. A partir de um necessário e recíproco engodo amoroso, as demandas maternas são dirigidas à criança e estabelecem a erogenização do corpo infantil, processo de sexualização do campo pulsional em função da criança ocupar, temporariamente, o lugar de objeto fálico a completar o desejo do Outro. Num aparente paradoxo, ao mesmo tempo em que é necessário ao sujeito ocupar o lugar mítico de completude, ele deve também deixar de ocupá-lo, inicialmente, em função da constante e infundável circularidade das demandas maternas- desde que, no inconsciente da mãe, já opere o Nome-do- Pai, e posteriormente pela efetivação da função paterna ao interditar o desejo da mãe em relação à criança. Cabe ao pai impedir o desejo materno devorador, estabelecendo limite para as demandas maternas, retirando a criança do subjugo ao código materno e inserindo-a no

campo da lei da castração. Desse processo, sempre marcado por particularidades e jamais perfeito, no sentido de sempre contemplar falhas em sua efetivação, depende a organização estrutural e, portanto, a modalidade de funcionamento subjetivo.

A especificidade da estrutura de um sujeito é determinada pela economia do desejo, essa economia se refere ao Édipo, à relação que o sujeito mantém com a função fálica e com a castração. Portanto, quando falamos em estruturas clínicas (neurose, psicose e perversão), falamos dos avatares transcorridos ao longo da constituição do sujeito, em especial, ao longo dos três tempos do Édipo.

Pensar o Édipo em três tempos é uma proposta de Lacan que inclui, no Édipo como um todo, os períodos antes denominados por Freud de pré-edípico de saída do edípico ou declínio do Édipo

O primeiro tempo edípico é o tempo da alienação. Ocorre nos primórdios da interação mãe-criança, quando esta é tomada imaginariamente pela mãe como o seu objeto de completude. A passagem para o segundo tempo do Édipo é marcada pela descolagem inicial da criança do lugar de falo para a mãe, momento da castração imaginária, marcado pela entrada imaginária de um terceiro, agente da função paterna, que faz transmissão da proibição do incesto, quando a criança rivaliza com o pai o lugar de falo para a mãe. O terceiro e último tempo edípico se caracteriza, inicialmente, pela hipótese infantil de que o pai detém o falo, e em seguida culmina na saída do Édipo, com a conclusão de que ninguém é ou possui o falo, pois todos somos faltantes, castrados, e o que homens e mulheres desejam em seus pares é exatamente a falta.

Quando a castração pode ser vivida como simbólica, ocorre a metáfora paterna e a criança pode construir sua versão de pai, tendo assim a função paterna inscrita em seu psiquismo, um vetor para ela, que então entra no campo das significações fálicas. Não só é falante como também tem acesso ao sentido compartilhado das coisas, internaliza uma organização em torno dessa inscrição da função paterna que lhe permite entender o funcionamento do mundo.

A metáfora paterna representa uma operação de substituição em que o desejo materno é barrado com a entrada do Pai Simbólico (Nome-do-Pai) e se torna recalado, abrindo-se com isso a possibilidade de a criança se reconhecer como alguém referido ao falo, já não mais sendo o falo nem o atribuindo à mãe ou ao pai, mas como algo que organiza a cultura.

Com a passagem pelos três tempos do Édipo, momento no qual a castração simbólica está decididamente instalada e o recalque funda o sujeito barrado, se dá a Neurose. Aprisionada ao primeiro tempo edípico, à condição de ser o objeto para o Outro, à ausência da castração e

sob os auspícios da forclusão do Nome - do- Pai¹², está a Psicose. Por sua vez a Perversão caminha até o segundo tempo do Édipo, momento em que a castração é vislumbrada como possível na realidade corporal, tempo em que a diferença sexual é conhecida, mas no caso de uma estrutura perversa é negada concomitantemente, instaurando a renegação da castração.

Não sendo obrigada a se restringir ao que deseja a mãe, abre-se para a criança um enigma: seu próprio desejo. Nesse enigma, o pai como Nome, seus significantes, a auxilia a percorrer agora o próprio caminho em busca do que deseja. É quando advém o recalque como uma das formas de dar outro rumo, que não incestuoso, ao desejo. Surge também a sublimação, outro destino possível para as pulsões, como possibilidade criativa de realizar o desejo desviado dos fins sexuais (BERNARDINO, 2020).

A criança sai dessa experiência com uma inscrição simbólica na filiação, que lhe dá uma ideia de onde veio e ao que veio dar continuidade. Passará ao estatuto de sujeito dividido: há uma parte que desconhece, inconsciente, mas fonte de suas determinações.

Nesses diferentes tempos de vida e operações psíquicas que ocorrem, acompanha-se o surgimento do sujeito conforme a concepção lacaniana: um elemento que se encontra primeiramente no Outro, representado pelas funções parentais, que o supõem até sua apropriação e introjeção no processo de constituição subjetiva, que culminarão em um estilo singular de se apresentar no mundo, como dizer próprio. Lacan (1953) dando prosseguimento às idéias de Sigmund Freud, vai explicar o “campo das significações” que se sobrepõe ao campo biológico, e vai apontar a linguagem como elemento fundamental na constituição humana. Para o psicanalista francês, o ser humano é por definição um ser de linguagem, dimensão constitutiva da radical separação que se produz entre a espécie humana e as outras espécies animais (BERNARDINO, 2006). Conforme nos apresenta Bernardino, para entender o desenvolvimento do bebê, precisamos levar em conta os efeitos da linguagem, que precedem seu nascimento e organizam há séculos o mundo que ele habitará, considerando a capacidade singular do homem de se interrogar sobre o mundo em que vive, sobre a significação dos objetos e das pessoas que o rodeiam e até sobre seu corpo. Compreende-se que, o mundo que o bebê encontra é um mundo de linguagem.

O fato de podermos recorrer a um sistema de significantes para nos orientarmos no real e que, ao mesmo tempo, regula nossas relações com o Outro, é o que faz os psicanalistas dizerem que os humanos são seres de linguagem, presos à linguagem. Longe de ser uma das capacidades adquiridas pelo homem, de acordo com sua maturação, construído em um

¹² Segundo Roudinesco & Plon (1988), o termo foi criado por Lacan para designar o significante da função paterna, função de interdição do desejo materno e inscrição da lei da castração e da falta.

instrumento para que possa comunicar-se, “a linguagem é o lugar onde as ideias emergem” (COELHO, 1967, apud BERNARDINO, 2006). Trata-se da estrutura a partir da qual um ser humano pode se tornar um sujeito falante e desejante. Lacan (1957/1998, em seu texto *A instância da Letra no inconsciente ou a razão desde Freud*, assinala que “a linguagem não se confunde com as diversas funções somáticas e psíquicas que a produzem no sujeito falante” (BERNARDINO, 2006, p 21).

Antes de falar por si próprio, o bebê é falado: dizem-lhe o que sente, o que vai fazer, o que deve pensar do mundo. Quando começa a falar, é como outro que se refere a si mesmo. Como afirma Lacan (1956, p. 48), a criança “recebe sua própria mensagem de forma invertida” e nomeia como *alienação* esse processo essencial para a constituição do ser falante. É necessário alienar-se no desejo e nas palavras de um outro da espécie humana, para poder ter existência simbólica (BERNARDINO, 2006, p. 26). Lacan (1964, p. 197 apud BERNARDINO, 2006, p. 26) apresenta o seguinte esclarecimento:

[...] o significante produzindo-se no campo do Outro faz surgir o sujeito de sua significação. Mas ele só funciona como significante reduzindo o sujeito em última instância a não ser mais do que significante, petrificando-o pelo mesmo movimento com que o chama a funcionar, a falar, como sujeito.

A alienação primária é estrutural e deixa marcas: mesmo quando é adulto, o sujeito continua se surpreendendo quando uma palavra dita por sua boca lhe causa espanto, quando um chiste que produz tem sentido inesperado, ou quando, lhe fugir uma palavra que está “na ponta da língua”, mas que ele não consegue lembrar. Seu inconsciente é a memória desse saber que o constituiu (BERNARDINO, 2006, p. 26).

A partir de um *banho de linguagem* que recebe ao nascer, o bebê passa a ter um *lugar* na família que o acolhe. Passa a ocupar uma posição subjetiva, um lugar pleno de determinações simbólicas. Cada bebê que chega vem dar seguimento a uma família que tem uma história de várias gerações. Além de sua herança genética, herda também – simbolicamente – os acontecimentos, as experiências significativas vividas por seus familiares e antecedentes, cuja história vem dar continuidade (BERNARDINO, 2006, p. 27).

Ao ocupar esse *lugar* o bebê encontrará a estrutura, e a cultura que vai compor sua humanidade. No seio da estrutura familiar ele recebe a transmissão de uma língua, das tradições e costumes de sua comunidade, das leis que a regulam, além das particularidades específicas do desejo familiar, inconsciente, a seu respeito. Dessa combinação resultará sua subjetividade, seu desejo próprio (BERNARDINO, 2006, p. 27).

O sujeito humano se constitui a partir do encontro entre um organismo e a linguagem pela intermediação de um cuidador. Por um lado, há um organismo dotado de uma *natureza*, concretude de um corpo biológico, com uma anatomia, uma fisiologia, um sistema nervoso. Por outro lado há o Campo Simbólico, a *cultura*, esta organização que se traduz em uma estrutura de linguagem que captura esse organismo: estrutura familiar, transmissora do sistema simbólico, que captura o organismo (BERNARDINO, 2006, p. 27).

Desse encontro se produz a desnaturalização do homem. Encontro sempre falho. Há algo no *corpo* que falta simbolizar, assim como o próprio campo simbólico é insuficiente para abarcar toda a natureza. Por isso Lacan (1953) propõe considerar um registro Real, justamente para situar o que, da realidade, da natureza, do corpo, não é simbolizado, embora não deixe de ter efeitos (BERNARDINO, 2006, p. 28).

Com relação à linguagem, a criança terá ainda que romper com a linguagem que a marcou, que veio dos outros parentais, os quais a introduziram no campo das palavras. Terá que recalcar essas marcas primordiais, torná-las esquecidas, inconscientes para ter acesso à fala própria e poder tornar-se dona de suas palavras. Será então *sujeito* de suas frases, de sua história, embora *sujeito dividido*, já que há uma parte de si que sempre desconhece, seu inconsciente, mas que frequentemente se manifestará, à sua revelia, nas diversas formações do inconsciente – lapsos, chistes, sonhos e sintomas (BERNARDINO, 2006, p. 29).

Lacan nos permite entender que, enquanto seres falantes, somos divididos: por um lado somos falados marcados pelas palavras destes Outros importantes para nós, e a partir desse lugar que nos chega a enunciação. Por outro lado, falamos nossas próprias palavras, passamos a nos apropriar delas, fazemos enunciados e recalamos isso é, enviamos para o inconsciente está alienação no Outro que outrora vivenciamos. Somos divididos em duas instâncias, os *significantes*, marcas e palavras que nos representam e dão origem ao nosso desejo, permitindo-nos uma existência enquanto sujeitos, embora as palavras tenham existência tão somente no registro simbólico. E as *imagens* que tomamos como nossa, que nos unifica, dá forma ao nosso corpo, consciência à nossa existência, mas que cumpre esta função ao preço da alienação ao desejo do Outro (BERNARDINO, 2006, p. 29-30).

2.2.4 A Constituição do Sujeito: Relação com o Outro

O sujeito, para a psicanálise, é aquele que se constitui na relação com o Outro através da linguagem. É em referência a essa ordem simbólica que se pode falar em sujeito a partir de Freud, e em especial, após a produção teórica de Lacan. Portanto, o sujeito não é agente, como

ocorre na posição cartesiana, e sim determinado pela função simbólica¹³, assim como a posição do sujeito em relação ao Outro é medida pelas regras e convenções do registro simbólico (VALLEJO; MAGALHÃES, 1991).

“O sujeito se constitui, ele não *nasce* e não se *desenvolve*, ele é efeito do campo da linguagem” (ELIA, 2004, p. 36). Para explicar o modo pelo qual o sujeito se constitui, é necessário considerar o campo da linguagem na relação com o Outro. A Constituição do Sujeito é, portanto, diferente do desenvolvimento biológico, orgânico e maturacional.

A criança ao nascer acha-se num estado de aflição e desamparo fisiológico, depende inteiramente do Outro para a sua sobrevivência. Pelo grito, ela mostra sua carência e faz apelo a esse Outro de maneira que lhe traga tranquilidade. Para aliviar a tensão do bebê, o Outro que lhe traz alimento, traz também palavras. Essa experiência de satisfação faz marca e estaria na origem do pensamento, à medida que seria, logo em seguida, alucinada, sendo justamente nessa dinâmica que se constitui o sujeito.

Graciela Crespin, em seu livro *A Clínica Precoce: O nascimento do Humano*, de 2004, nos fala que o bebê humano, antes do nascimento, no sentido da expulsão biológica, já é um ser de relação. Relação que estabelece com o Outro, que o cuida, se revela fundamental para sua estrutura.

Vivendo uma situação privilegiada com o adulto que dele cuida em todos os sentidos, fornecendo cuidados básicos e palavras, sustentadas por um desejo particularmente voltado para essa criança, é o que se chama de “função materna” (BERNARDINO, 2006, p. 32). A pessoa que exerce essa função torna-se necessária e indispensável devido à prematuridade da espécie. A maneira como é cuidado, olhado, as vozes e as entonações que lhes são dirigidas, serão determinantes para sua formação.

Na relação primordial, a mãe transmite ao bebê uma gama de particularidades do grande Outro que a determina, porém revisadas e corrigidas, pelo prisma da sua subjetividade pessoal, ou seja, o que de sua história pessoal tenha sido inscrito nela. Durante as trocas dos cuidados primários, é a referência ao sistema simbólico que a mãe pertence que lhe permitirá organizar suas respostas face ao recém-nascido. Os registros primitivos e inconscientes da maneira como

¹³ Para Françoise Dolto, “A Função Simbólica, da qual todo ser humano é dotado em seu nascimento, permite ao recém-nascido diferenciar-se, enquanto sujeito desejante e previamente nomeado, de um representante anônimo da espécie humana”. A psicanalista francesa, especificaria os humanos como sendo, estruturalmente, seres de linguagem; como diferenciados entre si, por estarem inscritos numa história, num mito particular de cada um; como sendo capazes de ligações, de representações e mediação das pulsões, capazes de dar sentido às simples percepções e sensações. Através dessa função tudo tem valor de linguagem para o bebê humano. A função simbólica é correlativa, fundadora do humano. Está constantemente em jogo na vida e permite que se desenvolva a relação inter-humana. Se opõe ao instinto dos animais. Tem efeitos simboligênicos, quando alimentada pelo ser humano.

ela própria foi cuidada quando era bebê serão, em grande parte, os registros aos quais uma mulher fará apelo ao cuidar de seu filho. Ninguém pode se lembrar, no plano consciente, como foi carregado, consolado, acarinhado, mas isso não impede que sejam esses registros que se ativam quando se toma um bebê nos braços. Seja ou não nosso próprio filho, é num movimento de identificação que cuidamos dele (CRESPIN, 2004 p. 24).

O saber espontâneo, “intuitivo” a que as mães se referem apesar de inconscientes não é genético, no sentido de uma programação inata, o que alguns chamam erroneamente de *instinto materno*, são reativações de traços mnêmicos inconscientes da maternidade recebida. A experiência cotidiana das mães nos prova, a grande variabilidade do acesso a esse tipo de saber que têm as mulheres, e a correlação certa entre a maternagem recebida e a capacidade maternante presente. Essas considerações são igualmente aplicadas aos pais (CRESPIN, 2004, p. 24).

O fato de um bebê recém-nascido ser capaz de reagir a estímulos não significa que ele esteja pronto para a entrada na linguagem. O que sustenta o *vir a ser* um sujeito é a dimensão do Outro, universo simbólico que não se resume ao meio ambiente no qual se vive. É mais que isso, já que este age antes mesmo do nascimento. Como diz Lacan, a criança entra no campo da fala muito antes de falar. A fala emitida transforma o sujeito naquele que é seu receptor. Ela estabelece um laço permanente, possibilitando que o processo de desenvolvimento da criança seja lógico, não se resumindo à maturação biológica nem à historicidade de fatos (NAZAR, 2008).

Se todo bebê porta uma prematuridade, é preciso dizer que esta é a razão do homem ir além do plano biológico, pois ele experimenta, no corte ultrapassado no nascimento e no desmame o descompasso entre o campo das necessidades e o campo das demandas na relação com o Outro, em que se instaura o lugar para a subjetividade.

A constituição do sujeito foge ao funcionamento do organismo, muito embora inclua o real do corpo. A entrada do sujeito no real só é possível pela constituição de uma rede de demandas, em que o sujeito se deixa capturar, para encontrar aí o desejo que o precede. A passagem do ser vivo a sujeito é operada pela linguagem que se adere ao organismo. “A fala, enfim, é uma espécie de parasita, uma forma de vida que se nutre de outra [...] submetida às leis da linguagem, a fala oferece o estribo que permite ao sujeito entrar na dimensão do desejo e da demanda” (ANSERMET, 2003, p. 65 apud NAZAR, 2008, p. 31-32).

Para psicanálise, sobretudo a partir da reelaboração que Lacan empreendeu dos textos freudianos, o sujeito só pode ser concebido a partir do campo da linguagem. Embora Freud não se refira explicitamente a isso, todas as suas elaborações teóricas sobre o inconsciente, nome

que delimita o campo primordial da experiência psicanalítica do sujeito, o estruturam como sistema de representações, de traços de memória, de signos de percepção, que se organizam em condensação e deslocamento. Uma teoria como essa exige, a referência a uma ordem simbólica, a um sistema de articulação de elementos materiais simbólicos, ou seja, à linguagem (ELIA, 2004, p. 36).

Elia (2004), explica que, para a psicanálise, o sujeito só pode se constituir em um ser que, pertencente à espécie humana, e que tem a vicissitude obrigatória e não eventual de entrar em uma ordem social, a partir da família ou de seus substitutos sociais e jurídicos (instituições sociais destinadas ao acolhimento de crianças sem família, orfanatos etc.). Sem isso, ele não se tornará humano nem tampouco se manterá vivo, pois sem a ordem familiar e social, o ser da espécie humana morrerá (ELIA, 2004, p. 39).

A essa condição Freud deu o nome de *desamparo fundamental* (*Hilflosigkeit*) do ser humano, que exige a intervenção de um adulto próximo (*Nebenmensch*) que perpetre a *ação específica* necessária à sobrevivência do ser humano desamparado.

Lacan propõe a categoria de Outro escrito com “O” maiúsculo para designar não apenas o adulto próximo de que fala Freud, mas também a ordem que este adulto encarna para o ser recém-aparecido na cena de um mundo já humano, social e cultural. O Outro não é, portanto, apenas uma pessoa física, um adulto, supostamente a mãe, com a função de cuidar dos bebês, há também toda uma ordem simbólica que a mãe introduz no seu ato de cuidar do bebê (ELIA, 2004).

Cabe aqui uma diferenciação entre a categoria de Outro e a ordem social e cultural. Essa ordem é formada por valores, ideologias, princípios, significações, enfim, elementos que a constituem como tal no plano antropológico. É o esqueleto material e simbólico dessa ordem, sua estrutura significante, o que nos permite dizer que a ordem do Outro, encarnado pela mãe, é a ordem significante e não significativa. O que a mãe transmite é, primordialmente, uma estrutura significante e inconsciente para ela própria, e não poderia ser simplesmente o conjunto de valores culturais, entendendo-se sob esse termo toda a complexidade de elementos significativos ordenados na família e na sociedade à qual pertencem mãe e bebê (ELIA, 2004).

O que chega ao bebê através do Outro materno não é um conjunto de significados a serem por ele meramente incorporados como estímulos ou fatores sociais de determinação do sujeito com os quais interagia a partir de sua carga genética, na *aprendizagem social* de sua subjetividade. O que chega a ele é um conjunto de marcas materiais e simbólicas – significantes – introduzidas pelo Outro materno, que suscitaram, no corpo do bebê, um ato de resposta que se chama sujeito (ELIA, 2004).

É preciso supor um Outro prévio ao sujeito, e isto efetivamente corresponde à nossa experiência. Muito antes do bebê nascer, ou seja, de um ser humano surgir na cena do mundo com a possibilidade de se tornar um sujeito, o campo em que ele aparecerá já se encontra estruturado, constituído, ordenado. Não apenas a cultura, a sociedade e a família, com todos os elementos que as fazem tão complexas já o esperam, como também a linguagem, como campo de constituição de sujeito, já se encontra plenamente constituída à sua espera. Há um conjunto de demandas, desejos e desígnios que é dirigido àquele que vai nascer muito antes do nascimento (ELIA, 2004).

A pré-história de um bebê no campo do Outro remonta a um momento que não é delimitável na história do Outro, e seu estatuto é simbólico, não se confundindo nem como constituição genética nem como experiências factuais na gravidez (ELIA, 2004).

Dolto (1991, p. 70) diz que, desde a origem, somos concebidos na linguagem. Tudo é linguagem. Essa afirmação significa que tudo é simbólico, especialmente nas relações do bebê com seu meio. Mas essa referência constante à linguagem, não se trata da linguagem dos linguistas, trata-se de evidenciar e explorar, tão intensamente quanto possível, o fato de que a linguagem é a especificidade do ser humano: “Os seres humanos nascem e vivem da linguagem”. O registro simbólico assinala a pertença ao humanizado, e a *função simbólica* é fundadora do ser humano. Nada é apenas organização, diz Dolto, no ser humano tudo é simbólico. Para que nada persista numa pseudo-animalidade, na organicidade, é preciso falar. Sem palavras recebidas sobre as experiências e as percepções, o ser humano se desrealiza. Não apenas a linguagem é própria do homem, como também o bebê necessita de alimentos simbologênicos, palavras dirigidas a sua pessoa. A linguagem falada é o que há de mais *germinativo*, de mais *inseminador* no coração e no simbolismo do ser humano que nasce. A comunicação pais-filhos é dinamizadora, criadora de raízes, identificatória. Além da linguagem verbal, ela evidencia a presença e o papel das linguagens olfativa, visual, gestual e rítmica entre o lactente e a mãe.

Lacan ao falar do outro na relação primordial, distingue dois *outros*. O grande Outro escrito com “O” maiúsculo, que designa não uma pessoa física, mas uma instância, que se trata do conjunto de elementos que compõem o universo simbólico no qual o indivíduo humano está mergulhado, antes mesmo do seu nascimento, talvez antes de sua gestação. O recém-nascido humano é preso no universo simbólico de seus pais tanto no âmbito individual quanto da sociedade e da cultura a que pertence. O pequeno *outro*, com “o” minúsculo, designa cada sujeito na singularidade de seu avatar (transformação), que faz dele um representante único e não esgotável do grande Outro ao qual pertence. Segundo Lacan, a mãe é para o bebê o grande

Outro. Assim, durante as trocas em torno dos cuidados primários, é a referência ao sistema simbólico a que ela pertence que permitirá à mãe organizar suas respostas face às demandas do recém-nascido.

O adulto humano e o bebê de quem ele cuida produzem uma ligação, uma relação complexa, que preside o advento psíquico da criança e que se chama “laço mãe/bebê” (CRESPIN, 2004, p. 20). Nos humanos, o laço entre a criança e o outro que o cuida toma tal importância devido ao estado de prematuridade da criança no nascimento. Mesmo quando o bebê nasce a tempo e em condições normais, com todas as competências vitais perfeitas, ele não tem possibilidade de sobreviver sozinho sem ajuda de um semelhante. A mãe ou a pessoa que exerce a função materna torna-se indispensável, devido a esse estado de prematuridade da espécie humana (CRESPIN, 2004). É através dessa relação de dependência com o Outro, supostamente com a mãe, que o bebê vai se constituir como sujeito.

Os bebês humanos não são os únicos seres que nascem prematuros. De fato, grande número de outras espécies, os filhotes nascem prematuros e os adultos genitores são obrigados a cuidar dos jovens durante um tempo variável para assegurar sua sobrevivência. A diferença é que as outras espécies possuem *instintos*, o que os etólogos definem como “comportamentos geneticamente programados próprios de uma espécie”. Os instintos permitem aos filhotes de diferentes espécies ajustarem sua relação com o real, organizar seu período de cio, seus acasalamentos, a conduta dentro do próprio grupo, o comportamento face ao predador, por isso eles são dispensados de pensar (CRESPIN, 2004, p. 19). Os humanos são desprovidos dessa cadeia de comportamentos pré-registrados, por isso para regular sua relação ao real eles são obrigados a pensá-la a cada vez, pois são inseridos na linguagem.

É a partir da função materna que se dá a subjetividade do bebê. Cabe a essa função exercida pela mãe ou por um substituto, no momento inicial da vida do recém-nascido, tomar o choro e o grito do bebê como algo dirigido a ela, supor que aquele bebê possui subjetividade, deseja para além dos desejos que a mãe tem sobre ela. Cabe ainda alternar entre presença e ausência, saber e não saber, para que outros possam fazer parte dessa relação inicialmente feita a dois.

É importante destacar que o pai ou um substituto precisa exercer a função paterna. Ao exercer tal função, faz-se um corte na relação mãe-bebê, estabelece o que é da criança e o que é da mãe. Se num primeiro momento do bebê o sujeito advém pela mediação e do desejo da mãe, em um segundo momento, diferencia-se o desejo materno pela lei do pai, que delimita a diferença entre as partes. A função paterna exerce o papel de operador psíquico, corresponde à capacidade separadora do pai à função reguladora da onipotência primordial da mãe. Introduz

a dimensão da alteridade e garante assim um espaço para que a subjetividade da criança possa se desenvolver.

Na vertente materna do laço primordial, a mãe procede de maneira atributiva e de maneira transitiva como dois sujeitos colados. Enquanto a vertente paterna introduz um limite ao gozo materno articulado à onipotência primordial. O bebê deixa seu estatuto de ser uma parte da mãe, e não se faz mais tão previsível, totalmente compreensível em seu poder. A função paterna introduz a dimensão de alteridade e garante assim o espaço para que o psiquismo da criança possa se desenvolver. Os homens e as mulheres saudáveis e felizes em assumir a parentalidade de seu filho tem a capacidade de encarar as duas vertentes, quer dizer, de ocuparem as duas posições (CRESPIN, 2004 p. 31).

O grito como a entrada no significante (NAZAR, 2008, p. 53). O bebê nasce com algumas atividades motoras, inteiramente reflexas, inclusive o choro. Por outro lado, no psiquismo do Outro materno, já o aguarda, constituído, um lugar simbólico onde estas manifestações serão incluídas como demanda. Assim, o grito ou o choro é tomado como manifestação de apelo de um sujeito, o agente provedor interpreta como demanda deste sujeito, respondendo com apaziguamento. É supondo um sujeito no grito que se dá a instalação simbólica. De um lado, a descarga tensional - o grito atravessa a necessidade orgânica e é tomado como demanda- por outro, é elevado à função de sinal, de apelo. A possibilidade do apaziguamento que se sobrepõe à necessidade permite a cessação do estímulo interno. Assim, o que teria satisfeito a necessidade, passaria a sustentar o inassimilável dessa demanda- o desejo. Ali onde o ser vivo se satisfaz ao alcançar o alimento, o descanso e a higiene, o ser humano vê intervir o desejo.

Para a mãe que ouve seu recém-nascido gritar, aquilo não é um ruído, ou uma simples descarga: é seu bebê que a chama, ele lhe fala e ela responde: “estou aqui”. É a esse momento, que chamamos de *encontro inaugural*, esse grito não é mais um ruído, é um apelo, e a partir daí, antes de qualquer linguagem propriamente dita, o bebê é promovido ao estatuto de sujeito falante.

Quando um bebê aparece na cena do mundo, a primeira coisa a considerar como ponto prévio de seu percurso na direção de se tornar um sujeito é que ele é o *locus* de uma imperiosa necessidade de sobrevivência. Trata-se de um ser portador de necessidades vitais. Se o sujeito é constituído e porque, para a psicanálise ele não é inato, não é um membro nato de seu corpo.

A psicanálise não desconsidera que temos um organismo e que este é regido por leis naturais e biológicas, nem afirma que suas vicissitudes não afetam o sujeito. Essa ciência evidencia e formaliza, como aliás é de sua vocação fazer, o que todo mundo sabe pela

experiência, mas disso não tira, em geral, nenhuma consequência: a experiência que temos do nosso organismo, de suas exigências, proezas, debilidades ou doenças, nós a temos através do campo da significação, do sentido, ou seja, pelo fato de que, por sermos falantes, somos marcados pela linguagem, pelo significante, mesmo no mais extremo nível de intimidade que possamos estabelecer com nossos órgãos e com nosso corpo (ELIA, 2004, p. 46).

Lacan sempre defendeu o uso da palavra *pulsão*¹⁴ para traduzir *Trieb* de Freud, que jamais significou *instinto*¹⁵. A pulsão não é um tipo correlato, na espécie humana do que é instinto para os animais, e sim, o nome do conjunto de efeitos que a linguagem perpetra no instinto. Não há, assim, experiência instintiva no ser humano, no sujeito, mas experiência do instinto fragmentado e remodelado pelo significante, que é a pulsão (ELIA, 2004, p. 47).

Nem naturalista, nem culturalista, Freud é antes de tudo um pensador que teve a coragem de ir aos confins da relação da natureza com a cultura, para ali encontrar não o ponto de junção, mas sim o de disjunção, interseção vazia que nodula, sem continuidade, essas duas dimensões da experiência (ELIA, 2004, p. 47).

É por uma *falta* natural do ser vivo, que o sujeito tem a condição de emergir como tal. Significa que esta *falta fundadora* do sujeito não se produz por si mesma, ou por algum processo natural, e tampouco cultural, mas requer o ato constituinte do sujeito para se fazer como falta. Trata-se de uma condição que comporta algo paradoxal: a falta é fundante do sujeito, em contrapartida, requer o ato do sujeito para se fundar como falta, podemos dizer então que, só há falta no nível do ser se houver sujeito, e que o sujeito é “correlato ativo da falta” (ELIA, 2004, p. 48).

A vida psíquica de um ser humano é inaugurada por um significante. Este é fundado pelo mapeamento pulsional, que, ao ser empenhado no corpo do nascente, contorna a falta e faz a função da apresentação do objeto. A mãe ao amamentar, ao suprir as necessidades do infans, vai deixar marcas. Para que se estruture um sujeito, a falta é necessária, pois o ato da provocação gera nesta criança a pulsão como representante do biológico, a qual só pode ser

¹⁴ Conforme consta no Dicionário de Psicanálise Larousse Artmed (Cf. CHEMAMA, 1995, p. 177-178), pulsão é: “Na teoria psicanalítica, energia fundamental do sujeito, força necessária ao seu funcionamento, exercida em sua maior profundidade”. Como essa força se apresenta de diversas formas, é conveniente falar de pulsões em lugar de pulsão, exceto no caso em que esteja interessado em sua natureza geral - nas características comuns a todo pulsão.

¹⁵ Conforme consta no Dicionário de Psicanálise Larousse Artmed (Cf. CHEMAMA, 1995, p. 109), instinto é: “No mundo animal, esquema de comportamento característico de uma espécie, que varia muito pouco de um indivíduo para outro, transmitindo geneticamente e parecendo atender a uma finalidade”. Vale ressaltar que, em Nota exposta por Souza e Silva (1996, p. 115) em um de seus artigos, a questão de instinto e pulsão tem sido vastamente comentada por Freud e seus colaboradores nos textos: “Os três ensaios sobre a sexualidade” (1974b) em “A pulsão e suas vicissitudes” (1974a).

aliviada por meio de um objeto. É esse outro que pela repetição vai inscrever no filho o traço de memória. Desta forma, a mãe amamenta seu filho apacando sua fome (seu mal-estar) e ao retirar o seio desperta no bebê uma tensão no sentido de desejar que esse outro deseje suprir o que sempre vai faltar. A marca que fica pelo objeto falante é o que desenha no inconsciente o objeto do desejo¹⁶. A pulsão, assim, é propulsora do desejo. Constitutivamente, o significante causador da falta vai estar sempre num lugar de objeto faltante no imaginário do bebê, enquanto o real do vazio lhe causa desejo.

O bebê ainda não é um sujeito, e supomos que ele é um ser de necessidade. Quem o atende é supostamente a mãe, um ser de linguagem, alguém que já está inserido na linguagem e atende à necessidade do bebê com a linguagem. Sem o atendimento às suas necessidades, ele morre, pois não é capaz de executar o que Freud chama de *ação específica* para se manter na existência. A mãe é quem executa essa ação que consiste em atender a criança pela introdução da palavra (ELIA, 2004, p. 50).

Freud foi categórico ao esclarecer a passagem do objeto da necessidade (o leite por exemplo) para o objeto do desejo, o que já se faz apreender na experiência psíquica que registra a experiência de satisfação da necessidade, como ele se exprimiu (ELIA, 2004, p. 51). Lacan introduziu, na passagem do plano de pura necessidade ao plano do desejo, um terceiro nível, de algum modo intermediário, que se chama demanda.

No início existe um Outro, a mãe, e o desejo desta de suprir o bebê das suas necessidades de sobrevivência, e é no suprir que o *infans* constrói a demanda. A demanda é apresentada assim como um atrelamento, pois o nascente projeta todos os seus desejos na mãe e pretende que ela os realize. Para Lacan (1999, p. 96), o desejo é: “[...] uma defasagem essencial em relação a tudo o que é, pura e simplesmente, da ordem da direção imaginária da necessidade- necessidade que a demanda introduz numa ordem outra, a ordem simbólica, com tudo o que pode introduzir aqui de perturbações”.

A demanda é um plano de maior importância porque situa o desdobramento no campo da alteridade, o Outro diante do qual a criança se situa. Se ela visa o leite, ela o recebe de alguém que a introduz no campo da linguagem. Isso faz com que a criança passe a não mais visar exclusivamente o leite, objeto da necessidade, mesmo que seja para perdê-lo como natural ao registrá-lo psiquicamente, como quis Freud, e assim transmutá-lo em objeto de desejo – mas

¹⁶ Falta inscrita na palavra e efeito da marca do significante sobre o ser falante. Em um sujeito, o lugar de onde vem sua mensagem linguística é chamado de Outro, parental ou social. Ora, o desejo do sujeito falante é o desejo do Outro. Se se constitui a partir dele, é uma falta articulada na palavra e é a linguagem que o sujeito não poderia ignorar, sem prejuízos (CHEMAMA 1995, p. 42).

ela é solicitada a querer a presença daquele que, como tal, lhe trouxe o objeto. A criança passa a querer a coisa trazida e também aquele que a trouxe. São questões muito distintas e por isso Lacan divide o campo do Outro em dois: o outro como objeto, e o Outro como campo, lugar a partir do qual alguém traz o objeto. Visar a presença do Outro como tal, como capaz de atender à necessidade, é esta a essência da demanda (ELIA, 2004, p. 51-52).

No plano da demanda o sujeito se dirige ao Outro, demanda sua presença, seu amor, e ao mesmo tempo é movido por uma força impelente em direção a um objeto que, no entanto, é sem-rostos, é perdido como tal, é faltoso, e já se apresenta de saída, como tal, ou seja, jamais foi conhecido pelo sujeito. Não é possível entender a demanda, que é sempre de amor, sem articular a esse entendimento o objeto faltoso que habita a demanda e o amor, ou seja, o objeto descaracterizado pela passagem do significante. Esse objeto foi nomeado e criado por Lacan como *objeto a*.

O *objeto a* sempre habita o objeto em geral, qualquer que seja, como o que faz dele um objeto faltoso, a começar pela imagem do corpo próprio, que é a imagem especular do bebê, seu primeiro objeto. É o objeto causa do desejo, aquele que, por incidir como faltoso na experiência, causa o desejo do sujeito (ELIA, p. 54).

A mudança de necessidade para desejo se opera em todos os registros da pulsão, e em todos os registros de troca, no que concerne o recém-nascido ao seu Outro da relação primordial. Os três registros fundamentais do primeiro ano de vida são respectivamente: a oralidade, que remete ao estatuto simbólico de trocas alimentares, e a pulsão invocante, referente à voz e à pulsão especular, que concerne à questão do olhar.

Pulsão invocante, a palavra e a voz. O campo da invocação interessa pela questão da voz como objeto do corpo investido libidinalmente. Ele recobre um largo leque de fenômenos, dentre eles: a instituição do apelo e a introdução do código linguístico, no sentido da *língua materna*.

Pulsão escópica, especularidade de *speculum*, espelho em latim, concerne a questão do olhar. Deve ser distinguido da visão, no sentido em que a visão é um funcionamento de órgão, enquanto o olhar é uma função psíquica, que implica a questão da representação¹⁷.

Para Graciela Crespin (2004), a clínica do olhar é central no primeiro ano de vida, não somente porque a ausência do olhar constitui o sinal característico das patologias autísticas, mas também porque a instauração do olhar, no sentido de acesso especular, constitui a entrada no mundo visível. O acesso ao especular, depende do reconhecimento da imagem de si, a partir

¹⁷ Ver a esse propósito “A esquizo do olho e do olhar” in: Lacan J., Seminário XI: “Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise” em francês: Seuil, Paris 1973.

da qual Lacan elaborou o *estado do espelho*¹⁸, conservando-o como momento fundador em que a antecipação sobre a imaturidade motora conduz à constituição da imagem do corpo. O conjunto de aquisições ditas do desenvolvimento psicomotor dependem da imagem do corpo, quer dizer, de uma construção psíquica. Destaca-se, portanto, a importância do olhar da mãe nas primeiras trocas com a criança; a falta desse olhar pode causar situações graves.

Lacan (1949), em seu texto, *O estágio do espelho como formador da função do Eu*, teoriza sobre o processo necessário para a constituição de uma imagem própria. Trata-se do momento em que a criança contempla sua imagem no espelho e ali se reconhece. Caracterizado pela representação corporal da criança identificada a imagem do Outro que lhe dá a ilusão de completude. O psicanalista francês ressalta ainda, em sua teorização, o papel do olhar do outro materno como possibilitador da identificação da criança. Ao identificar-se com a própria imagem, a partir da confirmação fornecida pelo o adulto com suas palavras e seu olhar, que lhe devolvem uma determinada significação a criança, muito antes de ter condições neurológicas para tal, antecipa a sensação de unificação de seu corpo. A imagem apresenta uma forma organizada, integrada, unificada e tem um adulto que lhe diz que essa imagem é dela. Lacan (1949, p. 97), diz que a imagem no espelho dá um contorno e unifica o que se encontrava ainda despedaçado, é assim, que se forma o Eu: na base do desconhecimento, nesta alienação ao olhar e às palavras do Outro, bem como na colagem imaginária à ilusão de completude que a imagem especular fornece. Assim se constitui o que, para Lacan, será o registro Imaginário (1953) no seu texto *Função do campo da linguagem em psicanálise* que abarca também toda a apreensão da realidade externa (BERNARDINO, 2006).

Segundo o que Lacan (1998, p. 100) apresenta, “o estágio do espelho é um drama que fabrica para o sujeito, as fantasias que se sucedem desde a imagem despedaçada do corpo até uma forma de totalidade”. A experiência da criança diante do espelho, a imagem especular, é o que possibilita que ela estabeleça a relação do seu eu com a realidade. Isso se dá justamente no encontro com o Outro, que não obtura essa falta, produzindo o que nomeamos falta-ser.

A criança se jubila diante do espelho ao reconhecer seu corpo na imagem unificadora, porém só o pode fazer porque essa unidade foi antecipada na fala materna, imagem antecipada e organizada ao redor desse furo central da linguagem.

No seu texto, *Três ensaios sobre a sexualidade*, escrito em 1905, Freud descreve como o corpo da criança vai sendo construído e passa a ter representações através da significativa com este outro que dela cuida. Percebemos que, no campo humano, o circuito pulsional

¹⁸ Estado do Espelho, Lacan, J. “O estado do espelho como formador da função do Eu” In: Escritos, 1998. Ed. Zahar.

rapidamente suplanta e significa o funcionamento biológico. No campo pulsional, o bebê vive experiências de satisfação que partem de uma fonte biológica, a boca, os olhos, o nus etc., e estabelece um intercâmbio com um outro, que toma essas fontes como objetos de desejo, de investimento e retornam ao bebê pulsionalizados, erogeneizados (BERNARDINO, 2006).

Nas relações primárias significativas, o funcionamento corporal vai aos poucos se dobrando às regras da cultura – o sono, a alimentação, a excreção vão sendo regulados pelas normas educativas de cada família. É nessa articulação que será possível um organismo tornar-se corpo, ao mesmo tempo em que se esboça o surgimento do sujeito psíquico, o lugar simbólico a partir do qual a criança vai ver o mundo, decifrá-lo, organizá-lo (BERNARDINO, 2006, p. 34). O aspecto psíquico decorrente dos elementos estruturais nem sempre está presente no bebê, mas é sustentado pela figura materna, que o antecipa. Por exemplo, quando a mãe fala com seu filho recém-nascido, está antecipando-o como falante, mesmo que ele ainda não o seja.

No que diz respeito ao modo como se processa a constituição psíquica do corpo, Françoise Dolto no seu livro *A imagem inconsciente do corpo* trouxe grande contribuição dada a sua constante reflexão sobre as falhas ocorridas neste processo.

Dolto propôs dois conceitos fundamentais para a constituição do corpo: a imagem inconsciente do corpo e o esquema corporal. O termo imagem para Dolto trata-se de uma imagem inconsciente, substrato relacional da linguagem. É desde sempre peculiar a cada um e eminentemente inconsciente, não se estrutura pela aprendizagem e sim pela comunicação entre dois sujeitos e o vestígio, no dia a dia memorizado, do gozar frustrado, reprimido ou proibido, castração no sentido no sentido psicanalítico, do desejo na realidade. O esquema corporal faz referência a uma realidade de fato, ou seja, ao nosso viver físico, carnal, enquanto participantes de um mundo também físico. É, em princípio, o mesmo para todos os indivíduos da espécie humana, mas sua estrutura futura dependerá da aprendizagem e experiência pelas quais atravessam. Nesse sentido é em parte inconsciente, mas também pre-inconsciente e consciente. O esquema corporal é evolutivo no tempo e no espaço.

O cruzamento do esquema corporal e da imagem do corpo, graças ao qual podemos habitar o mundo, se dá na medida em que o esquema corporal permite a objetivação desta intersubjetividade que é a imagem do corpo. Nesse sentido, Dolto (1991) coloca como função do esquema corporal interpretar a em do corpo, no entanto esta interpretação não é necessariamente passiva, resultando em uma relação nem sempre de coincidência entre a imagem do corpo e o esquema corporal. A estruturação de ambos percorre caminhos distintos.

O esquema corporal, é um lugar de necessidade, inaugura-se no momento do nascimento e se desenvolverá como um corpo real, submetido às leis da fisiologia. Ele é desde sempre uma

realidade de fato, de lugar e de fonte das pulsões. Já a imagem inconsciente do corpo é um lugar de desejo, não é um dado anatômico natural, se elabora na história do sujeito. Se constitui, inicialmente, em referência às experiências olfativas, visuais, auditivas e táteis que a criança vivencia, em caráter de comunicação, com sua mãe. Tais experiências se constituem enquanto marcas do desenvolvimento libidinal da criança.

Falar a respeito de corpo, cabe ressaltar, que tão imprescindível quanto a própria linguagem, a qual, de maneira geral, é estruturante. O corpo é primeiramente um corpo falado, e a mãe vai sustentar para a criança através de sua fala uma possibilidade de existir. O corpo é tomado pela linguagem, trata-se aqui da palavra como verbo, da palavra que cria, separa e nomeia.

Freud atribui à mãe um investimento sexual com a criança, acrescentando que “é assim que a mãe ensina o amor ao seu filho”, ao tocá-lo, ao acariciá-lo enquanto cuida dele, ela promove a erotização de certas zonas de seu corpo. Os psicanalistas pós-freudianos chamam à atenção para que essa cena entre a mãe e a criança não seja uma “cena muda”. O discurso que a mãe sustenta enquanto cuida do bebê introduz o simbólico no tocar, desloca algo exclusivamente do contato, faz um corte. Acrescentam, ainda, que a fala da mãe tem valor de teoria, face ao que a criança experimenta, porque recalca o excesso de excitação produzido pelo tocar. O discurso materno, ao produzir o recalcado, o sexual e as zonas erógenas vai abrir para a criança o acesso à fala. O corpo é, primeiramente, um corpo falado, e a mãe vai sustentar para a criança, através de sua fala, a possibilidade de existir.

Com relação ao desmame, é de nosso conhecimento que o contato corpo-a-corpo de uma mãe com seu filho é necessário e erotizante para ambos, mas faz-se necessário que o desmame venha justamente marcar uma separação nessa relação corporal e que introduza uma etapa diferente de intercâmbio de prazer, permitindo à criança descobrir novas maneiras de comunicação, ou seja, de trocas com o exterior. Como nos lembra Dolto (1992, p. 79-80), *o desmame*, esta castração oral do bebê, implica que a mãe também aceite a ruptura do corpo-a-corpo em que a criança se encontrava, passando do seio interno aos seios aleitadores e ao regaço, totalmente dependente da presença física dela. Esta castração oral da mãe implica que ela mesma seja capaz de se comunicar com seu filho de outra forma que não seja lhe dando apenas alimento, lidando com seus excrementos devorando-lhe de beijos e carícias. Mas sim através de palavras e gestos que também são linguagem.

A natureza humana é algo sobremaneira complexa, a constituição de seu ser e o agir no mundo despertam o interesse de diferentes pesquisadores. Tal constituição perpassa certas dimensões do ser humano, a exemplo da sexualidade. A esse respeito, em seu estudo realizado

no âmbito da psicanálise, Bernardino (2006) revela-nos que aquilo que Freud relatou, em seu texto de 1905, *Três ensaios sobre a sexualidade*, ultrapassou as meras conclusões sobre a questão sexual como era entendida, até então, no âmbito da genitalidade. Ele abriu caminho para um entendimento do que é a constituição de um ser, para que se torne sujeito no pleno sentido da palavra. Descobriu que o que faz uma criança tornar-se sujeito é o que ela deseja, visto que ela deseja porque alguém a desejou e a antecipou como um ser desejante, introduzindo-a no campo que Freud descreveu como campo pulsional.

O mestre vienense traz a sexualidade como algo amplo e fundamental, aborda de maneira peculiar que um ser, para entrar em condição humana, deve sair do registro puramente biológico e entrar em um campo de significações. E isto só pode se dar através da atuação de um outro da mesma espécie, que se encarregue desse ser, administrando-lhe os cuidados necessários para sua sobrevivência. Contudo, que seja um outro presente não como uma *máquina de prestar cuidados* e, sim, como alguém com interesse especial por essa criança, isto é, que tenha um desejo implicado.

A constituição do sujeito, para Dolto (1991)¹⁹ apresenta, de imediato, um paradoxo. Segundo a autora, “há sujeito desde a origem, a partir da concepção, mas o pequeno humano deve passar pelas vias complexas da subjetivação”. O sujeito se encarna nas primeiras células que vão construir o feto, trata-se do sujeito no sentido psicanalítico da palavra, quer dizer, do sujeito inconsciente, sujeito do desejo. O sujeito se manifesta por desejo e não por necessidades. Toda a teorização da autora tende a levar em conta a especificidade do bebê. O pequeno humano é um prematuro, sozinho, ele não tem meios de expressar sua subjetivação. Ele está em absoluta dependência em relação às instâncias tutelares que, em geral, são os pais da criança. A imagem inconsciente do corpo, conceito primordial da idade de mãe e filho e entre linguagem e corpo. As imagens inconscientes têm um destino: as castrações, palavra de Dolto (1991), diferentemente de Freud, utilizada no plural, que são as provas com as quais se choca o desejo da criança: é o interdito radical, oposto à satisfação buscada e conhecida precedentemente.

Outro aspecto da linguagem, de caráter simbólico, que tem implicações diretas com a constituição do sujeito, é o nome próprio construído valioso para a Psicanálise. Compreende-se que o mundo no qual o bebê se encontra ao nascer é um mundo de linguagem. Já falam dele antes mesmo do seu nascimento, dão-lhe um nome e inscrevem-no em um registro civil. Falam

¹⁹ Psiquiatra e Psicanalista francesa, nasceu em 1908 e morreu em 1988. “Em sua tese, F. Dolto resume, sob o título *Psychanalyse et Pédiatrie*, a teoria de S. Freud como as aplicações que concebe para si” (CHEMAMA, 1995, p. 52).

com ele quando ainda está no ventre materno, e saúdam-no quando ele é dado à luz, por meio deste nome, que lhe foi previamente concedido.

O bebê, quando recebe um nome, torna-se um sujeito nomeado. Isso quer dizer que esse nome próprio dá uma singularidade àquele sujeito. Essa singularidade porta a características da anterioridade ao próprio nascimento. Ao nomear-se uma criança já se fala nela como existindo, mesmo sem ainda ter nascido. É muito antes da existência propriamente dita de uma possível pessoa, que um corpo, pelo simples fato da existência da linguagem, já existe. Neste sentido, não é preciso nascer para existir. Existe porque se fala sobre ela, já se conversa sobre ela e sobretudo já se imagina sobre ela. O nome próprio designa o próprio momento da identificação, designo este que o sujeitam, liberando a criança da condição de coisa. Quando uma criança recebe um nome, recebe uma marca, marca esta que o torna sujeito e o diferencia das coisas.

Chamar uma criança pelo nome que designa é o primeiro momento da identificação, momento em que o sujeito escapa ao estatuto de coisa. Ter recebido seu nome de um Outro é ser assinalado com uma marca, traço unário²⁰ que vai permitir ao homem ser diferenciado das coisas e poder nomeá-las. Lacan, no Seminário 9 da Identificação (1961-1962), diz: “*O Nome Próprio é o próprio significante, é mais que um significado*”. O nome inscreve a pessoa no simbólico, é o nome que dá forma.

O nome próprio não se presta apenas para designar um sujeito, mas sim para torná-lo legítimo, uma vez que a escolha desse nome traz uma marca bem peculiar que permite uma intimidade entre o nome e o sujeito. Cada nome está impregnado de desejos e tais desejos advém de uma inscrição anterior visto que esses antecedem o sujeito que emerge na mãe e se fixam com a função paterna. O nome que a criança recebe, é o nome de um ancestral e, por sua vez, corresponde a um sonho de infância da mãe, é um dos elementos da pré-história no Outro que estará relacionado àquele que vai nascer (ELIA, 2004).

Françoise Dolto nos diz que de todos os fonemas e palavras ouvidas pela criança, existirá um dentre eles que assumirá uma importância primordial, assegurando a coesão narcísica do sujeito, trata-se de seu prenome. Desde o nascimento, o nome - ligado ao corpo e a presença do Outro, contribui de forma determinante para a estruturação das imagens do corpo, sendo aqui também incluídas as imagens mais arcaicas. O prenome e o fonema que acompanha o sensorio da criança, inicialmente em sua relação com os pais, mais tarde com o outro, do nascimento até a morte. Isso explica por que não se pode, sem graves riscos, trocar o prenome de uma criança.

²⁰ Traço unário. Conceito introduzido por J. Lacan, a partir de S. Freud para designar o significante em sua forma elementar e para explicar a identificação simbólica do sujeito (CHEMAMA, 1995, p. 216).

Para ilustrar o quanto o nome próprio tem uma função constituinte, traz-se do caso Frédéric, paciente de Dolto (1991).

Um garotinho de sete anos, de aparência psicótica, hipoacúsico, abandonado pelos pais depois do nascimento, recolhido em uma creche assistencial e adotado aos onze meses, ocasião em que recebeu o nome de Frédéric, que se recusava a ler e escrever, mas manipulava a letra A e a inscrevia em seus desenhos. Depois de algumas interpretações sem resultado - o A poderia significar Armand, seu prenome de nascimento. Françoise Dolto tentou chamá-lo como se ele não estivesse ali, sem olhar para ele, isto é, não se dirigindo a sua pessoa de corpo presente, mas em voz alta com tons e intensidades diferentes, virando a cabeça para todos os lados, para cima e para baixo, como se estivesse chamando, no espaço, alguém que não soubesse onde se situava; “Armand...! Armand...! Armand...!”. O menino começou a escutar, sem olhar para a psicanalista, tal como ela não o olhava. Dolto ficou imitando essa procura de um “Armand”, até que chegou um momento em que o olhar do menino cruzou com o dela, e esta lhe falou: “Armand, esse era seu nome quando você foi adotado”. Nesse momento, a psicanalista pode perceber em seu olhar uma intensidade excepcional. O sujeito Armand, desnomeado, pode relatar sua imagem do corpo a Frédéric, o mesmo sujeito, assim nomeado aos onze meses. Tinha havido um processo inteiramente inconsciente: ele precisava ouvir esse prenome, não dito com uma voz normal, da analista que ele conhecia, que se dirigia a ele em seu corpo, ali, no dia a dia, no espaço da realidade atual, mas dita com uma voz sem lugar, por uma voz de fora, chamando-o dos bastidores. Era esse tipo de voz, de amas secas desconhecidas, que ele ouvira quando se falava a seu respeito ou quando ele era chamado, na ocasião em que estava na creche de crianças à espera de adoção. Para Françoise Dolto foi a redescoberta de uma identidade arcaica, perdida desde os onze meses de idade, que lhe permitiu superar suas dificuldades de ler e escrever.

Dolto (1991) destaca o poder das palavras, a importância da fala verdadeira, a colocação de palavras na experiência, o falar sobre acontecimentos da genealogia etc.

Colocar palavras no sofrimento e nas tensões latentes os humaniza e lhes dá sentido. Quando as coisas são faladas, persiste a paz do corpo, ao passo que, o que não é verbalmente retomado permanece ali, cria um nó, e o corpo fala em lugar do que não pode ser dito. Dizer a verdade sobre a vivência ou sobre uma história é apenas preencher um vazio, mas também reenxergar o sujeito em sua própria história, explicar e tornar mais verdadeiro algo até então confusamente sentido. Nos casos de ausências, doenças, abandono e provações familiares, F. Dolto pede que se conte às crianças sua história. História que lhes deve ser dita em sua verdade, pois é a verdade, colocada em palavras, que redinamiza uma história às vezes complexa, onde

se atam o imaginário, a realidade e a identificação através de gerações. o não dito nem sempre se relaciona com a realidade simples ou com as origens genéticas, mas está frequentemente ligado a sentimentos, fantasias e a situações traumáticas.

A fala verdadeira no seio de uma relação amorosa, pode “restaurar a estrutura simbólica na verdade da relação com alguém que lhe fala, do que ele sofre e da sua história” (DOLTO, 1991, 72).

Convém contar às crianças as condições de sua chegada ao mundo: provações a que ele sobreviveu caso tenha havido algum problema, com isso afirmando sua positividade para viver. O que é fundante e reabilitador são as palavras verdadeiras de uma história. As falas podem transformar as situações bloqueadas cuja origem se enraíza no não saber, no não dito. Essa é uma das principais lições dadas por Dolto (1991). As palavras recebidas conferem a vida.

Entretanto, se as palavras são libertárias e verdadeiras, às vezes também podem ser mortíferas. Um dito mal compreendido ou a evocação de possíveis dificuldades podem induzir a fantasias, a uma angústia e a um destino que será preciso retornar por ocasião de um encontro com um psicanalista. A psicanálise é justamente um trabalho com palavras, uma reimpressão do sujeito em seu próprio desejo, em sua história.

Se Dolto (1991) insiste tanto na atualização dos significantes através da genealogia, é por estar convencida da possibilidade de revisá-los e, desse modo, livrar o sujeito de uma maldição, de um não dito que remonte a duas gerações. Se por exemplo, uma mãe vive o luto de seu pai durante a gravidez, seu filho corre o risco de ficar marcado por esse “ser” sem vida, rival dele. Há a possibilidade de que a criança não possa assumir a realidade de seu corpo, de que viva meio ausente, por estar identificada com pensamentos da mãe gestante. Dolto (1991) relaciona numerosos exemplos do aspecto patogênico de um saber oculto, de um fragmento de história familiar recalcado.

Falar a verdade para uma criança significa considerá-la como um homem ou uma mulher em devir, inteiramente feito de linguagem em seu ser, que tem um corpo criança, mas compreende tudo o que dizemos. Falar a verdade é respeitar o outro, seus sintomas e seu comportamento e desde logo, chamá-lo por seu nome e buscar o sentido do que ele diz inadvertidamente em seu sintoma.²¹

Dolto (1991) costumava afirmar que era preciso falar com os bebês, dizer-lhes a verdade das coisas, e isso lhe valeu muitas ironias. Para essa psicanalista, toda criança tem entendimento da fala, quando quem lhe fala, fala com autenticidade, querendo comunicar algo que a seu ver

²¹ Sintoma. Fenômeno subjetivo que constitui, para a psicanálise, não o sinal de uma doença, mas a expressão de um conflito inconsciente (CHEMAMA, 1995, p. 203).

é verdadeiro. Como Winnicott, Dolto (1991, 75) reconhece que o rosto da mãe é uma espécie de espelho constitutivo do ser do sujeito, mas afirmou que há também “as primeiras palavras, ouvidas horas de vida, como ecos de um espelho sonoro”.

Os problemas que envolvem os bebês e as crianças pequenas, em seus primeiros tempos de vida, são sobretudo perturbações do laço entre esses pequenos e seus cuidadores privilegiados. Aprendemos através dos escritos que é possível apontar uma organização na construção dos sinais de sofrimento e, ao mesmo tempo, contemplar a condição relacional da nosologia proposta. Desde os mais ingênuos problemas, com queixas do dia a dia da clínica com bebês até crianças autistas.

Crianças que inicialmente não olham, não falam, não interagem, não existem, sem adentrar por ilusões idealistas, em condição desejante no laço com seus cuidadores principais, muitas vezes impossibilitados também de oferecer um lugar, alguma significação, ou qualquer tipo de encantamento.

Winnicott²², após a publicação de *O estado do espelho* de Lacan, escreveu um artigo intitulado *O papel do espelho da mãe e da família no desenvolvimento da criança*, onde ele postula ser no olhar que a mãe coloca sobre o bebê que sua imagem se formará e à qual o bebê vai poder se identificar, quer dizer a mãe é o espelho do bebê. Quando o bebê olha sua mãe, ele vê a si mesmo. Uma mãe deprimida ou psiquicamente ausente na relação restitui ao bebê uma imagem dele mesmo que é problemática. Os bebês que por muito tempo são confrontados com a experiência de não receber de volta o que eles estão dando, olham, mas não se veem, quando o rosto da mãe não responde, existe aí a ameaça de um caos e o bebê organiza seu retraimento ou não olha nada. O espelho se torna algo que se pode ver, mas no qual não é mais preciso se olhar.

Quanto à Oralidade, quando há problemas raramente se passa no estômago ou mamadeira, o que torna a situação mais complexa é o sentido que toma a relação alimentar e que implica simultaneamente o desejo inconsciente da mãe e o que ela atribui ao bebê. Quanto mais a mãe responde unicamente no plano da necessidade, mais o bebê recusa, geralmente essa dinâmica se acentua se a mãe insiste.

Crespin (2004) chama a atenção para a clínica das recusas alimentares que deve nos orientar para os tipos de trocas entre a mãe e o bebê. Uma recusa no plano alimentar pode traduzir para o bebê, uma tentativa de colocar um limite à inclusão materna. O bebê de tal mãe pode continuar recusando, mesmo que a mãe não o force no plano alimentar, sua reivindicação

²² Winnicott Pediatra e psicanalista britânico (Plymouth, 1896 - Londres, 1971). Em 1935, tornou-se membro da Sociedade Britânica de Psicanálise (CHEMAMA, 1995, p. 223).

visará agora um outro plano da relação. Há uma proximidade da oralidade ao estritamente registro alimentar, devemos então, estar atentos não apenas ao lado superficial das necessidades, negligenciando sua dimensão simbólica, mas também, aquilo que a oralidade está ligada, à questão do desejo, traduzida pelo bebê.

As crianças encontram várias formas de demonstrar que não estão bem. Através de sinais identificados no corpo e expressões físicas, orgânicas e de sociabilidade, o bebê ou a criança demonstra seu desconforto ou sofrimento psíquico.

Os sinais de sofrimento, nomeação dada para apontar e descrever o que ocorre com o bebê que não está bem, mostram como podem ser observáveis e, dessa forma, como diversos podem ler esses sinais desde muito precocemente em benefício do próprio bebê e do risco que ocorreriam, caso não fossem atendidos. Esses sinais são divididos em série dita *barulhentas* e série dita *silenciosa* (CRESPIN).

Segundo Eliacheff (1995), no seu livro *Corpos que gritam*, o sofrimento dos bebês aparece na forma de disfunções viscerais, digestivas, nos distúrbios do sono, como insônia ou na hipersonia, agitação ou apatia. Identificamos sofrimento também através de sinais no corpo, nas expressões físicas, orgânicas e de sociabilidade. Os bebês ou as crianças expressam seu sofrimento no momento da amamentação, com aceitação ou recusa, a forma e o momento do desmame; olhar com aceitação ou com evitação, apresentam sintomas na fala, no tônus muscular.

No campo das neuroses da infância, podem-se observar efeitos da desnaturalização do humano nas falhas de organização de aspectos funcionais do desenvolvimento e da relação com o outro. Trata-se de crianças que não conseguem, por exemplo, ter controle dos esfíncteres, apesar de boas condições fisiológicas e maturacionais para tal; ou crianças anoréxicas que desconcertam suas mães ao recusarem o que estas lhes oferecem para comer ou aqueles bebês que não dormem à noite, apesar dos esforços educativos dos pais (BERNARDINO, 2006, p. 38).

Dolto (1991) emprega o termo neurose num sentido bem amplo. Essa patologia se caracteriza por um sofrimento que se expressa no nível do corpo ou nos comportamentos. De maneira geral, a origem dessas neuroses precoces situa-se nas deficiências de comunicação inter-humana verdadeira e nas falhas da educação. Geralmente, existe uma complicação da angústia entre os pais e o filho²³.

²³ Para Françoise Dolto, oito em cada dez neuroses infantis concernem aos pais, por estes não terem feito em tempo hábil as castrações necessárias ao “ir-se tornando” da criança, que assim permanece petrificada em modalidades de gozo regressivas.

Os fatores da realidade e os traumas sob forma de acontecimentos não são os únicos em questão, a angústia e o inconsciente dos pais devem ser levados em conta, e especialmente aquilo que o filho representa para eles. Por isso, as disfunções dos bebês devem ser compreendidas, antes de mais nada, como uma linguagem de entendimento inter-relacional. Dolto (1991) afirma com frequência que o bebê absorve a angústia da mãe, ou que é o primeiro psicoterapeuta dos pais, seu receptáculo, por estar fusionado com eles. O bebê exprime, através de disfunções, de problemas de saúde, o que está acontecendo com eles próprios, com sua harmonia pessoal. O filho atualiza o que sucede no inconsciente dos pais (DOLTO, 1991).

A clínica psicanalítica com crianças é rica em sintomas, desde a hiperatividade, desatenção, problemas de aprendizagem ou de fala, são muitas histórias revelam como situações familiares, fatos do passado, perturbações na função paterna e materna ou nas relações do casal parental intervêm no surgimento destes transtornos. Entendê-los apenas do ponto de vista neurológico, bioquímico e neurofisiológico é negar o estatuto simbólico do homem (BERNARDINO, 2006).

A psicopatologia da criança é apreendida, em Dolto (1991), numa relação com os temas de segurança básica violentada, perda de ritmo/constância na relação, ausência de palavras e trocas lúdicas, não ditos, experiências vividas sem palavras explicativas, castrações não impostas ou não superadas, angústia e fixações neuróticas dos pais, e resolução difícil ou impossível do Édipo.

Dolto (1991) sempre insistiu nos perigos das separações reiteradas da figura maternizante, que leva consigo os referenciais fundamentais do bebê. O isolamento brutal, desprovido de palavras, reaviva o desejo do corpo a corpo do *infans* com a massa portadora tranquilizadora. Situar-se através dos sentidos, principalmente do odor, é um modo de reconhecimento que prevaleceu por muito tempo. Toda separação demasiadamente prolongada da mãe é sentida como uma rejeição castradora e obriga a criança a se consumir para se reunificar imaginariamente. Uma espera excessivamente longa pode esgotar o potencial da coesão existencial sentida até então: “Por isso é que a experiência prolongada de uma necessidade insatisfeita de reencontrar a díade mãe-filho, que pode também provocar a morte simbólica por deglutição, a destruição intra-sistêmica [...] É a perda de uma imagem do corpo que é resíduo da experiência fetal, antes mesmo da instalação de um narcisismo primário”.

Existem falhas no ingresso na vida simbólica por privação de uma presença humana afetiva, por um deserto de palavras e carícias, e existem perdas de segurança existencial por ruptura, pelas ausências da mãe: “Qualquer ruptura no tempo no tocante às pessoas amadas, e qualquer ruptura no espaço com respeito aos lugares de segurança conhecidos desde o

nascimento, mas sobretudo entre três meses e a idade da marcha deliberada e confirmada, é uma ruptura do sensório tranquilizador que é fundante para o narcisismo” (DOLTO, 1991 p. 111).

As crianças, nos primórdios, devem ser respeitadas em suas características expressivas e em sua fantasia. Trata-se, antes de mais nada, de reconhecê-las como sujeitos do desejo, de ouvi-las em sua verdade, através de suas palavras e seus sintomas. Esses sintomas são mensagens a decodificar, mal-entendidos, mas são também expressão de sua verdade e de sua história. Não devem ser reeducados ou agrupados numa rotulação esterilizante e segregacionista (DOLTO, 1991).

A partir dos textos e discursos de Dolto (1991), podemos perceber que algumas maternagens são consideradas nocivas. Não se trata de identificar uma tipologia ou de falar de mães más, porém de demarcar, em função de uma prática, quais são as situações, ou melhor, as dinâmicas que funcionam de maneira geradora de regressão, que não promove a criança.

Podemos destacar algumas relações que não são promovedoras para a criança, por exemplo, quando nunca existe uma comunicação alegre da mãe com seu filho, em que o desejo não se manifesta, ou em que há poucas palavras, poucas trocas vivas. O desejo a que só se responde nos momentos de necessidades vitais é anulado pela satisfação corporal e permanece articulado com o funcional, com o orgânico. Esse modo de relação não permite ao sujeito desejar e não permite ao pré-eu da linguagem construir-se através de intercâmbios cúmplices. Outro tipo de relação que não promove a criança, acontece quando se confere constantemente a satisfação de seus pedidos. Uma demanda permanentemente satisfeita impede o desejo e o sujeito de emergirem, corta o apelo ao outro e sabota a invenção e a criação. Esses dois tipos de relações maternizantes não despertam a criança para a ideia de um sujeito desejante através da linguagem e das trocas.

As comunicações feitas em meio à depressão, em seguida ao nascimento; as superproteções ansiosas da mãe, que dificultam a simbolização de sua presença; as situações em que a mãe privilegia o fato de ser mãe em detrimento do fato de ser *esposa*. Essa regressão, com uma identificação com o bebê impotente e frágil, tem efeitos desorganizadores no casal. A excessiva erotização oral ou anal dos pais. Quando o filho é apenas um objeto libidinal oral ou anal, sobre o qual a mãe usa seus poderes para o seu próprio prazer. É patogênico para o filho ser o objeto erótico arcaico de uma mãe que não tenha como imagem de desenvolvimento, uma atitude madura de uma mulher diante do marido (DOLTO, 1991).

Para Dolto (1991), o trabalho de psicanálise com crianças trata de reencontrar fios perdidos através de histórias singulares, de compreender situações nas quais o sujeito se

extraviou. Seu procedimento consiste, portanto, não em impor um saber constituído, mas em procurar, junto com a criança, um sentido para suas dificuldades. Assim, é preciso dar a palavra à mãe, voltar ao que pode ter acontecido, e não curar os sintomas com medicamentos inibidores, que reforçam ou anulam os sentimentos e os afetos. Cabe decodificar o sentido desses sintomas, sem estancar depressa demais as manifestações de desejo, de angústia e de apelo que são as expressões psicossomáticas (crianças que gritam, que vomitam, que não conseguem dormir). Tolerar e reconhecer esse sofrimento, compreender seu sentido, esse é o trabalho dos psicanalistas nos consultórios e serviços hospitalares de crianças pequenas.

O sintoma é a expressão de uma dificuldade, um *mal-entendido*. Mas a criança precisa dele para viver, porque assim o sofrimento é desviado, compensado. Os sintomas são meios de utilizar a angústia e torná-la menos penosa, além disso, trata-se evidentemente de uma comunicação, de um “laço de intimidade entre mãe e filho” (DOLTO, 1991, p. 119).

Lacan considerava o sintoma da criança como representante da verdade da estrutura familiar recalcada, em geral em resposta às falhas da simbolização. Esse sintoma poderia ser uma alteração de uma função corporal por inibição ou excesso como uma anorexia, diarreia, asma, ou por distúrbios da linguagem como atrasos, em resposta às neuroses dos pais. O funcionamento corporal é marcado pelos enunciados parentais, a criança está numa dependência simbólica do Outro, alienado no discurso do outro. Tudo vem do Outro, e o lugar é ocupado pelos: Outros reais, os pais. Mas para Lacan, as imagens parentais são desvalorizadas em proveito dos lugares na estrutura, lugares de enunciação. O pai e a mãe são pequenos outros, é o simbólico e o Nome do Pai que permitem melhor situar o problema do sujeito. A criança é tomada no significante do Outro.

3 PSICANÁLISE E LITERATURA

“Poetas e romancistas são nossos preciosos aliados, e seu testemunho deve ser altamente estimado, pois eles conhecem muitas coisas entre o céu e a terra, muitas coisas que nossa sabedoria escolar não poderia sonhar. São, no conhecimento da alma, nossos mestres, conhecem a psique porque beberam nas fontes que não se tornaram acessíveis à ciência” (FREUD, 1907, p. 81).

Freud valeu-se da literatura na fundamentação e sustentação conceitual da psicanálise e ampliou o campo de interpretações das obras as quais se debruçou deixando um longo caminho para que continuássemos a percorrer.

O lugar que a Literatura ocupa na elaboração da teoria psicanalítica permite dizer que, o saber da arte atravessa a obra freudiana, reconhecidamente, a literatura pré-existe à Psicanálise.

A respeito da teoria psicanalítica, o princípio fundamental é a existência do inconsciente, é ele que nos governa. Desejos, fantasias, sentimentos impensáveis, e às vezes não ditos através de palavras, muitas vezes são expressados nas artes ao longo do tempo.

A literatura pode ser compreendida como a arte de criar e recriar textos, tomada como expressão do inconsciente, para mediante as palavras, apreender a experiência humana da realidade.

3.1 FREUD E A LITERATURA

Freud, desde cedo sentia-se atraído pelos clássicos da literatura mundial. Na adolescência, era fascinado por esse gênero literário, foi um leitor voraz, era amante dos livros. Leu incansavelmente, durante toda a sua vida, as tragédias e os clássicos como *Antígona* e *O Édipo Rei*, de Sófocles; *Fausto*, de Goethe; *Hamlet* e *Macbeth*, de Shakespeare; *Irmãos Karamazov* e *Crime e Castigo*, de Fiódor Dostoiévski; entre outros como Kafka. Tinha grande respeito e admiração pelos poetas e escritores criativos, leu a obra do escritor espanhol Miguel de Cervantes, em *Dom Quixote de La Mancha*. Chegou a dizer que “O artista chega facilmente pela intuição onde ele chegou através de um trabalho de muita investigação”

Freud foi um dedicado leitor e tornou-se um eminente escritor. Encontramos no pai da Psicanálise, um inegável talento literário para a escrita. Nos relatos de seus casos clínicos, temos um deleite estético, as narrações de experiências vivenciadas em torno dos dramas de

seus pacientes, são apresentadas de forma literária, como podemos ver no caso *O Homem dos Lobos*²⁴ e *O Homem dos Ratos*²⁵.

A literatura foi uma espécie de horizonte no futuro da psicanálise, os poetas e escritores capturam nas narrativas o sofrimento humano pelos quais nossos sintomas são produzidos, a partir de determinados conflitos e de certas maneiras de desejar.

Freud recorreu com frequência às artes para auxiliá-lo no esclarecimento de conceitos da teoria que estava criando e, muito particularmente, serviu-se da produção literária, que lhe proporcionou a possibilidade de estruturar e complementar a teoria Psicanalítica. Ao considerar o mundo íntimo das pessoas, Freud encontrou na literatura expressões da nossa interioridade, ou seja, as Formações do Inconsciente.

Apesar das exigências científicas, Freud lançou a escrita poética como literária, com vistas na construção do saber psicanalítico ao considerar o mundo interno das pessoas, conseguindo elaborar uma importante abordagem teórica vivida e concebida hoje por psicanalistas e outros pensadores de inúmeras áreas do conhecimento. Valeu-se da literatura na sustentação conceitual da psicanálise e ampliou o campo das interpretações das obras sobre as quais se debruçou, deixando um longo caminho para que continuássemos a percorrer. Posteriormente, autores das mais diversas formas de expressão artística fizeram uso de conceitos psicanalíticos nas suas produções. Nesse sentido, reconhece-se a importância da psicanálise em todos os ramos da cultura do século XX e admite-se que a literatura, o teatro e o cinema receberam grande influência. Ampliou o campo de interpretações das obras sobre as quais se debruçou, deixando um longo caminho para ser percorrido.

A arte e a literatura em especial, são por excelência, para Freud uma espécie de formação do inconsciente, daquilo que acontece no espírito humano. Permitiu a ele escutar seus pacientes na clínica psicanalítica como personagens de suas próprias vidas. Seus relatos são narrações de experiências vivenciadas em torno de seus dramas, apresentados de forma literária. A linha que separa a realidade ficcional da realidade factual é tênue e deve ser considerada tanto na obra como na apresentação de casos clínicos.

O pai da psicanálise explora a peça de Macbeth que acredita-se que tenha sido escrita entre 1603 e 1606 e foca em Lady Macbeth para ilustrar o caso de uma mulher que lavava as mãos umas cem vezes por dia. Uma aprendizagem que para ele é um exemplo típico de personalidade que entra em derrocada ao alcançar o êxito. Baseado nessa peça, escreveu o texto

²⁴ Caso clínico de Freud (1918 [1914]), história de uma neurose infantil.

²⁵ Caso clínico de Freud (1909-1910), observações sobre um caso de neurose obsessiva.

“Alguns tipos de caráter encontrados no trabalho psicanalítico”, de 1916. Escreveu em 1927 o texto Dostoiévski e o parricídio, no qual cita o conflito dos personagens.

3.2 A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA NA FUNDAMENTAÇÃO DA TEORIA PSICANALÍTICA

O campo de atuação da Psicanálise é a palavra, escrita ou falada, recurso de acesso ao inconsciente, trabalhada por Freud desde seu trabalho com Joseph Breuer, exposto nos estudos sobre a histeria (1893-1895). Obra primordial, que marcou o início da Psicanálise, nos revela que no trabalho analítico uma das formas de chegar ao inconsciente é pela associação livre. Regra apontada como fundamental na Psicanálise, enfatiza que o analisante comunique tudo que quiser sem crítica ou seleção.

Nos primórdios da Psicanálise, Freud se debruçou na importância da linguagem como expressão do inconsciente. Em 1900, em sua obra fundamental *A Interpretação dos Sonhos*, apontou as formações dos sonhos e a linguagem embutida neles como sinalizadores de processos inconscientes.

No texto *A interpretação dos Sonhos*, Freud estuda *Os Delírios e Sonhos na Gradiva, de Jensen* (1906-1907), aborda, em seu texto, os diferentes tipos de delírios e a histeria masculina do personagem principal. O romance, conta a história de um jovem arqueólogo alemão, Norbert Hanold, que fica fascinado pela imagem de uma jovem mulher esculpida num relevo do Museu Arqueológico Nacional de Nápoles. O arqueólogo apaixona-se pelo afresco romano, que é a Gradiva, aquela que anda para frente. Na noite seguinte, Norbert tem um sonho angustiante, sonha que encontra-se em Pompeia, no ano 79, exatamente quando Vesúvio estava para entrar em erupção e destruir a cidade. No sonho, vê a Gradiva diante dele, mas antes que possa avisá-la do perigo iminente, a Gradiva é sepultada pelas lavas do vulcão. Posteriormente, Norbert vai percebendo, através de um longo e complexo processo, a ligação entre a Gradiva e um amor de sua infância - Zoe Bortgang. Havia associado essa menina a uma mulher idealizada que o fascina - a Gradiva do baixo relevo. Seus sentimentos se deslocam, então, da mulher de mármore para a pessoa de Zoe, que apaixona-se por um. Na verdade, N. está reorganizando seu desejo, uma reencarnação de Zoe, seu amor da juventude.

Em seu texto de 1901, *A psicopatologia da vida cotidiana*, nos apresentou inúmeros exemplos de esquecimentos, lembranças, lapsos de linguagem ou de escrita, erros e descuidos no dia a dia, para enfatizar a linguagem como via de acesso ao inconsciente.

Freud deu grande relevância às artes, por considerar que o inconsciente é alimentado pelo universo simbólico da linguagem, assim como pelas fantasias. Entre 1906 e 1908, escreveu *O poeta e o fantasiar*, um importante texto tratando de *Escritos criativos e devaneios*, no qual quis compreender o que leva alguém a se tornar um escritor criativo, a escolha dos temas, a linguagem utilizada, os efeitos nos leitores. Na verdade, quis refletir sobre o desvelamento do fantasiar, e compreender o processo criativo referido. Fez várias interrogações para tentar entender se na sua infância estariam os primeiros traços de atividades imaginativas.

Já que de fato o brincar é a ocupação mais intensa e favorita das crianças, os jogos, os brinquedos que a criança leva a sério quando está na atividade lúdica, Freud compara o brincar da criança à produção da obra literária. Ambos permitem a criação de um mundo próprio onde os elementos são ajustados de forma que mais agrade ao sujeito desejante. Esse sujeito desejante justamente criou aquela obra. “É como se os conteúdos das produções literárias fossem ressignificados, a partir das fantasias, substitutas das atividades lúdicas infantis na vida adulta. Os devaneios são como brincadeiras para os adultos, um meio de realizar nossos desejos secretos ou não”.

Em 1915, na inédita obra sobre o inconsciente, o mestre vienense enfatizou a relevância desse conceito e postulou que ele é dinâmico, composto por impulsos pulsionais constituídos por representações e que dele derivam formações substitutivas - fantasias, sonhos, sintomas.

Freud escreveu a psicanálise inteira sem recorrer a uma língua erudita, de especialista, que só poderia ser lida, ouvida e compreendida por iniciados. Tinha um belíssimo estilo de escrita, por isso recebeu em 1930 o Prêmio Goethe da cidade de Frankfurt, fato que lhe trouxe grande alegria pois, até então, não havia recebido nenhuma homenagem pública. Sua escrita não é dessa forma apenas por questões de estilo, mas sim por imposições feitas pelo inconsciente, ou seja, por sua relação com o inconsciente (ELIA, 2004).

Lacan tem uma vasta pesquisa e um trabalho com a Literatura de vanguarda com o tema do Real. Em seu seminário 23, *O Sinthoma*, analisa verticalmente a obra de James Joyce e percebe que a literatura cria novas formas de colocação do conflito. A literatura, portanto, inventa uma nova linguagem, tanto do ponto de vista das formas literárias como do ponto de vista das palavras. Tira algumas palavras e põem outras em circulação.

James Joyce foi um grande inventor, tinha um projeto de construir uma espécie de língua universal unindo o passado. Segundo Lacan (1961) “a arte nos dá a ver o que de outro modo não se veria, mantendo o que há de inapreensível no objeto”. Essa forma de o ser humano expressar suas emoções, sua história, sua cultura, faz emergir fantasias e perpassa por questões

subjetivas. É possível, portanto, conjecturarmos que a verdade do sujeito pode estar subjacente a uma ficção.

Em seu seminário sobre James Joyce (1975-1976/2007), Lacan demonstrou que a arte pode funcionar para o escritor como sustentáculo, possibilitando uma saída do seu adoecimento. Nesse texto, Lacan buscou analisar a posição de Joyce em relação à sua escrita e pôde, a partir daí, avançar no ensino sobre a psicose, aprofundando conceitos relevantes para a Psicanálise. O que interessa à Psicanálise é justamente esse campo que escapa à linguagem. Ou melhor, a linguagem tenta abarcar o impossível de ser dito. É o que se busca escutar no discurso de cada analisante, assim como na obra de Clarice Lispector.

Houve um momento marcado pela Psicobiografia, em que pegavam a vida do autor e tentavam fazer a interpretação dos personagens. Fizeram isso com Marie Bonaparte, Edgar Allan Poe, entre outros, mas depois essa perspectiva declinou.

Ainda que existam limites entre Literatura e Psicanálise, ambos os campos do conhecimento, procuram explicar e lançar luz sobre a complexidade da alma humana, ou seja, o que há de obscuro, perturbador e desconhecido, aparecem nas narrativas de dramas e conflitos vivenciados pelos personagens das obras dos diferentes âmbitos da vida, seja na ordem pública ou privada, seja nos labirintos dos enredos, nos fluxos de consciência dos autores apresentados nas narrativas. A literatura é um campo onde se pode resgatar conhecimentos sobre a subjetividade humana.

O inconsciente é o fato de sermos condenados a repetir um passado que não recordamos e ter como lembrança o que jamais se repetirá na sua forma primeira. A Literatura é o conjunto dos escritos explicitamente agrupados sob o signo da ficção (à margem do técnico e do didático), que reelaboram esse passado pulsante de secreta verdade e que se encontram de maneira direta submetidos à lei de seu desconhecimento (BELLEMIN-NOEL, 1978, p. 97).

Bellemin-Noel continua dizendo que, ler ficção com os olhos da psicanálise permite ao mesmo tempo oferecer aos textos uma outra dimensão e observar a escritura na sua génese e no seu funcionamento. A atividade literária ganha com isso um regime de sentido suplementar, além de ser reconhecida como subversiva enquanto trabalho do Outro.

A psicanalista Maria Lucia Homem, destaca que uma das grandes contribuições da subversão freudiana e da posterior formalização lacaniana foi, além de delimitar o campo do inconsciente, revelar sua estrutura - de linguagem - que afeta de múltiplas formas a fala e o fazer humano. Desta maneira, o inconsciente torna-se algo acessível à interpretação. A via central para que esse trabalho se realize ocorre por meio do discurso do paciente em seu divã.

Tem-se aí a dupla basal do método psicanalítico: o analisante fala (descompromissado com o sentido, numa associação livre) e o analista incide sobre esse discurso através das pontuações, interpretações e construções que opera sobre ele, não em qualquer momento, mas nos interstícios da fala nos quais algo do inconsciente aflora, nos momentos de “abertura” nos quais o que estava oculto se revela por meio de lapsos, atos falhos, repetições etc, no fluxo incessante da linguagem (HOMEM, 2012, p. 71).

3.3 CLARICE LISPECTOR: UMA ESCRITORA ALÉM DE SEU TEMPO

“Eu nasci para escrever.
A Palavra é meu domínio sobre o mundo”
(LISPECTOR, 1999, p. 101).

Clarice Lispector (1920-1977), é reconhecida como uma das mais importantes escritoras do século XX. Escreveu romances, contos e ensaios, atuou também como jornalista. Com seu estilo inovador e linguagem altamente poética, sua obra destaca-se diante dos modelos narrativos tradicionais.

Clarice Lispector, cujo nome de origem era Chaya (que em hebraico significa “vida”) Pinkhasovna Lispector, nasceu em Chechelnyk, uma pequena aldeia da Ucrânia, antiga República Tcheca, em 10 de dezembro de 1920. Sua família, de origem judaica, deixou a Ucrânia como refugiados, diante da perseguição aos judeus na Guerra Civil Russa. Numa jornada em busca de sobrevivência, emigrou para o Brasil. Durante a viagem, sua mãe estava grávida, então tiveram que parar na aldeia para o seu nascimento. Clarice nasceu em viagem, em deslocamento, em trânsito. Esse fato tornou-se um traço, uma marca, um sentimento de *não pertencimento*, como a escritora revela na *Crônica Pertencer*, que escreveu para o Jornal do Brasil em 1968.

Ao chegar ao Brasil em 1922, fixaram-se em Maceió, Alagoas, depois, a família mudou-se para a cidade do Recife em busca de melhores condições de vida, foi lá onde Clarice passou toda a sua infância. Estudou no colégio dos israelitas, aprendeu a ler e escrever muito nova, e começou logo cedo a escrever pequenos contos, sendo o Recife um cenário recorrente em sua obra.

Sua mãe sofria de uma doença degenerativa e tinha parte de seu corpo paralisado. Clarice conta sobre isso em sua obra, em alguns de seus contos, mais precisamente em *Restos de Carnaval*, *Cem anos de Perdão* e *Felicidade Clandestina*. Percebe-se, então, que vida e obra estão absolutamente entrelaçadas. Desde pequena, Clarice era muito criativa e imaginativa.

Quando assistiu a uma peça de teatro pela primeira vez, chegou a sua casa pulando, saltitando, cheia de alegria dizendo que queria ser escritora. Em entrevista à TV Cultura (1976), ela conta que aos sete anos de idade já fabulava, inventava uma história que não acabava nunca.

Em 1930, quando estava com dez anos de idade, sua mãe faleceu, e desde então Clarice, a filha caçula ficou morando com o pai e suas duas irmãs mais velhas, Tânia e Elisa. Nessa época Clarice escrevia e levava seus textos para serem publicados no Jornal de Pernambuco, mas nunca eram selecionados, o que a deixava muito chateada. Seus escritos não eram histórias de fadas, de princesas, castelos. Não seguiam os roteiros das histórias com começo, meio e fim.

Aos doze anos, Clarice muda-se com a família mais uma vez, vão para o Rio de Janeiro, novamente em busca de melhores condições de vida.

Posteriormente, Clarice, termina o ensino ginásial e decide ingressar na Faculdade de Direito. Lá conhece Maury Gurgel Valente, seu colega de turma, com quem se casa em 1943, ano em que conclui a faculdade.

Ainda no ano de 1943, ao completar seus 23 anos, estreia na carreira literária, com o romance, *Perto do Coração Selvagem* (1943). A obra causou um abalo, agradou à crítica, recebeu muitos elogios, inclusive do crítico literário Antonio Candido, e conquistou no ano seguinte o Prêmio Graça Aranha.

Maury Gurgel, seu marido, ingressou na carreira de diplomata do Ministério das Relações Exteriores e ela o acompanhava nas constantes viagens. Viveu no exterior por 16 anos, morou na Itália, Inglaterra, Estados Unidos e Suíça, mas o fato de morar fora do país e levar uma vida muito formal, e viver constantemente mudando de lugares, começa incomodá-la, sente dificuldade em adaptar-se a esse estilo de vida e, passa a apresentar traços de depressão.

Em 1949, muda-se para Berna, na Suíça, onde escreve o romance *Cidade Sitiada*. Nessa época, tem muitas horas livres e não sabe como lidar com esse tempo, apresentar sinais de uma fase depressiva. Neste mesmo ano nasce seu primeiro filho, Pedro. Três anos depois, em 1952, Clarice está grávida do segundo filho, mudando-se com o marido para Washington, nos EUA. No ano seguinte, nasceu Paulo, seu segundo filho.

Em correspondências que mantinha com suas irmãs, podemos encontrar indícios de depressão. Relata sobre o sentimento de estranhamento, de desenraizamento. Esses sentimentos projetam-se, entretanto, no mais profundo na autora. Primeiro como ausência de pertencimento, depois como estranhamento. Na crônica *Pertencer* de 1968, Clarice diz: “tenho certeza de que no berço a minha primeira vontade foi de pertencer. Por motivos que aqui não importam, eu de algum modo devia estar sentindo que não pertencia a nada e a ninguém. Nasci de graça”. O

sentimento de ser estrangeira está arraigado em algo mais íntimo que habita a obra desta escritora.

Clarice acompanhou o marido em sua trajetória diplomática e viveu na Europa sem se desligar do Brasil, mesmo a distância manteve relações estreitas com a família, os amigos e a literatura. Depois de uma longa jornada morando fora do país, Clarice não suporta mais aquela vida distante e cheia de formalidades, então resolve separar-se do marido. Em 1959, retornou com os dois filhos para o Brasil.

Começa, então, a trabalhar no Jornal Correio da Manhã, escrevendo para a coluna Correio Feminino. Em 1960 trabalhou no Diário da Noite, sendo responsável pela coluna Só Para Mulheres. Utilizou três pseudônimos, Helman Palman, Tereza Quadro e Ilka Soares. Escreve sobre diversos assuntos, dá conselhos às mulheres, fala de cremes, ensina receitas, inclusive como matar baratas. Nesse mesmo ano, publicou *Laços de Família*, livro de contos que foi um marco, quando finalmente é reconhecida, torna-se um ícone da literatura no Brasil e recebe o Prêmio Jabuti da Câmara Brasileira do Livro. No ano seguinte, publicou o romance *A Maçã no Escuro*, e com ele conquistou o prêmio de melhor livro do ano de 1962. Dois anos depois, em 1964, publica *A paixão segundo GH*, considerado um dos maiores romances do século.

Em 1966, aconteceu um episódio que marcou de maneira trágica a sua vida. A escritora, fumando na cama, adormeceu com um cigarro aceso, provocando um incêndio que causou grandes queimaduras. Seu filho Paulo Gurgel chegou a tempo de conseguir salvá-la, foi socorrida para o hospital e ficou entre a vida e a morte, quase amputou a mão, passou por várias cirurgias. A mão com que escrevia ficou seriamente comprometida, com dificuldades para escrever. Esse fato deixou sequelas para sempre em sua vida. No ano seguinte, publicou crônicas no Jornal do Brasil e lançou *O Mistério do Coelho Pensante* (1967).

Em 1977, publicou *A Hora da Estrela*, o seu último romance publicado em vida. Nesse mesmo ano, no dia 9 de dezembro, Clarice faleceu, um dia antes do seu aniversário de 57 anos. Seu sepultamento foi realizado no cemitério israelita do Caju, zona norte da cidade seguindo os rituais ortodoxos.

Em 1985, a obra *A Hora da Estrela* ganhou adaptação audiovisual pela direção da cineasta Suzana Amaral e foi premiada no Festival de Cinema de Brasília. No ano seguinte, conquistou o Urso de Prata em Berlim.

Clarice teve uma vida marcada por adversidades, lutas, perdas, conquistas, incertezas, amores, desafetos, questionamentos.

“A vida me fez de vez em quando pertencer, como se fosse para me dar a medida do que perco não pertencendo. E então eu soube que pertencer e viver” (LISPECTOR, 1999, p. 111). Pertencer à literatura, encontrou sua experiência pessoal, a sua maneira de se colocar no mundo e de significar sua existência, não só pertencer a alguém, mas a toda humanidade.

Clarice Lispector não se considerava uma escritora, como declarou, em sua única entrevista televisionada, concedida em fevereiro de 1977 ao jornalista Júlio Lerner para TV Cultura: “Eu sou amadora e faço questão de continuar sendo amadora. Profissional é aquele que tem uma obrigação consigo mesmo de escrever, ou em relação ao outro. Agora, eu faço questão de não ser profissional, para manter a minha liberdade”²⁶.

Prezava pela sua liberdade, não gostava de rótulos, por exemplo, de ser considerada feminista, embora tenha exercido grande influência na emancipação das mulheres, tanto pela sua escrita, nas colunas dos jornais quanto pela sua vida pessoal. Teve a coragem de se divorciar do marido, deixando toda uma confortável vida de diplomacia.

Gotlib²⁷, uma das principais referências sobre Clarice, diz que as pessoas que conviveram com ela falam que era uma mulher de personalidade forte, porém extremamente sensível, tinha uma alma humana, uma alma universal.

Era considerada uma pessoa genial, porém estranha, esquisita. Misteriosa, bruxa, feiticeira, tinha magia nas palavras.

Clarice era uma mulher muito vaidosa, tinha uma beleza esplendorosa, adorava ser fotografada, mas não gostava de dar entrevistas. Nádía Gotlib, organizou o livro, *Clarice Lispector: Fotobiografia com 800 imagens*.

Clarice Lispector, enquanto escritora, surgiu no cenário da Literatura Brasileira na terceira fase do Modernismo (década de 1940), momento no qual artistas começaram a se ocupar de uma produção livre, com teorias intimistas, logo voltadas às reflexões filosófico-existenciais. Tais temáticas podem ser percebidas ao adentrar no universo ficcional clariceano, seja na liberdade da construção dos diálogos, seja no relevo das angústias de seus personagens nos momentos de solilóquios.

Enquanto eu tiver perguntas e não houver resposta continuarei a escrever. Como começar pelo início, se as coisas acontecem antes de acontecer? Se antes da pré-pré-história já havia os monstros apocalípticos? Se esta história

²⁶ Lerner, Julio. Entrevista com Clarice Lispector, televisionada originalmente na TV Cultura, filmada em fevereiro de 1977.

²⁷ Nádía Battella Gotlib (1946) é professora, crítica literária e ensaísta. É uma das principais referências sobre Clarice Lispector, pesquisou profundamente a história da escritora.

não existir, passará a existir. Pensar é um ato. Sentir é um fato (LISPECTOR, 1998, p. 11).

Clarice tem uma liberdade, um estilo original, é considerada pelos críticos como uma escritora difícil e hermética. Talvez essa dificuldade se deva ao fato de que, nas suas obras, a linguagem desperta os mais variados sentimentos no leitor: surpresa, reflexão, identificação, êxtase, angústia, estranhamento, alegria e dúvida. No entanto, o que mais chama atenção na leitura dos textos da autora é um reconhecer-se nas ideias e na forma original de expressá-las. E é através dessa mesma linguagem que, em suas obras, todo momento acontece uma nova descoberta, por intermédio de palavras e construções inusitadas, frases muitas vezes óbvias e, por isso mesmo, surpreendentes, como se o indivíduo tomasse naquele instante, consciência da sua condição de ser humano, do estar no mundo e todas as cargas emocionais, filosóficas e sociais, de sua existência e da existência do outro.

A experiência de ler Clarice Lispector não é fácil, é um desafio. Ela é intensa nos pensamentos e sentimentos, expande, extrapola. É simples na complexidade e complexa na simplicidade. Causa espanto, faz perdermos o equilíbrio, nos deixa desconcertados. É detentora de uma linguagem poética e profunda, que fala do indizível, utilizando-se de epifanias e do fluxo de consciência. No entanto, faz o leitor se identificar e reconhecer-se na sua escrita. Porém, seu texto não agrada a todos e ela sabia disso. Conta na entrevista que um professor catedrático lhe telefonou e falou que não entendia nada do que ela dizia em suas obras, enquanto uma jovem de dezessete anos afirmou que se encontrou na sua literatura e tem seus escritos como livros de cabeceira.

Na literatura clariceana, a escrita é comprometida com o ser, logo, possui a natureza de proporcionar ao indivíduo a liberdade de fazer de si instrumento de constante evolução,

Clarice exige de nós, seus leitores, o mesmo esforço, o mesmo compromisso, a mesma intimidade, intensidade e doação que ela teve ao escrever seus textos. Ou seja, torna-se impossível ler seus escritos numa atitude de afastamento e de distância. Esta leitura, a que ela nos impele, se faz de dentro de nós mesmos, em nossas entranhas, implica nossa presença em sua plenitude, sem adoção de muralhas pré-concebidas de entendimento. Isto é, da mesma forma que o esforço criador de Clarice Lispector não se escutava em fórmulas distanciadas, sua exigência é a de que nós seus parceiros leitores, participemos desta mesma experiência, permitindo o surgimento de nossa liberdade de contato e criação junto a suas palavras (KON, 1998, p. 25).

Clarice escreveu uma vasta e intensa obra literária, foi escritora, ficcionista, jornalista, pintora, tradutora e escritora de livros infantis. Escreveu, contos, crônicas, romances, livros

infanto-juvenis, cartas, escreveu em jornais, realizou entrevistas, mas o que de fato marca sua obra é a relação vital entre viver e escrever.

Não era uma escritora apenas intimista, aborda temas muito além de questões psicológicas. Em suas obras, desenvolveu temas, como violência social; violência policial, como no conto *Mineirinho*; sexualidade na velhice, como no conto *Ruído de Pássaros*; Papel da mulher na sociedade e na família; Papéis sociais como empregadas domésticas, taxistas, donas de casa. Dava conselhos sobre a criação de filhos, passava dicas de beleza, receitas de cozinha até mesmo receitas de matar baratas, descrevia corte e costura de forma poética.

Clarice era uma mulher muito culta, intelectual, formou-se no curso de Direito, falava vários idiomas, morou em muitos países. Lia Filosofia, conhecia Mitologia e diversas outras áreas. Escreveu sobre várias faixas etárias, crianças, mulheres jovens, mulheres adultas e sobre a velhice, a exemplo do seu conto *Feliz aniversário*.

A escritora faz uma abordagem poética, utiliza vários elementos da literatura como metáforas, alegorias, fluxo de consciência, antíteses, contradições e paradoxos, como por exemplo, felicidade insuportável; alegria difícil. Bosi (1997, p. 479), ao se referir ao texto de Clarice, diz:

O intensivo de metáfora insólita, a entrega ao fluxo de consciência, ruptura com o enredo factual tem sido constantes do seu estilo de narrar [...]. Há na gênese de seus contos e romances tal exacerbação de momento interior que, a certa altura de seu itinerário, a própria subjetividade entra em crise.

Clarice não se furta do grotesco, ao contrário, acolhe o monstruoso e obsceno. Trabalha com seres abjetos, com a realidade crua, gerando horror, espanto e nojo. Fala de plantas, animais como coelhos, galinha, peixes, baratas.

Sua obra é uma literatura do despertar, faz aparecer, brotar o inesperado, utiliza epifanias, nas coisas simples, como em uma barata, um ovo, um cego mascando chicletes.

Clarice tem um olhar estrangeiro para o mundo, ela vê a vida por um olhar renovado, não de forma organizada, etiquetada. Subverte a gramática, altera as regras de pontuação como acontece no livro, *Uma Aprendizagem ou o Livro dos Prazeres* de 1969, onde começa com uma vírgula, e finaliza com dois pontos. Uma inusitada introdução, apontada pelo crítico Benedito Nunes, como indicação de que o romance deve ser lido como uma continuação das obras anteriores de Clarice Lispector, em especial *A paixão segundo G.H.* (1964), que por sua vez termina com dois pontos.

Subverte também as histórias da mitologia, como acontece no livro *Uma Aprendizagem ou o livro dos Prazeres* em que inverte os pares do Ulisses de Homero, que ao contrário de Penélope, nessa narração é Ulisses quem espera por sua amada, Lóri.

Seus personagens geralmente se deparam com situações muito prosaicas, banais, aparentemente estáveis e sólidas, mas que, de repente nelas entra um elemento de ruptura, como no conto *Amor*, no qual acontece um encontro casual quando uma dona de casa vai às compras e vê um cego mascando chicletes, ou no conto *Os Laços de família* onde um esbarrão de uma mãe com a filha em um táxi faz tudo se desmoronar, provoca momentos de ruptura, revelando a fragilidade que todos nós possuímos.

Em *A descoberta do mundo*, os personagens comuns, ordinários, aparecem em várias crônicas, marcando o interesse de Clarice pela singularidade qualquer. Poderíamos citar várias empregadas domésticas, que aparecem sempre tendo suas particularidades destacadas, assim como motoristas de táxi e tantas outras figuras que perpassam os textos publicados no jornal.

A obra de Clarice Lispector desperta interesse aos psicanalistas. Como podemos situar a escrita clariceana sob o olhar da Psicanálise? Inúmeras são as possíveis respostas, que podem surgir.

A escrita de Clarice Lispector atravessa nosso interior, nos causa espanto, nos tira da zona de conforto, mexe com as pulsões subterrâneas. Nos faz perder a acomodação, a ilusão, a proteção. Entretanto, a obra clariceana não é autoajuda, é o avesso da autoajuda, não tem manual nem receitas, tem relação com o autoconhecimento, busca nossa essência, atravessa nosso íntimo, assim como a análise, descama as defesas, faz revelações, é uma busca de sentidos. Nos leva a refletir quem somos, nos tira de lugares seguros.

Clarice nos desloca do lugar cronificado, do lugar familiar, da repetição e do automatismo. O que foi ficando enterrado em camadas, recalado, vai aparecendo. O inconsciente vai surgindo nos sonhos, nos atos falhos, nos esquecimentos, nos sintomas e na escrita. A psicanálise se interessa por esse processo de revelação, pela busca dos sentidos da história do sujeito.

O sujeito que aparece na obra de Clarice tem muito do sujeito de Freud, sujeito do inconsciente, diferente do cartesiano, que se sentia dono da própria casa. Somos um sujeito dividido, seres divididos, temos internamente um eu estrangeiro. A literatura de Clarice consegue nos revelar, transformar, é desalienante, nos coloca diante de sentimentos de culpa, angústia, medo e inveja, em contato com a vida e morte. Essa escritora nos faz perder as ilusões, a segurança, as garantias, as certezas, nos faz entrar em contato com uma vida pulsando, que

está sobre capas, derruba defesas, abre um baú. Despe, nos desmonta inteira, nos põe em contato com a vida e a morte.

Yudith Rosenbaum, psicanalista e estudiosa da obra clariceana, nos diz que Clarice é uma escritora que não se lê impunemente. Amando-a ou odiando-a, o leitor está sempre marcado por um processo particular. Assim, somos arrebatados por pensamentos que nos colocam em um contato mais íntimo com nossa alma. Por essa maneira, sua escrita torna-se quase visceral.

É uma escritora que provoca no leitor uma espécie de desconstrução, uma quebra de hábitos, uma quebra do conhecido. Rompe barreiras, transgride certos muros e limites. Trata do indizível, faz uso de imagens, metáforas, hipérboles e se aproxima do núcleo mais escondido do ser humano, porém o mais potente. Não é uma literatura de enfeites, é como se abrisse véus e nos mostrasse como é a vida em família, a vida em casal, a violência que existe nas relações. Ela não “assopra” nossas amarguras, ao contrário, nos confronta. “Já que se há de escrever, pelo menos que não se esmaguem com palavras as entrelinhas” (LISPECTOR, 1964).

A própria Clarice, no romance *a Hora da Estrela*, pede que a obra seja lida por pessoas de alma pronta. Aborda temas como angústia, solidão, desamparo, melancolia, eros e tânatos, pulsão de vida, pulsão de morte. O eu e o outro, fazem a obra de clariceana.

Sua obra trata o sentimento do amor, amor em relação à vida, aos relacionamentos humanos e relacionamentos com a família, além de amor à arte.

Provoca estranhamento, que consiste em algo mais íntimo que habita a obra de Clarice. O estrangeiro é o Outro, é de outro lugar, de outra cultura, de outra fala. Do ponto de vista da psicanálise, entretanto, o estrangeiro é o eu, é o real do sujeito. “Não o eu unitário, coerente, idêntico a si mesmo, mas sim, o eu pensado em sua condição paradoxal, dividido discordante, diferente de si mesmo”. O conceito de estranho é um dos mais férteis na obra de Freud (1919), o Unheimlich²⁸.

Em grande parte da narrativa de Clarice, encontramos personagens femininas como protagonistas, quase sempre relacionadas com aquilo que é da ordem do estranho freudiano, ou ainda como denominou Lacan: *estranho íntimo, estranho familiar*. A figura do estranho, do estrangeiro, do outro, aparece na obra de Clarice em meio às cenas domésticas do dia a dia, para

²⁸ Termo alemão utilizado por Freud (1919). “Heimlich” é o familiar, o prefixo negativo “Un”- o estranho é provocado pela aparição no real de alguma coisa que traria de volta à memória algo íntimo: o não familiar que foi familiar um dia, mas teria sido recalçado e vem à tona através das formações do inconsciente, na linguagem por atos falhos, nos sonhos, nos chistes. Isso acontece quando algo na vida do sujeito leva-o a atualizar aquele sentimento.

desconcentrar a personagem. Dessa forma, o estrangeiro surge e desperta o sujeito de sua alienação.

A partir da psicanálise podemos pensar a epifania como a busca de *coisa*, *Das Ding*²⁹ de Freud, objeto mítico perdido que é inventado pela autora brasileira como um acontecimento, uma revelação. É isso que distingue a prática de sua escrita de outros autores e a torna um espaço de investigação privilegiado para a psicanálise. Encontra-se, na obra de Clarice Lispector, um mesmo significante, repetidas vezes: “a Coisa”, inclusive, com a grafia em letra maiúscula. Se há repetição, algo do inconsciente insiste em se apresentar. Pode-se questionar: o que a escritora quis marcar? Que “Coisa” é essa que Clarice insistentemente perseguiu?

Na tentativa de capturar a “Coisa”, Clarice lança a palavra que escoa, emociona, seduz, faz brotar. Sua escrita é um exercício árduo e doloroso de introspecção, é uma aventura interior e a maneira possível de sobreviver às vicissitudes dos inúmeros momentos depressivos. Segundo o que Castello (2011, p. 9) informa, Clarice viveu para buscar o que se esconde atrás do pensamento e não foi pouco o que propôs.

As epifanias experimentadas pelas personagens são desencadeantes de mudanças de rumo dos acontecimentos, ao longo das narrativas. Geralmente são momentos que não duram muito, pois logo vem a retomada do fluxo da realidade, do cotidiano.

No conto O Amor, de *Laços de Família*, temos um momento de epifania quando a personagem Ana, uma dona de casa que se ocupa do marido e dos filhos, tudo corre bem em seu cotidiano. A epifania se dá numa tarde em que Ana vai às compras e, quando estava retornando, no bonde, vê um rapaz cego mascando chicletes, ele mascava goma na escuridão. Sem sofrimento, com os olhos abertos. O movimento da mastigação fazia-o sorrir e parar de sorrir (LISPECTOR, [1960] 2009, p. 19).

A escrita de Clarice faz ruir as construções racionais da civilização, precipitando-nos no universo das pulsões que aludem ao desejo sempre insatisfeito. Esse momento da personagem não a leva a nenhum apostolado nem à loucura.

Kon (1998) diz que a literatura de Clarice Lispector atua para leitor, assim, como o psicanalista para seu analisando, pois permite, no compromisso com seus textos, por meio de suas palavras, vislumbrar o que até então era pura invisibilidade. A potência de criação presente em suas palavras e no intuito, concomitante, de salientar a presença desta mesma força criadora intrínseca ao fazer psicanalítico. “A presença de Clarice, seu gesto literário, certamente, nos

²⁹ “O Ding como Fremde, estranho e podendo mesmo ser hostil num dado momento, em todo caso como o primeiro exterior, é em torno do que se orienta todo o encaminhamento do sujeito” (LACAN, [1959-1960] 1997, p. 69).

permite transmutações. Suas palavras abrem para nós um novo espaço, que, sem seu gesto, permaneceria invisível e silencioso” (KON, 1998, p. 26).

Noemi continua a dizer sobre a obra clariceana, “sua obra é terapêutica, no sentido mais profundo que essa palavra possa ter, pois nos permite uma reorganização de nosso ser no mundo. Sua presença é transfiguradora, mas não por nos curar de nossas dores e de nossas doenças, não por dissimular nossos conflitos, não por amenizar nossa busca de ser. Ela não amortece nossas loucuras, ela não ameniza nosso estranhamento frente ao mundo e a nós mesmos” [...]. Clarice Lispector com suas palavras nos faz olhar no olho de nossas entranhas, a céu aberto, apontando a direção do vértice do furacão de nós mesmos, na busca violenta da aprendizagem do ser.

O crítico literário, Benedito Nunes, um grande estudioso da obra de Clarice, ao situá-la no contexto histórico nos diz que a história de seus livros recorta-se, no longo período pós-modernista em que aparecem, com uma fase fecunda da arte e da literatura brasileira, quando surge a poesia de João Cabral de Melo Neto, os grandes poemas de Carlos Drummond de Andrade, a novelística de Guimarães Rosa, e quando, a partir da década de 50 desenvolveram-se as vanguardas poéticas que como o concretismo, trouxeram novas exigências de fruição do texto literário como trabalho de linguagem.

Para Antonio Candido, o que surgia com Clarice “era o trabalho sobre a palavra que gerava o mistério, devido à marcha aproximativa do discurso que sugeria sem indicar, cercava sem indicar, cercava sem atingir, abria possibilidades múltiplas de significado”.

3.4 A OBRA A HORA DA ESTRELA

Tudo no mundo começou com um sim. Uma molécula disse sim a outra molécula e nasceu a vida. Mas antes da pré-história havia a pré-história da pré-história e havia o nunca e havia o sim. Sempre houve. Não sei o quê, mas sei que o universo jamais começou (LISPECTOR, 1977, p. 11).

A Hora da Estrela foi a obra mais estudada de Clarice Lispector, em várias áreas do conhecimento, como psicologia, sociologia, ciências jurídicas e outras. Muitas questões foram trabalhadas nessa obra, o feminino, questões de classes sociais, o regionalismo dos nordestinos, papel da mulher na sociedade, cidadania já que Macabéa não tinha um lugar entre muitas outras questões.

O romance não segue um percurso convencional, além da história de Macabéa, há no romance a história de Rodrigo S. M, o personagem narrador e a descrição de seu processo criativo. Rodrigo e Macabéa não fazem parte do mesmo ambiente, a jovem pela sua condição de retirante e ele por ser visto com maus olhos pela classe média e não conseguir alcançar pessoas como a protagonista, toda a expressão do texto é para se explicar. Rodrigo S. M. acaba priorizando o relato dos recursos textuais a falar de Macabéa, que ironicamente só ganha papel de destaque perto de sua morte.

Em *A Hora da Estrela*, Clarice adota algo incomum em suas obras. Através da protagonista, a autora descreve uma nordestina que vem para o Rio de Janeiro em busca de melhores condições de vida. Esta é uma obra-prima da literatura brasileira, principalmente pelas reflexões de Rodrigo S. M. sobre o ato de escrever, sobre sua própria vida e pela anti-heroína Macabéa.

Clarice Lispector, comentou sobre *A Hora da Estrela* em sua entrevista televisionada, mencionou que acabara de completar um livro com treze nomes, treze títulos, embora tenha se recusado a citá-los. Ela diz, que trata da estória de uma moça, tão pobre que só comia cachorro-quente. Mas a estória não é só isso, é sobre uma inocência pisada, de uma miséria anônima. Na mesma entrevista, faz referência a sua infância no nordeste brasileiro, fala também de uma visita que fez a uma feira onde nordestinos se reuniam em São Cristóvão. Ela diz ter sido neste local que capturou “o ar perdido” do nordestino na cidade do Rio de Janeiro.

As obras de Clarice Lispector retratam a alma do povo e da cultura brasileira. Macabéa é exemplo de um nordestino que vai até as grandes capitais do Sudeste em busca de uma vida melhor, porém se depara com um mundo que não foi feito para ela. A busca pela identidade da personagem se dá sempre que ela não se percebe como pessoa, apenas sobrevive.

Esse foi o último livro de Clarice Lispector publicado em vida, em 27 de outubro de 1977, pouco antes de sua morte. O romance recebeu adaptação filmica³⁰ no ano de 1985, do gênero drama, o primeiro longa metragem dirigido por Suzana Amaral³¹.

O filósofo, professor de literatura e crítico literário Benedito Nunes acompanhou toda a produção literária de Clarice Lispector, à medida que cada livro era publicado, oferecendo

³⁰ A Hora da Estrela é um filme brasileiro de 1985, do gênero drama, o primeiro longa-metragem dirigido por Suzana Amaral. O roteiro é uma adaptação do romance homônimo de Clarice Lispector. Fizeram parte do elenco Marcélia Cartaxo, José Dumont, Tamara Taxman, Umberto Magnani, Dirce Militello e Fernanda Montenegro. O filme recebeu vários prêmios dentre eles o Urso de Prata do Festival de Berlim, realizado em 1986 na Alemanha, de melhor atriz para a atriz Marcélia Cartaxo. Em novembro de 2015, o filme entrou na lista feita pela Associação Brasileira de Críticos De Cinema (Abraccine) dos 100 melhores filmes brasileiros de todos os tempos.

³¹ Suzana Amaral, foi cineasta e roteirista brasileira, nasceu em São Paulo, 28 de março de 1932 - faleceu em São Paulo, 25 de junho de 2020.

estudos teóricos que auxiliaram na recepção da obra da ficcionista no meio acadêmico, ele percorreu sobre *A Hora da Estrela*.

O romance narra a história e as desventuras da personagem Macabéa, uma jovem nordestina, de 19 anos, ingênua, recém-chegada ao Rio de Janeiro, com valores e cultura diferentes que leva uma vida simples e sem grandes emoções. A narrativa é feita nas palavras de um escritor fictício chamado Rodrigo S M, personagem narrador, que escreve como se confessasse sua própria dor de existir, sua mágoa, sua culpa e sua angústia. Teria que ser contado por um homem, pois, segundo Clarice, uma mulher poderia chorar piegas.

A personagem principal vive uma miséria anônima como se estivesse o tempo todo sendo esmagada, pela amiga, pelo namorado e principalmente pela própria vida, de datilógrafa, de alguém que come todos os dias a mesma coisa, e que gosta de Coca-Cola. “Quando acordava não sabia mais quem era. Só depois é que pensava com satisfação: sou datilógrafa e virgem e gosto de coca-cola. Só então vestia-se de si mesma, passava o resto do dia representando com obediência o papel de ser” (LISPECTOR, 1998, p. 36).

Conhece Olímpico de Jesus, um ambicioso nordestino, que não vê nela chances de ascensão social. Assim sendo, abandona-a para ficar com Glória, colega de trabalho de Macabéa.

Gloria percebe a tristeza da colega e a aconselha a buscar consolo numa cartomante. Madame Carlota prevê um futuro feliz, no qual ela conhecerá um estrangeiro, um homem louro. No entanto, ao sair da casa da cartomante, Macabéa é atropelada por uma Mercedes amarela, guiada por um homem loiro, cai no asfalto e morre. Podemos pensar se essa foi sua Hora da Estrela.

A Hora da Estrela traz consigo a forte presença de um narrador que conta a história ao mesmo tempo em que a escreve, característica peculiar da autora. Clarice Lispector cria Rodrigo S. M. para contar a história de Macabéa, pois essa história não poderia ser contada por uma mulher,

Capturado de relance, pelo sentimento de perdição no rosto de uma moça nordestina, surge ao narrador (autor) inspiração romanceada para escrever uma história verdadeira, porém inventada. Diz o narrador: “A moça é uma verdade da qual eu não queria saber [...] Que cada um de nós a reconheça em si mesmo” (LISPECTOR, 1998). E acrescenta:

De uma coisa tenho certeza: essa narrativa mexerá com uma coisa delicada: a criação de uma pessoa inteira que na certa está tão viva quanto eu. Cuidai dela porque meu poder é só mostrá-la para que vos a reconheçais na rua, andando de leve por causa da esvoaçada magreza. E se for triste a minha narrativa?

Depois na certa escreverei algo alegre, embora alegre por quê? Porque também sou um homem de hosanas e um dia, quem sabe cantarei loas que não as dificuldades da nordestina (LISPECTOR, 1998, p. 19).

Rodrigo assume, portanto, o papel de autor da história. Tem em suas mãos o destino da história, logo também o de Macabéa. “O narrador é onipotente, cria um destino. É onisciente, pois sabe tudo a respeito de suas personagens. A verdade é que o narrador inventa, ele não a conhece inteira” (LISPECTOR, 1998). Rodrigo S.M., então, joga através de sua narração a vida de Macabéa. Vida essa que não tem sentido, pois a protagonista não se dá conta de que está viva. Isso faz com que o narrador algumas vezes se sinta culpado, mas não o impede de seguir contando as desventuras da nordestina.

Rodrigo S. M. não mede esforços em sua escrita para tentar achar argumentos plausíveis para contar tal relato, que, segundo ele, não merece ser contado. Com essa briga interior, a história é iniciada, porém demora grande parte da narrativa para que ela ganhe de fato esse tom. O narrador está angustiado, tem medo, delicado com as palavras, mas pulsa um desejo de dividir a sua descoberta, se estende em explicações e questionamentos pessoais. Desnuda-se para o leitor, revela suas fraquezas e suas falhas como pessoa que tenta contar a história, deixando o enredo de lado muitas vezes, soltando aos poucos informações sobre a jovem e sua vida, para apenas no meio da narrativa começar a fluir o enredo da história, cuja linguagem se sobrepõe aos fatos e ao possível enredo na literatura de Clarice Lispector.

O narrador explica que essa história está sendo contada ao mesmo tempo em que é escrita, ou seja, é uma realidade inventada. Macabéa existiu em algum lugar e tempo, e através da linguagem de seu narrador imortalizada com sua história para si. Rodrigo S. M diz que está cansado da literatura e por isso não usará “termos suculentos” e frisa que ele poderia utilizar da linguagem para deixar a obra com um nível de linguagem espetacular, porém é hora de ser mais simples, visto que a história merece esse tom. “Não, não é fácil escrever. É duro quebrar rochas. Mas voam faíscas e lascas como aços espelhados” (LISPECTOR, 1998, p. 19).

Escrevo por não ter nada a fazer no mundo: sobrei e não há lugar para mim na terra dos homens. Escrevo porque sou um desesperado e estou cansado, não suporto mais a rotina de me ser e se não fosse a sempre novidade que é escrever, eu morreria simbolicamente todos os dias. Mas preparado estou para sair discretamente pela saída da porta dos fundos. Experimentei quase tudo, inclusive a paixão e o meu desespero. Agora só queria ter o que eu tivesse sido e não fui (LISPECTOR, 1998, p. 21).

O livro vai sendo concebido a partir da coragem do narrador em contar a história de Macabéia, desde a descoberta da existência da personagem, o seu nome, de onde veio e o que irá acontecer com a vida.

A partir do momento que a protagonista vai visitar uma cartomante para descobrir seu futuro, o narrador aqui permite que o texto evolua para o momento mais importante da obra. A personagem Macabéia é uma jovem nordestina de 19 anos, pobre, desnutrida, miserável que mal tem consciência de existir. Órfã desde os dois anos de idade, já não sabia mais ter tido pai nem mãe, tinha esquecido seus nomes e o gosto de tê-los. Desamparada no mundo, nada sabia do seu não saber, da sua história e do seu lugar no mundo.

Sobre a vida da jovem, nascera com maus antecedentes, fruto de um cruzamento de o quê com o quê, de uma ideia vaga. Sua mãe não sabia se ela iria vingar e fez promessa para Nossa Senhora da Boa Morte³². Quando criança, perdera o apetite, conservando, sua única paixão, descoberta pelo sabor de goiabada com queijo, interdita muitas vezes como castigo, pela tia encarregada de sua educação, após a morte de seus pais.

Cresceu num ambiente hostil, vazio e sem afeto. Foi criada pela sua única parente, uma tia beata, muito rígida na sua educação, que lhe aplicava castigos severos, dava-lhe cascudos e muitas vezes era punida sem saber o porquê.

Viaja de Alagoas para sobreviver na conturbada cidade do Rio de Janeiro onde compartilha um quarto de pensão com mais quatro moças. Apesar de ter estudado pouco e não saber escrever direito, Macabéia faz um curso de datilografia que a possibilitou conseguir um emprego. Tinha poucas noções da língua portuguesa e de datilografava mal. Fazia da profissão de datilógrafa sua única consistência, identidade que fora proporcionada pela tia que a criou. Era com as palavras que tinha que lidar e sendo “incompetente para a vida, pois lhe faltava o jeito de se ajeitar” errava como datilógrafa, pois era errante na vida.

Macabéia cheirava mal, pois raramente tomava banho, uma colega de quarto não sabia como avisar-lhe que seu cheiro era murrilhento. À noite, não dormia por causa de uma tosse persistente, da ásia – em virtude do café frio que tomava antes de se deitar – e da fome, que ela disfarçava comendo pedacinhos de papel. Tinha hábitos e manias que aliviavam um pouco a

³² Nossa Senhora da Boa Morte é um dos títulos atribuídos a Nossa Senhora pela tradição católica. De acordo com as crenças da Igreja Católica Romana, da Igreja Ortodoxa, das Igrejas Ortodoxas Orientais e parte do Anglicanismo, a mãe de Jesus foi assuntada ao céu de sua vida terrestre. Tanto é que dia 15 de agosto, quando é celebrada Nossa Senhora da Boa Morte pelo sincretismo religioso, na Igreja Católica se celebra a festa de Nossa Senhora da Assunção. A veneração a Nossa Senhora da Boa Morte é uma tradição católica que ganhou margem nas religiões afro-brasileiras, sua imagem pode ser venerada em Salvador, Bahia, na igreja da Glória e Saúde, mas é na cidade de Cachoeira no Recôncavo baiano onde são realizadas as maiores celebrações organizadas anualmente pelas Irmandade da Boa Morte.

solidão e o vazio de sua existência. Entretinha-se ouvindo a Rádio Relógio num aparelho emprestado das colegas de quarto. A jovem pouco compreende da vida, sua única ligação com o mundo era o rádio relógio, que informa sobre curiosidades, e, mesmo sem entender, repetia e trazia palavras aleatórias em seus diálogos com o namorado, Olímpico de Jesus, ou com qualquer um que lhe desse um pouco de atenção. “Ele falava coisas grandes mas ela prestava atenção nas coisas insignificantes como ela própria” (LISPECTOR, 1998, p. 52).

O narrador fala: “Quanto à moça, ela vive num limbo impessoal, sem alcançar o pior nem o melhor. Ela somente vive, inspirando e expirando, inspirando e expirando. Na verdade, para que mais que isso? O seu viver é ralo (LISPECTOR, 1998, p. 23). É uma pessoa de vaga existência, tão tola que sorria para os outros na rua, sem ao menos ser olhada.

Olímpico de Jesus, é um operário que trabalha numa metalúrgica e ao contrário de Macabéa, que quer apenas ser, ele parece querer o poder, querer um lugar no mundo. Também veio do Nordeste, se dizia inteligente e almejava um cargo público, sonhava ser deputado. Olímpico se apaixona por Glória, colega de trabalho de Macabéa, termina o namoro com a nordestina e diz a ela: “Você, Macabéa, é como um cabelo na sopa. Não dá vontade de comer.” (LISPECTOR, 1998, p. 60). Na verdade, Olímpico nunca mostrou satisfação em namorar Macabéa, seu amor por ela era “pálido”.

O narrador diz: “Maca, porém, jamais disse frases, em primeiro lugar por ser parca de palavras. E acontece que não tinha consciência de si e não reclamava nada, até pensava que era feliz. Não se tratava de uma idiota mas tinha a felicidade dos idiotas” (LISPECTOR, 1998, p. 69).

A nordestina, de fato, tinha vergonha da verdade, mas aceitou o conselho de Glória para procurar uma cartomante, já que este seria o ponto alto de sua existência.

A cartomante, D. Carlota, revela seu destino glorioso de estrela cadente? conhecera um homem loiro, de olhos azuis, num grande carro que trará para ela a felicidade e o calor para uma existência confortável. Sentindo-se animada com a vida, Macabéa sai da cartomante aos tropeços. “Então ao dar o passo de descida da calçada para atravessar a rua, o Destino (explosão) sussurrou veloz e guloso: é agora, é já, chegou a minha vez!” (LISPECTOR, 1989, p. 79).

O narrador conclui: “Terá tido ela saudade do futuro. Ouço a música antiga de palavras e palavras, sim e assim. Nesta hora exata, Macabéa sente um fundo de enjôo de estômago e quase vomitou, queria vomitar o que não é corpo, vomitar algo luminoso. Estrela de mil pontas” (LISPECTOR, 1998, p. 85).

4 MACABÉA E O SUJEITO DA REALIDADE: A COMPREENSÃO DA CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO A PARTIR DE UMA ANÁLISE INTERTEXTUAL ENTRE CASOS CLÍNICOS E CASO FICCIONAL

Neste capítulo, apresentam-se reverberações de Macabéa na clínica. Ademais, apresenta-se a ideia das Macabéas de hoje, mulheres que criaram um espaço de luta e de voz.

4.1 COMPREENSÃO DA CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO A PARTIR DA ANÁLISE DA PERSONAGEM MACABÉA E RECORTES DE CASOS CLÍNICOS

Dada a complexidade que envolve a constituição do sujeito, por vezes, torna-se útil atingir sua compreensão por meios ou caminhos indiretos. O próprio Freud assim o fez, ao analisar a natureza humana por meio da Literatura. É por essa razão que esse universo entra no presente estudo como uma forma para atingir uma compreensão mais aprofundada acerca de como se dá na constituição humana, ao considerar a Literatura como uma forma de reflexão da humanidade através da personagem Macabéa.

Quando um bebê nasce, entra num campo simbólico e, para se tornar um sujeito, ele precisa ser acolhido e cuidado, numa relação afetiva e libidinal com o Outro, supostamente com a mãe. Esse encontro acontece pelo olhar, pela voz, pelas palavras ditas, pelo desejo materno, o lugar que o bebê ocupa no imaginário dos pais, pela nomeação. Antes que essa criança fale, ela é falada. Precisa de um *lugar* para chamar de seu, de alguém que lhe ofereça uma *nomeação*, alguém que lhe insira na ordem simbólica da linguagem. Esse processo se dá a nível inconsciente, o bebê está submetido a uma alienação, que se distingue do Eu.

Para a Psicanálise, na concepção de Lacan, existe no sujeito, uma *falta simbólica*, que é constituinte e estruturante. O sujeito não é completo, essa a falta é a causa de desejo. Na análise da vida de Macabéa, percebe-se que, além da *falta* comum a todos os sujeitos desejantes, essa personagem passou por privações, constituiu-se pela negativa, pela ausência, pela precariedade.

Faltou-lhe os pais quando ficou órfã aos dois anos. Foi criada por uma tia beata que lhe dava cascudos e aplicava castigos severos.

Faltou-lhe palavras constituintes, durante a madrugada, ligava o rádio emprestado por uma colega de moradia, escutava a rádio relógio com o tic-tac, de forma mecânica, com palavras sem endereçamento, sem afeto. Repetia palavras soltas, aleatórias, sem significados para ela. Em conversa com Olímpico, ela diz: “Eu gosto tanto de ouvir os pingos de minutos do tempo assim: tic-tac-tic-tac-tic-tac. A Rádio Relógio diz que dá a hora certa, cultura e anúncios. O que

quer dizer cultura? Olímpico responde: Cultura é cultura” (LISPECTOR, 1998, p. 50). O narrador diz: “Ela falava sim, mas era extremamente muda: Uma palavra dela eu às vezes consigo, mas ela me foge por entre os dedos” (LISPECTOR, 1998, p. 29).

Faltou o olhar materno, a função escópica, estruturante e fundamental no estádio do espelho, que Lacan se refere. Isso acontece quando a criança sai da relação dual com a mãe e inicia a captação de sua imagem, embora ainda sustentada pelo Outro do espelho. O reconhecimento desse Outro (a mãe) é que permite o sujeito existir. O narrador diz: “A pessoa de quem vou falar é tão tola que às vezes sorri para os outros na rua. Ninguém lhe responde ao sorriso porque nem ao menos a olham” (LISPECTOR, 1998, p. 16). “Ninguém olhava para ela na rua, ela era café frio” (LISPECTOR, 1998 p. 27).

Quanto ao desejo da mãe, é duvidoso, não se sabe o que de fato ele desejava. Pois, não sabendo se a filha iria vingar, fez uma promessa para Nossa Senhora da Boa Morte. O que esta mãe desejava na verdade? Seria a vida ou morte? Qual o seu verdadeiro desejo?

Faltou para Macabéa um nome próprio, pois até um ano e meio não tinha nome, não era chamada.

Analizamos e concluímos que Macabéa tornou-se um sujeito precário, uma pessoa sem vontade própria, à mercê do outro, sem um lugar no mundo e sem saber se posicionar diante das pessoas. Sem perspectivas de futuro, sem graça e sem atrativo no corpo.

Sentia uma espécie de culpa, desculpava-se com as pessoas o tempo todo: “me desculpe, me desculpe”. Houve um episódio em que Macabéa se desculpou para o patrão, Sr. Raimundo Silveira. “– Me desculpe o aborrecimento” (LISPECTOR, 1998, p. 25).

Macabéa parece ser seu próprio erro, parece que ter vingado foi um erro, não se adequa aos lugares e às situações.

O narrador diz: - “que ela era incompetente. Incompetente para a vida. Falta-lhe o jeito de se ajeitar. Só vagamente tomava conhecimento da espécie de ausência que tinha de si mesma. Se fosse uma criatura que se exprimisse diria: o mundo é fora de mim, eu sou fora de mim” (LISPECTOR, 1998, p. 24).

Macabéa é um sujeito primitivo, apresentava pulsões desordenadas, comia papel antes de dormir, ou comia exageradamente até passar mal. Certo dia, num almoço, na casa de Glória, sua colega de trabalho, comeu em excesso até vomitar.

Sente dores no corpo que não sabe identificar, nem nomear. Comia aspirina, mastigava, mastigava, mastigava. Quando questionada por Glória, sobre a constante ingestão de aspirinas, Macabéa diz: “é para eu não me doer [...] eu me dão o tempo todo. Glória continua perguntando, onde dói, responde: - Dentro, não sei explicar” (LISPECTOR, 1998, p. 62).

Não tinha bons hábitos de higiene com as roupas nem com ela mesma. Dormia sem tomar banho, comia enquanto digitava, sujava os papéis do trabalho.

Com relação ao corpo, tinha um corpo mortificado, quando criança recebia cascudos da sua tia. Faltou investimento libidinal no seu corpo. O narrador diz, “não tinha aquela coisa delicada que se chama encanto. Só eu a vejo encantadora. Só eu o seu autor, a amo” (LISPECTOR, 1998 p. 27). Somente quando foi morar no Rio de Janeiro e dividir o quarto com as moças e também quando conheceu Glória, começou a observar como elas se arrumavam e usavam batom. “A mulherice só lhe despertaria tarde porque até no capim vagabundo há desejo de sol (LISPECTOR 1998, p. 28).

No que diz respeito às pessoas que conheceu ou com quem conviveu, foram relações frágeis, rarefeitas, que lhe deixaram desamparada. Olímpico tratava a moça de forma ríspida, e falava palavras grosseiras. Em um dos encontros ele diz: “Você, Macabéa, tem cara de quem comeu e não gostou, não aprecio cara triste, vê se muda essa expressão”. Consternada, ela responde: “Não sei como se faz outra cara” (Lispector, 1998, p 52).

A cartomante foi a pessoa que olhou para ela e lhe trouxe palavras, fez o que uma mãe faria, chamou seu nome carinhosamente. Surgiu na vida de Macabéa por intermédio de Glória, que indica os serviços para a amiga. É essa mulher que coloca nas mãos de Macabéa a possibilidade real de uma vida feliz, ao mesmo tempo, ocorre a sentença final da vida da personagem. A figura da cartomante surge como algo que engana, cumpre o seu papel, mas também plantou uma esperança, causando uma pequena felicidade.

Na obra *A Hora da Estrela*, a autora acrescenta o fato de o nome próprio, outro aspecto da linguagem e, portanto, simbólico, ter implicações diretas com a constituição e direcionamento das ações da personagem principal, a saber, Macabéa. Ela só é nomeada na metade do livro, sendo necessário quarenta páginas para que o seu nome fosse escrito. O narrador diz: “Ah que medo de começar e ainda nem sequer sei o nome da moça” (LISPECTOR, 1998, p. 19). Macabéa não sabe o que significa seu nome, sabe apenas que recebeu devido a uma promessa materna.

Quando questionada, por aquele que viria a ser seu namorado, Olímpio de Jesus, ela explica que até um ano de idade não era chamada porque não tinha nome. Recebeu o nome Macabéa, uma promessa feita por sua mãe à Nossa Senhora da Boa Morte se ela vingasse. Diz ela: “eu preferia continuar a nunca ser chamada em vez de ter nome que ninguém tem, mas parece que deu certo [...] Pois como o senhor vê eu vinguei” (LISPECTOR, 1998, p. 43).

Conheceu a morte desde o nascimento, ainda que sob a forma de desconhecimento, o que a fez acreditar que ela seria diferente, que nunca morreria. Seu próprio nome aponta para

um contraste, pois ela não se aproxima nada da índole heroica dos lutadores Macabeus. O nome da personagem, ao ser, algumas vezes, referido pelas sílabas iniciais – Maca – mantém uma analogia com o fato de que Macabéia seria no plano metafórico nome de doença, de pobre, de gente sem conhecimento. E, no plano efetivo, conforme se concretiza no final do romance, portadora da morte.

Com a promessa de morte inscrita em seu nome pelo desejo materno, a única coisa que lhe restava era garantir sua vida – inspirando e expirando sem indagar o porquê, como se o mundo fosse fora dela e ela fosse fora do mundo.

Macabéia é um nome efetivamente bíblico, de origem judaica, relativo aos Macabeus, família sacerdotal guerreira; contra muitos, venceram o desafio transcendendo povo sofrido, mas valente. Embora fossem poucos lutando contra muitos, venceram o desafio, transcendendo os limites da natureza.

Na vida real, assim como na literatura, acontecem histórias difíceis. Para ilustrar, trazem-se fragmentos do caso clínico de uma jovem (tratada neste trabalho por “M”) do alto sertão da Paraíba, nordestina, assim como Macabéia. Sua mãe não queria esta gestação, tomou remédios, chás, para perder o bebê, mas a gravidez prosseguiu e, aos sete meses de gestação, o bebê nasceu. Chegou uma criança magrinha, muito pequena e raquítica.

Assim como a mãe de Macabéia, que não sabia se a filha iria “vingar” e fez uma promessa para Nossa Senhora da Boa Morte, a mãe de “M” também recorreu ao religioso, chamou às pressas um padre e uma tia para batizá-la, para a criança não morrer pagã. A mãe, achando que a filha não sobreviveria, comprou um caixãozinho e ficou aguardando que ela morresse. O tempo foi passando, a criança foi crescendo, desenvolvendo-se e, como visto, não morreu. O caixão continuou na sala de uma casa pequena, de uma família pobre do alto sertão

“M” cresceu, tornou-se uma criança muito levada e traquina, quando aprontava travessuras, sua mãe lhe falava: “Ô menina danada! Essa é tão ruim que nem morreu”. Diante desse contexto, pode-se refletir e questionar como crescer e se estruturar, ouvindo essas palavras tão fortes.

Macabéia ficou órfã e foi criada por uma tia severa que lhe dava cascudos e aplicava castigos severos; no caso de “M”, sua mãe viajou para morar noutra cidade, levou a filha mais nova e lhe deixou com o pai e três irmãos mais velhos. Passou a ser cuidada pela tia madrinha, que lhe colocou bem cedo para trabalhar, lavando pratos num restaurante.

Na infância, “M” passou por privações, até os alimentos eram restritos, sentiu fome demasiadamente. Comia uma mistura de farinha, com água e óleo, fazia-se uma gororoba, e ela relata: “aquilo inchava na barriga e enganava a fome”.

Depois de longo tempo, sua mãe retorna da viagem, mas continua sendo uma mãe que cortava os prazeres, tal como a tia de Macabéa que lhe dava castigos severos e lhe privava de prazeres simples, tais como comer doce de goiaba.

A vida prossegue, “M” torna-se adulta, trabalha, é uma pessoa dinâmica e determinada. Trabalhava muito, não tinha vaidade nem se incomodava com isso, só percebeu na festa de casamento de uma amiga, quando notou que não havia se preparado, que não comprou uma sandália nem uma roupa nova para a festa. Não foi ao salão nem fez as unhas. Enquanto seu marido estava todo arrumado, cabelo cortado, bem penteado e cheiroso.

Macabéa despertou para se arrumar quando foi morar no Rio de Janeiro e passou a dividir o quarto com quatro moças. Ela observava as moças se arrumando e se interessou por usar batom. Outra influência para Macabéa sobre essa questão do feminino foi Glória, sua colega de trabalho.

“M” segue a vida, trabalhando, casada, porém, quando se torna mãe, sente dificuldades de exercer a função materna. Ora quer fazer pela filha o que não fizeram por ela, quer dar as oportunidades que lhe faltaram, outra hora repete as atitudes da mãe às quais foi submetida. Questiona-se então, como ser mãe, com o modelo de mãe que ela teve.

Tanto Macabéa quanto outra jovem cresceram e viveram num ambiente hostil, vazio e sem afeto, onde eram tratadas com castigos e punições. “M” relata que apanhou muito algumas vezes sem nem saber porque estava apanhando. Mesmo com o tratamento que recebeu, “M” cuidou da mãe na velhice, deu total assistência na doença, até falecer. Fazia de tudo para agradar a mãe, embora nunca fosse reconhecida.

Podemos refletir a respeito das questões econômicas e sociais, Macabéa busca sobreviver no Rio de Janeiro, cidade grande, uma metrópole hostil e marginalizante. O estado não dá garantia de segurança, além de ser um sujeito desamparado pela família, Macabéa está à deriva na cidade grande e vive um desamparo social.

Há os que têm. E há os que não têm. É muito simples: a moça não tinha. Não tinha o quê? É apenas isso mesmo: não tinha. Se der para entenderem, está bem. Se não, também está bem. Mas por que trato dessa moça quando o que mais desejo é trigo puramente maduro e ouro no estio (LISPECTOR, 1998, p. 25).

Euclides da Cunha (1902) quando escreve em *Os Sertões* diz que o “sertanejo (nordestino) é antes de tudo um forte”. Macabéa está numa cidade grande, em um mundo estrangeiro, no entanto, ela insiste, resiste.

Tinha o que se chama de vida interior e não sabia que tinha. Vivía de si mesma como se comesse as próprias entranhas. Quando ia ao trabalho parecia uma doida mansa porque ao correr do ônibus devaneava em altos e deslumbrantes sonhos. Estes sonhos, de tanta interioridade, estavam vazios porque lhes faltava o núcleo essencial de uma prévia experiência de - de êxtase, digamos (LISPECTOR, 1998, p. 38).

Sobre as Reverberações de Macabéa, as mulheres mudaram. Lutam por um lugar no mundo, soltam a voz.

A professora, psicanalista e artista Numa Ciro nos fala sobre as Macabéas, as vozes das mulheres. De forma proporcionalmente contrária, pode-se traçar um paralelo entre a história de Macabéa e a de mulheres que lutam por seu espaço, que fazem de suas dificuldades e limitações uma motivação para ascenderem socialmente e fazerem ecoar a sua voz. É o caso das mulheres do slam, ou melhor, Slam das Minas, como são conhecidas, uma poesia ou grupo de poesia slam constituído por mulheres que buscam por meio dessa arte transmitirem suas vivências, combaterem certos preconceitos sociais, sobretudo relacionados à mulher, e fazerem valer a sua presença na sociedade. Como bem coloca a autora Ciro (2018, p. 31), elas fazem dessa arte, uma “arma” de luta contra a condição de desvantagem das mulheres em relação aos homens com os quais compartilham o mesmo processo de divisão social no nosso país. As mulheres-poetas do Slam são as estrelas das palavras que fizeram a sua Hora. Agora elas elevaram suas vozes, tomaram a palavra no grito e conquistaram o poder de serem escutadas”. A Hora de Macabéa, portanto, não diz respeito apenas ao que poderia ter sido, mas não foi; tem que ver também com a possibilidade, ou as possibilidades, de um porvir que pode ser inventado (CIRO, 2018, p. 33), e por que não dizer: (re) criado! É nesse sentido que se pode dizer que, no que diz respeito à Constituição do Sujeito, Macabéa não foi afetada somente pela qualidade de suas relações, mas também pelo modo como as recepcionou.

Macabéa “vez por outra ia para Zona Sul e ficava olhando as vitrines faiscantes de jóias e roupas acetinadas - só para se mortificar um pouco. É que ela sentia falta de encontrar-se consigo mesma e sofrer um é um encontro” (LISPECTOR, 1998 p. 35). Conversando com Olímpico sobre o que escutava na Rádio ela disse: - “Sabe o que mais eu aprendi? Eles disseram que se devia ter alegria de viver. Então eu tenho. Eu também ouvi uma música linda, eu até chorei.” [...] “A voz era tão macia que até doía ouvir. A música chama-se “Una Furtiva Lacrima”. Não sei por que eles não disseram lágrima” (LISPECTOR, 1998, p.51).

Quando ouviu a música começou a chorar. Era a primeira vez que chorava. Não chorava por causa da vida que levava, mas chorava porque, através da música, adivinhava talvez que

havia outros modos de sentir, havia existências mais delicadas e até com certo luxo de alma. Muitas coisas sabia que não sabia entender (LISPECTOR, 1998, p. 51).

Ademais, Macabéa tinha um sonho, o que mais queria na vida era ser atriz de cinema. Ia ao cinema no dia que recebia o pagamento do seu trabalho, adorava os artistas, conhecia a Marilyn Monroe.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio deste estudo, foi possível constatar que o sujeito se constitui na relação com o Outro, no campo simbólico, através da linguagem, pelo olhar, pela voz, o que é dito, o que é falado, como é desejado, o lugar da criança naquela família, o nome próprio.

Algumas questões foram formuladas sobre a Constituição do Sujeito ao se analisar como se deu a construção e como as lacunas que ocorreram nas primeiras relações com o Outro afetaram a personagem Macabéa.

A constituição do sujeito, por vezes, pode apresentar eventuais marcas, de difícil superação, a depender de como as representações são vivenciadas na relação entre o sujeito advir e as demais pessoas que o circundam, em particular o agente da função materna, na infância. Por outro lado, compreende-se que esse sujeito em constituição é capaz de surpreender as expectativas que, por vezes, lhe são impostas, subvertendo até mesmo o mais negativo desejo, de que muito provavelmente não vingaria, não seria capaz de vencer, por exemplo, a morte. No caso de Macabéa, protagonista da obra, assim como da jovem do caso clínico apresentado, conseguiu superar as más condições que lhe foram impostas e a que foi submetida.

Apesar de toda precariedade, Macabéa gosta de ouvir música, de assistir filmes com Marilyn Monroe no cinema, olhar as divas no cinema, observar as vitrines. Poder-se-ia pensar na arte e na fantasia, como uma saída?

Ciente de que não foi possível responder a todas as questões, almeja-se que este estudo possa servir de inspiração para outros estudos envolvendo a mesma temática.

REFERÊNCIAS

A HORA DA ESTRELA. Adaptação fílmica. Direção: Suzana Amaral, 1985.

AMARAL, Emília. **Para amar Clarice**: como descobrir e apreciar os aspectos mais inovadores de sua obra/ Emília Amaral. 1. ed. Barueri, SP: Faro Editorial, 2017.

ANSERMET, F. **Clínica da origem**: a criança entre a Medicina e a Psicanálise. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2003.

BELLEMIN-NOEL, Jean. **Psicanálise e Literatura**. Tradução de Álvaro Lorencini e Sandra Nitrini. São Paulo: Editora Cultrix, 1978.

BERNARDINO, Leda Mariza Fischer. **As Psicoses não-deciddas da infância**: estudo psicanalítico. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004. (Coleção 1 infância / dirigida por Claudia Mascarenhas Fernandes).

BERNARDINO, Leda Mariza Fischer (org.). **O que a psicanálise pode ensinar sobre a criança, sujeito em construção**. São Paulo: Escuta, 2006.

BIRMAN, Joel. O sujeito no discurso freudiano: a crítica da representação e o critério da diferença”. In. **Estilo e modernidade em psicanálise**. São Paulo: 34, 1997.

BIRMAN, J. **Arquivos do mal-estar e da resistência**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2006.

BOSI, Alfredo. A Interpretação da Obra Literária. In: BOSI, Alfredo. **Céu, Inferno**. Ensaaios da crítica literária e ideologia. São Paulo: Ática, 1988.

BOUKOBZA, Claude. A Constituição do Sujeito segundo Françoise Dolto. In: BERNARDINO, Leda Mariza Fischer (org.). **O que a Psicanálise pode ensinar sobre a criança, sujeito em construção**. São Paulo: Escuta, 2006.

CÂNDIDO, Antônio. “No raiar de Clarice Lispector”. In: _____. **Vários escritos**. São Paulo: Duas Cidades, 1977.

CÂNDIDO, Antônio. No começo era o verbo. In: LISPECTOR, Clarice. **A Paixão Segundo G. H.** Edição crítica. Coordenação de Benedito Nunes. [S.l.]: ALLCA, 1997.

CHEMAMA, Roland. **Dicionário de Psicanálise**. Tradução de Francisco Franke Settineri. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1995.

CIRO, Numa. De Macabéa às minas do Slam ou No princípio era a voz. **Língua, Linguística & Literatura**, João Pessoa, v. 14, n. 1, p. 21-33, dez, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/dclv/article/view/42320>. Acesso: 10 jun. 2021.

CRESPIM, Graciela. **A Clínica Precoce: o nascimento do humano** / Graciela Crespim. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004. (Coleção 1 Infância / dirigida por Claudia Mascarenhas Fernandes).

DICIONÁRIO ENCICLOPÉDICO DE PSICANÁLISE. **O legado de Freud e Lacan**. Editado por Pierre Kaufmann; tradução de Vera Ribeiro, Maria Luíza X. de A. Borges; consultoria de Marco Antonio Coutinho Jorge, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1996.

DOLTO, Françoise. **Seminário de Psicanálise da Criança I**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1990.

DOLTO, Françoise. **Introdução à obra de FRANÇOISE DOLTO**. Transmissão da Psicanálise - Michel H. Ledoux. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1991.

DOLTO, Françoise. **A imagem inconsciente do corpo**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1992.

DOR, Joel. **Introdução à leitura de Lacan: o inconsciente estruturado como linguagem**. Tradução de Carlos Eduardo Reis. 2. reimpr. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989/2003.

ELIA, Luciano. **O conceito de sujeito**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

ELIACHEFF, Caroline. **Corpos que gritam: a Psicanálise com bebês**. São Paulo: Ática, 1995.

FREUD, Sigmund. Projeto para uma Psicologia Científica (1895). In: _____. **Edição Standard Brasileira da Obras Psicológicas Completas**, v. VI. Rio de Janeiro: Ed. Imago, 1974.

FREUD, Sigmund. [1905]. Três ensaios sobre a sexualidade. In: **Edição Standard da Obras Psicológicas Completas**, v. VII. Rio de Janeiro: Ed. Imago, 1974.

FREUD, Sigmund. [1915]. As pulsões e seus destinos. In: **Edição Standard Brasileira da Obras Psicológicas Completas**. v. XIV EBS. Rio de Janeiro: Ed. Imago, 1974.

FREUD, Sigmund. A dissolução do Complexo de Édipo. In: **Edição Standard da Obras Psicológicas Completas**, v. XIX. Rio de Janeiro: Ed. Imago, 1974.

GARCIA-ROZA, L. A. **Introdução à metapsicologia freudiana**. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1991/2000.

GARCIA-ROZA, L. A. **Freud e o inconsciente**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

GODINO CABAS, A. **O sujeito na psicanálise de Freud a Lacan: da questão do sujeito ao sujeito em questão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

GOTLIB, Nádia Batella. **Clarice: uma vida que se conta**. São Paulo: Ática, 1995.

GOTLIB, Nádia Batella, **Clarice fotobiografia**. São Paulo: Edusp/Imprensa Oficial, 2008.

GOTLIB, Nádia Batella. **Clarice: uma vida que se conta**. 7. ed. rev. e amp. São Paulo: Edusp, 2013.

GOTLIB, Nádia Batella, **Clarice fotobiografia**. 3. ed. São Paulo: Edusp/Imprensa Oficial, 2014.

HOMEM, Maria Lucia. **No limiar do silêncio e da letra**: traços da autoria de Clarice Lispector. São Paulo: Boitempo: Edusp, 2012.

JORGE, Marco Antônio Coutinho Jorge. **Fundamentos da Psicanálise de Freud a Lacan**, v. 1, as bases conceituais. 3 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002. (Transmissão da psicanálise).

KON, Noemi Moritz. Clarice Lispector: “certas presenças permitem a transfiguração”. **Revista Percurso**, Maringá, n. 21, jul - dez. 1998. Disponível em: http://revistapercurso.uol.com.br/index.php?apg=artigo_view&ida=610&ori=autor&letra=K. Acesso em: 10 ago. 2021.

LACAN, Jacques. **Escritos**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998. (Campo freudiano no Brasil).

LACAN, Jacques (1949). O estádio do espelho como formador da função do eu. *In*: _____. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

LACAN, Jacques (1953). Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. *In*: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor., 1998.

LACAN, Jacques (1957). A instância da Letra no inconsciente ou a razão desde Freud. *In*: _____. **Escritos**. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Ed., 1998.

LACAN, Jacques. O eu na teoria de Freud e na técnica da Psicanálise (1954-1955) **Seminário, livro 2**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985.

LACAN, Jacques. Os escritos técnicos de Freud (1953-1954) **Seminário, livro 1**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1986.

LACAN, Jacques. Rumo à palavra: três crianças autistas em psicanálise. **Seminário da Identificação Livro 9** São Paulo: Escuta, 1997.

LACAN, Jacques. Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. **Seminário Livro 11**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

LACAN, Jacques. As formações do inconsciente (1957-1958). **Seminário Livro 5**. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

LACAN, Jacques. O sinthoma (1975- 1976) **Seminário Livro 23**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2007.

LISPECTOR, Clarice. **A Hora da Estrela**. Rio de Janeiro: Editora: Rocco, 1998.

LISPECTOR, Clarice. **A descoberta do mundo**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

LISPECTOR, Clarice. As três experiências. In: _____. **A descoberta do mundo**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

LISPECTOR, Clarice. **Laços de Família, contos**. Rio de Janeiro: Rocco, 2009.

LISPECTOR, Clarice. **Todos os contos**. Organização de Benjamin Moser. 1. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2016.

LISPECTOR, Clarice. **Todas as Crônicas**. Prefácio de Marina Colasanti; organização de Pedro Karp Vasquez; pesquisa textual de Larissa Vaz. 1. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2018.

LISPECTOR, Clarice. **Correio para mulheres**. Organização de Aparecida Maria Nunes. Rio de Janeiro: Rocco, 2018.

NASIO, J. D. **Cinco lições sobre a Teoria de Jacques Lacan**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1993.

NASIO, J. D. **Lições sobre os sete conceitos cruciais da Psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

NAZAR, Teresa Palazzo (org.). **Constituição do Sujeito**. Rio de Janeiro: Campo Matêmico, 2008. 113 p. (Psicanálise e pesquisa).

NOLASCO, Edgar Cézar (org.). **A hora da estrela Clarice Lispector (40 anos)**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2018.

NUNES, Benedito. **Leitura de Clarice Lispector**. São Paulo: Quíron, 1973.

NUNES, Benedito. **Introdução crítica de A Paixão Segundo G.** [S.l.]: ALLCA, 1997.

QUEIROZ, Telma Correa da Nobrega. **Do desmame ao sujeito**. 2. ed. Curitiba: CRV 2020.

ROSENBAUM, Yudith. No território das pulsões. In: **Metamorfose do Mal**. Uma leitura de Clarice Lispector. São Paulo: EDUSP/ Imago, FAPESP, 1999.

ROSENBAUM, Yudith. Artig: Literatura e Psicanálise: Reflexões. **Revista Fronteira Z** Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/fronteiraZ/article/viewfile/13039/9539>. Acesso em: 15 maio 2013.

ROUDINESCO, E. Plon M. **Dicionário de Psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

TEPERMAN, Daniela; GARRAFA, Thaís; IACONELLI, Vera (org.). **Laço**. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2020. (Coleção Parentalidade & Psicanálise, 2).

VALLEJO, A.; MAGALHÃES, L. C. (1991). **Lacan: Operadores da leitura**. São Paulo: Perspectiva.